

# **XI SEMINÁRIO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA:**

**PARA ALÉM DA VIOLÊNCIA ÀS ESCOLAS**

Kezia Rodrigues Nunes  
Silvana Ventorim  
Lucas Borges Soeiro  
(Org.)

**Kezia Rodrigues Nunes  
Silvana Ventorim  
Lucas Borges Soeiro  
(Organização)**

**XI SEMINÁRIO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA:  
PARA ALÉM DA VIOLÊNCIA ÀS ESCOLAS**

**ANAIS 2023**



**CURRÍCULOS EM INTERAÇÕES COLABORATIVAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA E NO  
ENSINO SUPERIOR -  
CICLOS  
Vitória, 2023**

## **Universidade Federal do Espírito Santo**

Reitor: Prof. Dr. Paulo Sérgio de Paula Vargas

### **Centro de Educação**

Diretor: Dr. Reginaldo Célio Sobrinho

Vice-Diretora: Dra. Silvana Ventorim

### **Coordenação**

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Kezia Rodrigues Nunes

### **Comissão Organizadora**

Prof. Dr. Iguatemi Santos Rangel

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Kezia Rodrigues Nunes

Prof. Dr. Marcelo Pereira Nunes

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Silvana Ventorim

Prof. Ms. Lucas Borges Soeiro

### **Revisão dos Textos**

Os autores

### **Capa, projeto gráfico, arte e editoração eletrônica**

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Kezia Rodrigues Nunes e Prof. Ms. Lucas Borges Soeiro.

É permitida a reprodução parcial ou total dos textos desta publicação, desde que citada a fonte. Os artigos publicados são de inteira responsabilidade dos autores.

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)  
(Biblioteca Setorial de Educação Física e Desportos da Universidade  
Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

---

Seminário do Estágio Supervisionado em Educação Física: para além da violência às escolas (11. : 2023 : Vitória, ES)  
S471a Anais do XI Seminário do Estágio Supervisionado em Educação Física: para além da violência às escolas [recurso eletrônico] / Kezia Rodrigues Nunes, Silvana Ventorim, Lucas Borges Soeiro (organização). - Dados eletrônicos. - Vitória, ES: Currículos em Interações Colaborativas na Educação Básica e no Ensino Superior - CICLOS, 2023.  
122 p. : il.

Inclui bibliografia.

ISSN: 2764-443X

Modo de acesso: <https://periodicos.ufes.br/sesef/index>

1. Estágios supervisionados. 2. Educação física. 3. Educação física - Estudo e ensino. I. Nunes, Kezia Rodrigues. II. Ventorim, Silvana. III. Soeiro, Lucas Borges. IV. Título.

CDU: 796

## SUMÁRIO

<b>Apresentação</b> .....	6
<b>Folder do evento</b> .....	7
<b>Programação</b> .....	8

### Comunicação oral

#### Educação Física no ensino fundamental

<i>Vôlei, jogos e brincadeiras com bola: experiências na disciplina de Estágio Supervisionado em Educação Física no Ensino Fundamental I</i> .....	10
--	----

**Autores:** Arthur Bittencourt Medina; Gabrielle de Araújo Argolo; José Henrique Repke Novelli; Mateus Gobbi dos Santos; Poliana Sousa Bissoli; Sheison Moreira Santos

<i>Do jogo ao esporte: uma narrativa das experiências formativas vivenciadas no Estágio Supervisionado em Educação Física no Ensino Fundamental I</i> .....	24
---	----

**Autora:** Anna Júlia Moraes Lovati

<i>Esportes adaptados: experiências na disciplina de Estágio Supervisionado em Educação Física nas séries iniciais</i> .....	34
--	----

**Autores:** Hevilyn Carvalho; Iara Pereira Torezani Boschetti; Lucas Maia; Thálisson Paradela; Wendalla Reis

<i>Ginástica para todos: narrativas de formação docente na disciplina de Estágio Supervisionado em Educação Física no Ensino Fundamental I</i> .....	47
--	----

**Autores:** Alice Gabrielli Buffe Buaiz; Camila Maria Damião; João Antônio Gatti; Júlia Couceiro Passos; Lizandra Nascimento Lima; Lucas Rangel Mathias; Lucas Teixeira Moraes; Pedro Henrique Monteiro Silva; Radija Souza Silva; Victor Souza Soares

## **Educação Física no ensino médio**

*Experiências de ensino do atletismo no ensino médio: mediações pedagógicas do Estágio Supervisionado em Educação Física.....*64

**Autores:** Athila Rangel Barreto Soave; Belize Emanuelle Pereira da Silva; Cesar Romão de Oliveira; Daniella de Souza Falcão; Felipe Alves Valadares; Julia Mofati Azevedo; Lucas Salomão Vieira; Luciana Maria Gonçalves Suzano; Mariana Ferraz Simões; Paola Leal Hott; Pierla Izabele da Conceição Vitoria

*Experiências de ensino da Educação Física no ensino médio: integração entre o programa residência pedagógica e o estágio supervisionado.....*80

**Autores:** Iago Barreto; Luan Oliveira de Souza Villa; Núbia dos Santos Alves

## **Memoriais de formação docente desenvolvidos no Estágio Supervisionado em Educação Física**

*Memoriais de formação docente: narrativas dos estudantes do curso de Educação Física da Ufes (2023).....*89

**Autor/a:** Kezia Rodrigues Nunes

*Sair da Bolha.....*90

**Autor/a:** Alice Gabrielli Buffe Buaiz

*Futebol: do proibido ao pertencimento.....*92

**Autor/a:** Camila Maria Damião

*Detestável Futebol Clube.....*94

**Autor/a:** Gabrielle de Araújo Argolo

*Reflexão no saudosismo.....*96

**Autor/a:** Jose Henrique Repke Novelli

*Uma releitura da vida a partir de experiências e potenciais transformações, e reflexões futuras.....*98

**Autor/a:** Sheison Moreira Santos

*Memorial da infância escolar.....*101

**Autor/a:** Danniell Choas Bernardo dos Santos

*Experiências para recordar.....*103

**Autor/a:** Débora Favarato Pereira

<i>Memorial da infância.....</i>	105
<b>Autor/a:</b> João Vitor Silva Neves	
<i>O saber da experiência e as memórias da infância.....</i>	107
<b>Autor/a:</b> Julia Lima Barth	
<i>Memorial das experiências no ensino fundamental.....</i>	109
<b>Autor/a:</b> Patrick Henrique Fernando de Souza	
<i>Oportunizando experiências.....</i>	111
<b>Autor/a:</b> Thaissa da Silva Poton	
<i>Uma reflexão através da leitura do texto e uma busca nas minhas lembranças.....</i>	113
<b>Autor/a:</b> Thalita Amanda Alcantara Correa	
<i>Memória sobre as etapas educativas da infância e a importância da experimentação do estágio escolar.....</i>	115
<b>Autor/a:</b> Victor Huggo Moraes da Conceição	
<i>Memorial do ensino fundamental.....</i>	117
<b>Autor/a:</b> Yuri Phelipe de Pina	
<i>Não sei se tenho ou sou uma experiência.....</i>	119
<b>Autor/a:</b> Zibia Da Silva Amaro	

# XI SEMINÁRIO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA: PARA ALÉM DA VIOLÊNCIA ÀS ESCOLAS

## Apresentação

O *Seminário do Estágio Supervisionado em Educação Física* é um projeto de extensão do grupo *Currículos em Interações Colaborativas na Educação Básica e no Ensino Superior* (CICLOS) do Centro de Educação da Ufes. Com início em 2017, possui recorrência semestral, e se constitui por meio de práticas colaborativas com os sujeitos escolares que contribuem com a realização das quatro disciplinas de Estágio Curricular Supervisionado (ECS) do Curso de Licenciatura em Educação Física da Ufes.

Esses Anais registram um trabalho coletivo produzido pelos docentes e discentes das escolas e da universidade, gestado nas articulações colaborativas, que buscaram fortalecer nossa formação, prática pedagógica e autoridade profissional.

Nesta XI edição do Seminário, com o tema *Para além da violência às escolas*, procuramos ressaltar a necessidade da cultura da paz nas instituições escolares, sobretudo, por meio da tematização, discussão e apresentação de perspectivas didáticas que apostem na vida, na diferença, no amor e nos bons afetos nas ações cotidianas, nas práticas docentes e nas relações cooperativas e colaborativas entre os estudantes.

Os anais do XI evento demarcam, portanto, um espaço de partilha, reflexão e diálogo das experiências de docência com as escolas nos contextos de estágio aos quais propiciam, a cada semestre, aos discentes e aos docentes, a partilha e problematização de suas práticas e a exercitarem a produção de uma escrita acadêmica. Trata-se de mais uma marca de tinta, uma referência, um efeito que reúne parte dos trabalhos dos estudantes que foram apresentados como comunicação oral no seminário. Por fim, estimamos profícuas discussões e problematizações!

Dezembro de 2023.

## Folder do evento

# XI SEMINÁRIO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA: PARA ALÉM DA VIOLÊNCIA ÀS ESCOLAS

**Data:** 21 e 23 de junho 2023  
**Local:** Auditório do CEFD/UFES  
**Horário:** 7h às 12h

**Saiba mais em:** [www.nupec.ufes.br](http://www.nupec.ufes.br)





## Programação

### **XI SEMINÁRIO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA: PARA ALÉM DA VIOLÊNCIA ÀS ESCOLAS**

#### Programação Quarta-feira (21/06/2023):

- 7h - Inscrição
- 7h 30min - Abertura: Práticas colaborativas de formação docente  
Prof. Dr. Marcello Nunes &  
Profa. Dra. Silvana Ventrorm
- 8h - Mesa redonda: Violência às escolas  
Palestrante: Profa. Dra. Silvana Ventrorm
- 9h - Apresentação das Experiências de Estágio Supervisionado
- 11h - Avaliação das atividades

#### Sexta-feira (23/06/2023):

- 7h 30min - Abertura: Práticas colaborativas de formação docente  
Prof. Dr. Iguatemi Santos Rangel &  
Profa. Dra. Kezia Rodrigues Nunes
- 8h - Mesa redonda: Cultura de paz nas escolas e na Ufes  
Palestrante: Prof. Dr. Reginaldo Célio Sobrinho
- 9h - Apresentação das Experiências de Estágio Supervisionado
- 11h - Avaliação das atividades



# **XI SEMINÁRIO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA:**

**PARA ALÉM DA VIOLÊNCIA ÀS ESCOLAS**

## **Comunicação Oral**

**Práticas pedagógicas de Educação Física no ensino fundamental**

## **VÔLEI, JOGOS E BRINCADEIRAS COM BOLA: EXPERIÊNCIAS NA DISCIPLINA DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO FUNDAMENTAL I**

Arthur Bittencourt Medina  
Gabrielle de Araújo Argolo  
José Henrique Repke Novelli  
Mateus Gobbi dos Santos  
Poliana Sousa Bissoli  
Sheison Moreira Santos

### **Considerações iniciais**

Este artigo é uma narrativa das experiências de formação docente vivida na disciplina Estágio Supervisionado na Educação Física no Ensino Fundamental I. Trata da nossa experiência com o conteúdo jogos, brincadeiras e esportes com crianças. Como observado nas diretrizes da prefeitura de Vitória, o conteúdo Jogos e Brincadeiras se enquadram e estão previstos para primeiro e segundo anos do ensino fundamental, como também é observado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018). Juntamente a isso é observado que aspectos históricos, sociais e culturais do esporte também estão previstos, através de gestos básicos, regras, ação tática, esporte como fenômeno social e midiático, assim dentro dos esportes foi trabalhado com a modalidade do vôlei com os quartos anos, como bem é previsto na BNCC.

Trabalhar jogos e brincadeiras são fundamentais na formação das crianças, pois além de proporcionarem momentos de lazer, também contribuem para o desenvolvimento cognitivo, motor e social dos pequenos. No ensino fundamental I, essas atividades têm um papel ainda mais importante, uma vez que ajudam no processo de aprendizagem. Ao utilizar jogos e brincadeiras como recurso pedagógico, os professores podem tornar as aulas mais atrativas e dinâmicas, permitindo que as crianças assimilem melhor os conteúdos, além de ser uma [...] oportunidade de desenvolvimento, descoberta, de testar, inventar, exercitar, criar e recriar, aprender com facilidade, desenvolver sua curiosidade, a autoconfiança e a iniciativa (Silva, 2022, p. 6). Além disso, os jogos e brincadeiras são uma forma de estimular a socialização, a

criatividade e a autoestima das crianças, permitindo que elas desenvolvam habilidades socioemocionais importantes para a vida em sociedade.

O período de intervenção foi realizado em uma escola da Prefeitura Municipal de Vitória/ES. Como as demandas da disciplina de Estágio Supervisionado da Educação Física no Ensino Fundamental I tem como objetivo discutir, problematizar e produzir experiências de formação docente, o grupo se propôs a trabalhá-los na escola da seguinte maneira, nas turmas de 1º e 2º anos identificar o acervo cultural dos jogos e brincadeiras com bola, bem como sua importância; experienciá-los, desenvolvendo respeito e solucionando problemas através do diálogo, além de criar-vivenciar outras formas de jogar e brincar.

Já para os 4º anos, aplicamos objetivos condizentes com o nível de ensino-aprendizagem dos alunos, por meio dos quais eles pudessem se apropriar do caráter formativo presente no voleibol, com as noções de respeito, cooperação e superação de desafios, bem como compreender os fundamentos e características presentes nesse esporte e desenvolver o protagonismo e interesse pelo jogo coletivo.

## **Metodologia**

Em relação a metodologia utilizada em todo o período do estágio, a esquematização do conteúdo, organização das aulas/atividades desenvolvidas ao longo de todo o processo, foi utilizado a Base Nacional Curricular Comum (BNCC) (BRASIL, 2018), como norteador, em comum acordo com a professora regente, na qual sempre esteve disposta a sugerir e orientar as atividades dando opiniões e auxiliando no desenvolvimento de qualquer prática na qual tínhamos elaborado, independente do conteúdo/turma na qual seria trabalhado.

Seguindo a BNCC, para as turmas de 1º e 2º ano, buscamos chegar ao mais próximo dos objetivos descritos do primeiro item, experimentar, fruir e recriar diferentes brincadeiras e jogos da cultura popular presentes no contexto comunitário e regional, reconhecendo e respeitando as diferenças individuais de desempenho dos colegas; e do terceiro item que é planejar e utilizar estratégias para resolver desafios de brincadeiras e jogos populares do contexto comunitário e regional, com base no reconhecimento das características dessas práticas.

Da mesma forma, procuramos chegar ao mais próximo possível para as turmas do 4º ano, conforme os itens 1, experimentar e fruir diversos tipos de esportes de campo e taco, rede/parede e invasão, identificando seus elementos comuns e criando estratégias individuais e coletivas básicas para sua execução, prezando pelo trabalho coletivo e pelo protagonismo; e 2, diferenciar os conceitos de jogo e esporte, identificando as características que os constituem na contemporaneidade e suas manifestações (profissional e comunitária/lazer).

Segundo Larrosa (2002, p. 21), “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca”. Através disso, todo o processo de produção/esquematização das aulas que viriam a ocorrer para os alunos futuramente, foram produzidos buscando desenvolver uma experiência enriquecedora, positiva, engrandecedora, visando tornar as aulas uma experiência positiva para o maior número de alunos possíveis.

## **Desenvolvimento**

O estágio foi realizado na Escola Municipal de Ensino Fundamental Álvaro de Castro Mattos, localizada no bairro Jardim da Penha, um bairro de classe média alta da cidade de Vitória, Espírito Santo. A escola possui uma estrutura física satisfatória (duas quadras, materiais esportivos, auditório, sala de informática, entre outros) que atende em sua maioria crianças brancas e com boas condições financeiras. As aulas também fizeram conexão com a disciplina de Artes, em projetos em colaboração com a Educação Física. Conforme orientação da professora supervisora da disciplina, trabalhos com rodízio de estagiários na condução das aulas. O período de intervenção foi de 2 meses, no primeiro semestre de 2023, totalizando 22 aulas (11 dias), desenvolvidas às quartas-feiras (7:00h às 10:00h) com os 4º anos e nas sextas-feiras (7:00h às 10:00h) com 1º e 2º anos. Neste rodízio organizado em duplas, cada dupla deu aula para todas as turmas. O número de alunos variava entre 23 e 25 por turma.

*Quanto ao período de observação*, fizemos o exercício de identificação das características da escola: espaços como salas, auditório, quadras, refeitório e outros; rotina dos alunos e professores; recursos disponíveis para as aulas. Sobre as aulas de Educação Física, que foram o foco de nossas intervenções, nos limitamos à observação para identificar os diferentes perfis existentes entre os alunos e a dinâmica utilizada

pela professora desde o momento de saída da sala para a quadra, até o momento final, em que retornam.

Desse modo, podemos constatar a organização da professora em relação à rotina realizada, com seus materiais, suas aulas e, principalmente, com seus alunos. Ao longo das aulas, nós compreendemos que toda essa organização é imprescindível para que as crianças compreendam os diferentes momentos, possam colaborar com bom comportamento nos devidos tempos e, assim, conseguirmos manter a atenção delas enquanto realizamos nossas intervenções.

*Quanto ao período de regência*, no primeiro momento da aula, era feita a chamada em sala de aula por um dos estagiários que não estava como responsáveis pela intervenção do dia. Em seguida, os alunos desciam para a quadra em fila e já se dirigiam para o círculo central da quadra onde ocorria a conversa inicial retomando elementos das aulas anteriores, refletindo em um importante momento para captarmos o que eles compreenderam da aula anterior e assim, sabermos em que ponto focar para que atingissem os objetivos gerais e específicos propostos no plano de unidade. Ao final de todas as aulas, nos reuníamos e recebíamos os feedbacks dos colegas estagiários que estavam como apoio nas partes laterais da quadra enquanto a dupla do dia estava ministrando as aulas. A professora também participava deste momento, expondo sua visão, compartilhando conosco dicas e exemplos relacionados à docência em geral e também especificamente para o público atendido. Refletia em nossa presença se os objetivos das práticas realizadas foram ou não alcançados, e as diferentes formas que poderíamos trabalhar nas próximas aulas.

Dentre as coisas que aprendemos no decorrer do período, ressaltamos a forma de manter a atenção e o controle da turma, utilizando principalmente da ludicidade, musicalidade e brincadeiras. Colocamos em prática essa estratégia com finalidade de manter os alunos interessados e concentrados em nossas aulas. Além disso, nos foi possibilitado que utilizássemos o arcabouço teórico obtido nas disciplinas da área da inclusão, para lidarmos com pessoas com deficiência. Tivemos alunos com diferentes graus de autismo, descolamento de retina e uma aluna com paralisia que fazia uso de cadeira de rodas.

Utilizamos diferentes estratégias para que todos participassem ativamente das aulas: para o aluno com descolamento na retina, utilizamos bolas mais leves e macias, a fim de reduzir o impacto; com o aluno com baixo grau de autismo, nos aproximamos mais e falávamos mais pausadamente para que pudesse entender e assimilar os comandos; a aluna com grau mais elevado de autismo se dispersava facilmente e possuía dificuldade para manipular objetos, demandando que usássemos estratégias para prender novamente sua atenção e auxiliássemos no ato de pegar os objetos. A aluna com paralisia demandava que a pegássemos nos braços, para que fizesse as atividades em dados momentos, sendo notório seu sentimento de satisfação quando realizava os circuitos propostos, somados à energias positivas emanadas dos colegas de turma e demais presentes.

Com base nos parâmetros estabelecidos pela BNCC e Diretrizes da Prefeitura Municipal de Vitória, elaboramos os planos de unidade antes que iniciasse nossa atuação na escola. Recebemos sinalização positiva para pôr em prática o planejado e nos organizamos em três duplas para intervir, prezando que todos tivessem a oportunidade de estar à frente dos trabalhos com todas as turmas supracitadas.

Considerando que “A experiência não é um caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem “pré-ver” nem “pré-dizer” (Larossa, 2002. p. 28), reconhecemos a importância fundamental da Educação Física, que se zela em proporcionar novas experiências e vivências, principalmente no que se refere às possibilidades práticas corporais dos estudantes. Tivemos também, escuta sensível para utilizar as experiências que os alunos já possuíam.

## **Iniciação ao Vôlei**

Escolhemos o Vôlei como conteúdo para trabalharmos com as duas turmas de 4º ano ao longo deste estágio, visto que pode ser praticado por pessoas de todas as idades e vivências, sendo uma excelente opção para a iniciação esportiva de crianças. Os alunos da faixa etária em questão, estão, segundo o Modelo de Desenvolvimento Motor proposto por Gallahue e Ozmun (2002) na fase de movimentos especializados, em que as habilidades estabilizadoras, locomotoras e manipulativas fundamentais são

progressivamente refinadas, combinadas e constituídas para o uso em situações que são demandadas de forma crescente.

Dado exposto, compreendemos que o esporte selecionado potencializa tais habilidades, por meio da proposta que aprimora diversas capacidades físicas, como coordenação motora, equilíbrio, agilidade, força, velocidade e resistência. Desenvolve também os domínios sociais e emocionais, como trabalho em equipe, cooperação, respeito às regras e autoconfiança.

Efetuamos então, o processo de iniciação ao vôlei com o objetivo de apresentar de forma lúdica e divertida aos alunos, as técnicas e fundamentos básicos do esporte, como o saque, o passe, o bloqueio, a manchete e a cortada. É importante ressaltar que, o intuito não é formar atletas profissionais, mas sim incentivar a prática esportiva e estimular habilidades motoras e sociais.

Dentre as atividades realizadas, estão: jogos de passes, vôlei de lençol, “Golchet” (com propósito de fazer gol entre as pernas de algum colega dentro do círculo utilizando o movimento da manchete), quiz e cruzadinha com uso dos computadores da sala de informática e jogos mais próximos do jogo institucionalizado.

Reconhecemos que foi uma ótima forma de estimular o interesse dos alunos pela prática esportiva e contribuir para o seu desenvolvimento físico, social e emocional. Para isso, buscamos contextualizar a modalidade, trazendo nossos conhecimentos e levando em consideração a bagagem cultural dos alunos. Muitos deles já possuíam alguma ciência sobre aspectos como reconhecimento de jogadores, regras e movimentos.

Ao final da primeira aula ministrada no 4º ano A observamos que as crianças estavam muito animadas com as práticas que foram realizadas, porém não havia dado tempo de elas experimentarem a rede de vôlei, então um aluno fez o seguinte comentário: “Mas e a rede de vôlei? Eu queria jogar vôlei com ela...” E respondemos que na próxima aula seria utilizada durante toda a aula. Esse comentário nos gerou uma satisfação em notar que eles estavam animados e motivados a praticar as aulas que iríamos propor no período do estágio supervisionado.



**Figura 1** — Aulas com o 4º ano A e B



Fonte: Acervo dos autores (2023).

## **Jogos e Brincadeiras com Bola**

Selecionamos Jogos e Brincadeiras com Bola, como conteúdo para a sequência de aulas do 1º e 2º ano. As crianças dessas turmas se encontram na Fase de Movimentos Fundamentais (Gallahue; Ozmun, 2002), representando um período ativo de envolvimento em atividades exploratórias e na experimentação das capacidades motoras corporais. Essas atividades são fundamentais para que ocorra o desenvolvimento das habilidades locomotoras, manipulativas e estabilizadoras.

Dessa forma, os jogos e brincadeiras com bola ajudam a desenvolver habilidades motoras, como coordenação, equilíbrio, agilidade e força. As crianças aprendem a controlar a bola, a lançá-la e a recebê-la, com a mão e com o pé, o que contribui para o desenvolvimento da coordenação motora grossa e fina, e fazem isso de um modo divertido e lúdico o que contribui para uma aula mais prazerosa e envolvente.

No que diz respeito ao aspecto social, os jogos e brincadeiras com bola promovem de maneira divertida, a interação entre as crianças, estimulando a cooperação, a comunicação, o respeito ao próximo, o cumprimento das regras e o trabalho em equipe. Elaboramos atividades de modo que os estudantes assimilem conceitos importantes para sua formação, aprendendo a dividir, trabalhar em equipe, esperar sua vez, tomar decisões e compreender formas de portar-se em diferentes momentos. Fortalecer a aprendizagem e o desenvolvimento social através da brincadeira é fácil e divertido.

Dentre as atividades realizadas, estão: “sorvebol” (com o objetivo de passar a bola uma para a outra, sem deixá-la cair no chão, utilizando o cone); jogo de passes, com os pés, em roda; passa bola (utilizando os cotovelos e pés sem deixar a bola cair); circuito de condução; circuitos arremessando, chutando e equilibrando.

Além disso, as professoras de educação física e artes trabalham em conjunto com o “Projeto de Vida” e desenvolveram um projeto interdisciplinar com o tema sobre o fundo do mar, dessa forma, a base desse projeto são os livros que tem como personagem principal o peixinho do arco-íris que trazem mensagens de amizade e companheirismo. Tivemos a oportunidade de participar de duas sextas-feiras culturais que eram realizados os planejamentos do projeto fundo do mar, e tiveram atividades culturais muito divertidas como: o teatro sobre a história do peixinho do arco-íris, danças, vídeos, jogos e brincadeiras.

Desse modo, uma das brincadeiras que nós realizamos na sexta-feira cultural foi a caça ao tesouro realizada em uma área extensa da escola como: quadras, arquibancada, refeitório e pátio, que no final tinha um prêmio bem legal para todos os alunos. Também tivemos brincadeiras como bolhas de sabão gigantes feitas com palitos de picolé e barbante. Assim, vimos a euforia e animação das crianças e no fim do dia teve o feedback delas dizendo: “Está sendo o melhor dia das nossas vidas”. É gratificante receber um comentário assim vindo das crianças, uma vez que constatamos que o objetivo das aulas está sendo alcançado.

**Figura 2** — Aulas com o 1º e 2º ano

Fonte: Acervo dos autores (2023).

### **Avaliação**

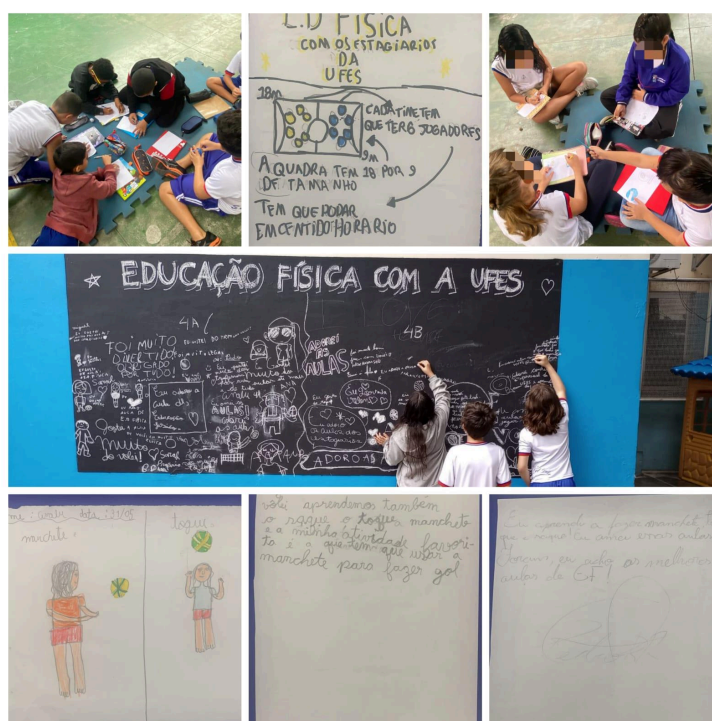
Era de costume a realização de avaliações em forma de diálogo com os alunos nos momentos iniciais e/ou finais das aulas, a fim de captarmos o retorno sobre o andamento dos trabalhos, a fim de que pudéssemos manter ou redirecionar nossas estratégias procedimentais e organizacionais. Ao final do período previsto de nossos encontros na escola, elaboramos atividades avaliativas para todas as turmas que acompanhamos. Para isso, recorremos ao uso de avaliações de natureza investigativa e analítica, opondo-se a uma perspectiva classificatória e excludente. Segundo Muller e Neira (2018, p. 779), “Registrar é dar sentido às atividades de ensino realizadas por meio da retomada e reflexão sobre o que aconteceu na aula, as falas e os silêncios”.

Neste sentido, recorremos à proposta de elaboração de um dossiê de registros feitos pelos alunos. Para as turmas de 4º ano, utilizamos a última aula para tal fim. Utilizaram a lousa posta na quadra para escreverem elementos que internalizaram, como movimentos, regras, acontecimentos, atividades e darem o feedback sobre o

período conosco. Simultaneamente e seguindo a mesma ideia, pedimos para que desenhassem ou escrevessem em uma folha de papel A4 que disponibilizamos.

Já para as turmas de 1º e 2º ano, não foi possível estarmos presentes no dia da avaliação. Entretanto a professora realizou, mantendo nossa metodologia e nos encaminhou fotos com os resultados obtidos. Exigindo o exercício de retomada de memória, consistiu na ilustração ou descrição em uma folha de papel, com as mesmas orientações e intenções da atividade desenvolvida com os alunos do 4º ano.

**Figura 3** — Dados obtidos com os alunos das turmas acompanhadas



**Fonte:** Acervo dos autores (2023).

O Estágio em si trouxe alguns conhecimentos e experiências importantes para nós educadores, pois por meio dele pudemos ampliar nossos olhares sobre questões que envolvem o ensino-aprendizagem. Pedagogicamente as estratégias transcritas e aplicadas a sala de aula, tiveram ao longo do desenvolver do trabalho que serem modificadas de acordo com o protagonismo da turma, pois no intuito de alcançar a participação e o envolvimento de todos foi preciso alterar conteúdos e inserir novas possibilidades de acordo com as vivências trazidas por eles. Com isso, percebemos que o ensino não é algo engessado (planos de aula escritos se diferenciam na prática), ou

seja, ele é transformado socialmente. Outra ampliação por nós observada foi a relacionada ao objetivo da aula executada, que ao final de cada era analisada em grupo para a verificação se o resultado proposto foi alcançado.

No mesmo sentido foi importante a troca de experiências com a professora regente, que nos deu algumas dicas necessárias para manter o controle da turma por meio de músicas e brincadeiras com as quais as crianças se identificavam, e transformá-los em coautores das aulas, interagindo na montagem e organização dos materiais que seriam utilizados durante a execução das atividades. Outro ponto de enriquecimento para os estagiários foi o tratamento dispensado aos alunos da educação especial, pois conseguimos aprender muito com esse público que o trabalho da educação física deve ser aplicado de maneira diferenciada, entretanto, não excluindo do grupo de alunos.

Em relação aos discentes da escola, por meio do nosso ensino puderam ter acesso ao conhecimento dos fundamentos do vôlei (4º anos), bem como, a dinâmica do jogo coletivo, além da ampliação do desenvolvimento motor por meio dos jogos e brincadeiras propostas. O ensino dos jogos e brincadeiras com bola no pé e na mão, foi essencial para o desenvolvimento da cooperação, criatividade, habilidade, afinidade para o 1º e 2º anos, pois foi possível auxiliá-los na aquisição de novos conhecimentos. Ainda no 1º e 2º anos foram aplicados diversos circuitos que envolviam tanto bola como habilidade física com ela, além de transposição de obstáculos que foi significativo para o desenvolvimento motor das crianças.

O estágio supervisionado da educação física no ensino fundamental I foi algo único e enriquecedor para nós estudantes do curso de Educação Física - Licenciatura. Tivemos a oportunidade de colocar em prática os conhecimentos adquiridos em nosso percurso formativo de graduação na área, além de desenvolver habilidades e competências importantes para a nossa carreira como professores.

### **Considerações finais**

Desenvolver o artigo foi importante para o nosso crescimento acadêmico, pois, por meio das atividades aplicadas nas aulas podemos perceber o quanto é fundamental o papel desempenhado por nós professores de educação física no processo de ensino-aprendizagem na escola. A troca de conhecimento adquirida foi de grande valia,

uma vez que ao construirmos um plano de aula e ao longo do seu desenvolvimento ser modificado de acordo com a sua execução, nos mostra que a educação não é algo engessado e sim um movimento de transformação social.

De acordo com Brotto (2001) citado por Teles (2014), por meio dos jogos, a educação física pode ensinar muito mais do que gestos, técnicas, táticas e outras habilidades específicas. Em nossos dias, devemos promover e aperfeiçoar as “habilidades humanas essenciais”. Mantendo o foco que a educação física visa a formação, a humanização e a construção de um cidadão preparado para a sociedade, o ensino na escola se baseou em produzir junto aos alunos conhecimentos sobre os fundamentos iniciais do vôlei e atividades com o uso da bola com os pés e as mãos, elementos essenciais para o desenvolvimento das capacidades lúdicas, cognitivas e motoras.

Durante as atividades foi nítido que houveram diversas trocas, dos alunos para conosco, de nós para com eles e da professora com todos os envolvidos, pois ela já acompanhava as turmas e sabia como lidar em diversas situações cotidianas (organização da turma desde a saída da sala de aula até a quadra, incentivo aos alunos quanto ao uso dos materiais para a aula, utilização de músicas e brincadeiras para manter o domínio da turma, entre outros), o que fez com que o nosso planejamento fosse executado com excelência.

Destaca-se que ao longo do desenvolvimento das aulas surgiram diversos desafios, que nós estagiários conseguimos superar a medida que foram aparecendo, entre eles, o trato com o aluno da educação especial, que até então, nunca havíamos tido contato direto, e precisamos aprender o processo de inclusão deles junto às turmas, cuidando com um carinho especial nos movimentos, na linguagem e nos materiais utilizados, na interação e problematização das atividades com outros alunos.

Outro importante aspecto, foram as inúmeras potencialidades que colaboraram para a execução das aulas, como o espaço escolar, a variedade e riqueza de materiais observados na escola, que contribuíram para a aplicabilidade delas. Além da interdisciplinaridade com matéria de Artes que foi fundamental para o desenvolvimento de um ambiente acolhedor e seguro. Tanto os desafios como as potencialidades foram fundamentais para nossa formação acadêmica, pois ampliaram nossa visão quanto ao ensino da educação física.

O Estágio Supervisionado de Educação Física no Ensino Fundamental I foi uma oportunidade essencial para a nossa formação, pois proporcionou diversos conhecimentos da área e aplicabilidade para a nossa vida e do público que iremos trabalhar em breve. Percebemos que cada sujeito possui características e singularidades que vão contribuir para a construção dos movimentos culturais e corporais para o reconhecimento de si e sua relação com o outro, característica essencial para o processo de humanização e sociabilidade.

Dito isso, compartilhamos de um mesmo pensamento, que nesse processo que vivenciamos nos tornaram professores mais atentos e sensíveis do ponto de vista da avaliação e formação dos nossos alunos e da nossa formação continuada, pois a educação não pode ser exercida de forma bancária como nos mostra Paulo Freire, mas sim, num processo de interação, transformação, de busca por novos conteúdos, que nos direcione para movimentos de inclusão, observando as diversidades e as contemporaneidades que o dia a dia nos exige como educadores sociais.

## Referências

SILVA, Cícera Alindo Maria Monteiro. Jogos e brincadeiras: fator relevante no processo de ensino e aprendizagem para melhoria do rendimento escolar em sala de aula. **Revista Científica Multidisciplinar**, Núcleo do Conhecimento. Ano. 07, Ed. 09, Vol. 05, pp. 111-124. Setembro de 2022.

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ. [online]**. 2002, n. 19, p. 20-28.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília, 2018.

SOUZA, Thiago Mattos Frota de *et al.* A importância do voleibol enquanto lúdico e modalidade desportiva dentro da educação física escolar. **Anuário da Produção Acadêmica Docente**, [s. l.], v. 4, n. 7, p. 115-124, 2010.

NUNES, Kezia Rodrigues; VENTORIM, Silvana. Narrativas de Formação Docente: Experiências no Estágio Supervisionado em Educação Física. **Contrapontos**, Florianópolis, v. 17, n. 3, p. 460-484, set. 2017 .

MÜLLER, A.; NEIRA, M.G. Avaliação e registro no currículo cultural da educação física. **Estudos em Avaliação Educacional**, v. 29, n. 72, p. 774-800, 2018.

EFDEPORTES. Padrões motores: fundamentais de movimento. **EFDeportes**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd186/padroes-motores-fundamentais-de-movimento.htm>. Acesso em: 26 jun. 2023

GALLAHUE, D. L. OZMUN, J. C. **Compreendendo o desenvolvimento motor**: bebês, crianças, adolescentes e adultos. São Paulo: Phorte Editora, 2005.



## **DO JOGO AO ESPORTE: UMA NARRATIVA DAS EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS VIVENCIADAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO FUNDAMENTAL I**

Anna Júlia Moraes Lovati

### **Introdução**

O presente artigo, tem como objetivo apresentar parte das experiências de formação vivenciadas durante a disciplina de Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental I, do curso de Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Desse modo, também apresenta relatos das minhas próprias descobertas e aprendizagens, enquanto professora e estudante, em colaboração com a escola (especialmente com o professor regente e os estudantes) e a universidade (especialmente com a professora da disciplina).

A disciplina de Estágio Curricular Supervisionado (ECS) conta com uma organização em três fases. A primeira, valoriza nossas experiências como crianças na escola e como ela contribui para pensar a atualização do cenário atual. A segunda, trata das orientações para organização da regência na escola, por meio da sistematização do Plano de Unidade, da organização das aulas e da avaliação formativa. A terceira, da sistematização dessas experiências no Seminário de Estágio Supervisionado em comunicação oral e da escrita deste artigo.

Para a realização do estágio, fui recebida pela unidade de ensino, EMEF Aldary Nunes, localizada no Centro da Serra/ES, que atende ao público deste e dos bairros adjacentes, tendo o corpo discente formado por diferentes sujeitos. O meu trabalho na instituição se desenvolveu ao longo de doze dias, com aulas distribuídas entre as turmas do 2<sup>ª</sup>A, 2<sup>ª</sup>C, 4<sup>ª</sup>A, 5<sup>ª</sup>A e 5<sup>ª</sup>D, totalizando 18 aulas ministradas em dois meses de trabalho.

A escolha do conteúdo a ser trabalhado no estágio, se deu pela opção de progredir com o que já estava sendo ministrado pelo professor com as turmas. Ele optou por trabalhar com jogos e esportes, então, resgatando um conhecimento prévio que eu havia adquirido em uma das disciplinas do curso, decidi seguir as minhas aulas com o modelo de ensino Teaching Games for Understanding (TGfU), o qual defende que

a iniciação esportiva tenha base em jogos reduzidos, basicamente se ensina o esporte, por meio dos jogos, logo aprende-se a jogar, jogando (Bolonhini e Paes, 2022, p. 1).

Após ter decidido o modelo que utilizaria, segui a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que determina o conhecimento a ser trabalhado em cada ano de ensino, para planejar quais seriam os esportes de cada turma, ficando para o 2º ano, o conteúdo de “Jogos, Brincadeiras e Esportes de Marca e Precisão” e para o 4º e 5º ano, “Jogos, Brincadeiras e Esportes de Rede, Parede e Invasão”.

Dentre todos os pontos observados nessa experiência e que serão relatados ao longo do presente texto, quero destacar dois. O primeiro refere-se à relação do professor, com o planejamento e a execução das aulas, já o segundo vai de encontro ao aprendizado do aluno e a apreciação de novas experiências.

## **Metodologia**

Desde o início da disciplina de estágio, baseamo-nos em alguns autores para entender o conceito de experiência, termo no qual o presente texto está firmado e foi de extrema importância para o aproveitamento das vivências desse período. Dentre esses autores, cito Larrosa (2002, p.24 e 25), “O sujeito da experiência é um sujeito ‘ex-posto’”, ou seja, um sujeito que vivenciou um momento, que lhe acrescentou, seja bom, ou ruim. Ao experienciarmos algo, ocorre a possibilidade de que isso nos toque, mas no tempo que corre, como o de hoje, acumular experiências torna-se algo cada vez mais difícil, ainda segundo Larrosa (2002, p. 23), “[...], a experiência é cada vez mais rara, por falta de tempo”.

A partir do entendimento deste conceito, foi necessário escolher uma metodologia que fosse capaz de trazer aos meus alunos a vivência completa desta experiência, sendo então escolhida a proposta teórico-metodológica de abordagem crítico emancipatória, que visa o desenvolvimento da autonomia, a reflexão crítica acerca da realidade em que vivem e o desenvolvimento da linguagem. Para Kunz (1991),

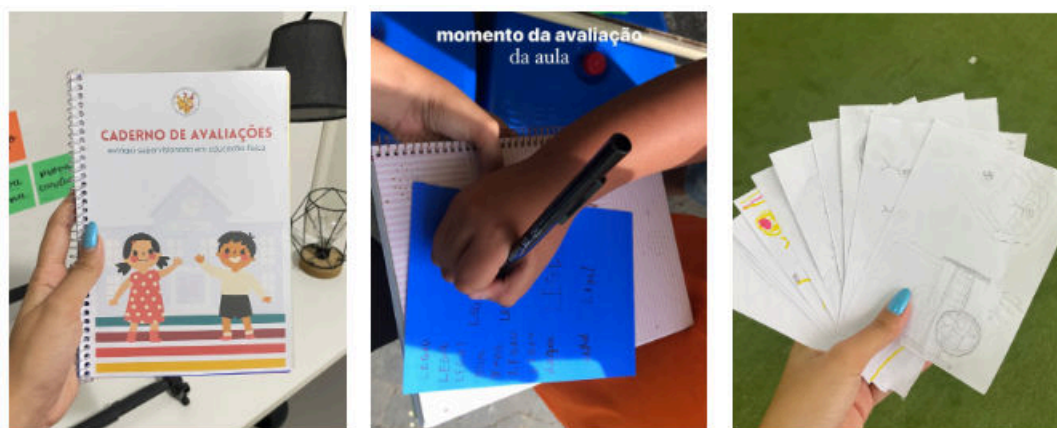
[...] precisa, na prática, estar acompanhada de uma didática comunicativa, pois ela deverá fundamentar a função do esclarecimento e da prevalência racional de todo agir educacional. E uma racionalidade com o sentido do esclarecimento implica sempre, numa racionalidade comunicativa. Devemos pressupor que a Educação é sempre um processo onde se desenvolvem 'ações comunicativas'. O aluno

enquanto sujeito do processo de ensino deve ser capacitado para sua participação na vida social, cultural e esportiva, o que significa não somente a aquisição de uma capacidade de ação funcional, mas a capacidade de conhecer, reconhecer e problematizar sentidos e significados nesta vida, através da reflexão crítica (Kunz, 1994, p. 29-30).

A partir dessa proposta, os encontros seguiram estratégias como: diálogo entre as aulas, dinâmicas em grupos/individuais e experimentação das atividades. Sendo desenvolvidos ao longo de doze dias, divididos em: observação (2 dias), aulas ministradas pelo professor (4 dias) e aulas ministradas por mim (6 dias). Por serem três aulas por dia, eu tive a possibilidade de ministrar dezoito aulas, distribuídas para o 2ºA, 2ºC, 4ºA, 5ºA e 5ºD.

Para a avaliação, tanto dos alunos, como do processo, optei por seguir um método de caráter investigativo e analítico de modo a desprender de um viés classificatório e excludente, levando em consideração todo o processo, e não apenas o resultado.

**Figura 1** — Instrumentos avaliativos.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Como orienta a professora da disciplina, a avaliação formativa confere visibilidade ao trabalho pedagógico do professor e ao desenvolvimento das crianças, intenção que busquei valorizar. Dessa forma, segundo Müller e Neira (2018, p. 779), “Registrar é dar sentido às atividades de ensino realizadas por meio da retomada e reflexão sobre o que aconteceu na aula, as falas e os silêncios”, portanto como instrumentos avaliativos, foram utilizados um caderno de avaliações, em que ao final de

cada aula os alunos avaliavam a mesma, um desenho avaliativo ao final da disciplina e registros escritos e fotográficos, feitos por mim, ao final de cada aula (Figura 1).

## Práticas e Aprendizagens

A unidade de ensino, que abrigou o estágio, possui uma excelente infraestrutura, com pátios, parquinho, refeitório, auditório, entre outros espaços que possibilitam a interação e socialização das crianças. Infelizmente a instituição não conta com uma quadra, entretanto, por estar localizada atrás do Ginásio Poliesportivo da Serra, durante os turnos matutino e vespertino, eles possuem livre acesso a estrutura, adicionando às crianças mais um espaço de aula.

Quanto ao período de observação, foi acordado com o professor que nós revezaríamos as aulas, sendo assim, eu dava aula uma vez por semana, e no outro dia ele ministrava a aula e eu o auxiliava caso necessário, dessa forma foi possível realizar várias trocas de conhecimentos, muitas inclusive relatadas pelo professor.

O processo de organização se deu pelo trabalho coletivo com a professora orientadora e o professor da escola. Considerando o tempo em que eu estaria na escola, o conteúdo a ser ministrado e as turmas que teriam as aulas, foi elaborado um quadro durante o processo de criação do plano de unidade, para organizar melhor a minha prática. Após a conclusão do processo de organização do plano de unidade, iniciou-se a minha prática na escola com dois dias de observação, em que pude fazer um reconhecimento de turma, do espaço da escola e dos materiais que eu teria à minha disposição.

As aulas foram pensadas seguindo o modelo de ensino Teaching Games for Understanding (TGfU), ao estudar sobre ele, Bolonhini e Paes (2022, p. 3), dizem:

A proposta pedagógica TGfU, conforme sugerem Light e Fawns (2003), encara o jogo como um contexto que oferece a possibilidade de aprendizagem a partir da integração de elementos sociais, culturais, físicos e emocionais. Essa perspectiva aponta para a importância e complexidade da ideia central do TGfU, segundo a qual a aprendizagem dos esportes deve ocorrer dentro e a partir do contexto do jogo. Dessa forma, o conhecimento é construído nas relações que o aluno estabelece dentro da situação da aula, isto é, as habilidades e a compreensão do jogo, construídas durante a aula, estão relacionadas ao ambiente físico, social e cultural.

A opção pelo modelo se deu ao passo de que introduzir os esportes para as crianças, tendo o jogo como porta de entrada, seria a forma mais fácil e proveitosa, conforme a organização apresentada nos Quadros 1, 2 e 3.

**Quadro 1:** Cronograma das aulas desenvolvidas no estágio com o 2º ano

AULA	DATA	DIA	CONTEÚDO
01	26/04/2023	Quarta	<b>Reunião</b>
02	28/04/2023	Sexta	<b>Observação</b>
03	03/05/2023	Quarta	<b>Observação</b>
04	05/05/2023	Sexta	Amarelinha + Crossfit adaptado
05	10/05/2023	Quarta	Escalada em solo
06	12/05/2023	Sexta	<b>Aula ministrada pelo professor</b>
07	17/05/2023	Quarta	<b>Aula ministrada pelo professor</b>
08	19/05/2023	Sexta	Boliche
09	24/05/2023	Quarta	Bocha e bocha adaptada
10	26/05/2023	Sexta	<b>Aula ministrada pelo professor</b>
11	31/05/2023	Quarta	<b>Aula ministrada pelo professor</b>
12	02/06/2023	Sexta	Corrida orientada - parte 1
13	07/06/2023	Quarta	Corrida orientada - parte 2
14	09/06/2023	Sexta	<b>Feriado</b>

**Fonte:** Elaborada pela autora (2023).

**Quadro 2:** Cronograma das aulas desenvolvidas no estágio com o 4º ano.

AULA	DATA	DIA	CONTEÚDO
01	26/04/2023	Quarta	<b>Reunião</b>
03	03/05/2023	Quarta	<b>Observação</b>
05	10/05/2023	Quarta	TGFU - do alerta ao vôlei (atividade diagnóstica)
07	17/05/2023	Quarta	<b>Aula ministrada pelo professor</b>
09	24/05/2023	Quarta	TGFU - do pique-bandeira ao futebol
11	31/05/2023	Quarta	<b>Aula ministrada pelo professor</b>
13	07/06/2023	Quarta	TGFU - do dono da rua ao basquete

**Fonte:** Elaborada pela autora (2023).

**Quadro 3:** Cronograma das aulas desenvolvidas no estágio com o 5º ano.

AULA	DATA	DIA	CONTEÚDO
02	28/04/2023	Sexta	<b>Observação</b>
04	05/05/2023	Sexta	TGFU - do alerta ao vôlei (atividade diagnóstica)
06	12/05/2023	Sexta	<b>Aula ministrada pelo professor</b>
08	19/05/2023	Sexta	TGFU - do pique-bandeira ao futebol
10	26/05/2023	Sexta	<b>Aula ministrada pelo professor</b>
12	02/06/2023	Sexta	TGFU - do dono da rua ao basquete
14	09/06/2023	Sexta	<b>Feriado</b>

**Fonte:** Produção do autor.

O período em que estava dando aula foi bem complexo, havia dias em que as aulas davam super certo e outros que não, dias em que a turma estava super

participativa e outros que menos da metade estava animada para a aula, dias em que eles adoravam a brincadeira e outros que só queriam aula livre, mas tudo isso cooperou para a minha formação docente.

Durante todo o processo vivenciei experiências com crianças com TEA, TOD e TDAH, que me fizeram entender ainda mais a importância de adaptar atividades e contornar situações. Encarei casos de traumas de abuso, como no dia em que a minha aluna começou a chorar no meio da atividade que o professor havia passado, dizendo “eu não consigo fazer, tia”, pois a atividade era um pique que exigia, que um colega passasse por baixo das pernas dela para liberá-la, caso ela fosse boiada. Porém ela havia sido abusada sexualmente por mais de um familiar e o simples fato de abrir a perna, retomava diversos traumas que a paralisavam.

Também lidei com o bullying em diversas aulas, falas como “ela não sabe fazer”, “ela é burra”, “ela só atrapalha” eram repetidamente proferidas a uma aluna, pelo simples fato dela não conseguir realizar algumas atividades ou por ter uma dificuldade em assimilar o que foi pedido. Nesses momentos, eu sempre contornava a situação e chamava a atenção dos outros alunos para o que estava acontecendo, fazendo com que todos entendessem que aquilo era uma atitude muito errada para com a colega.

Foi necessário me manter firme ao longo do processo, tanto para lidar com situações citadas acima, quanto para estabelecer uma relação de responsabilidade com os alunos, para que eles entendessem que eu era a professora, visto que em alguns momentos, alunos das turmas maiores queriam fazer o que tinham vontade na aula, sem me respeitar, porém tudo isso foi resolvido com o passar dos dias. Além de professora, fui amiga dos meus alunos, tentei ter uma escuta para com eles e muitos realmente conseguiram se abrir comigo, o que me deixou muito contente.

Lembro de uma aula ministrada pelo professor, em que uma das alunas estava bem para baixo e no meio da atividade foi sentar-se na arquibancada. Nesse momento, suas amigas e o próprio professor foram até ela, para entender o que estava acontecendo, mas ela não falava por nada. Decidi esperar um tempinho, em seguida pedi licença para as amigas, fiquei sozinha com ela e disse que ela poderia se abrir comigo. Depois de insistir um pouco, ela confiou em mim e disse: “eu tô cansada, tia, minha avó briga comigo por coisas que eu não fiz, ninguém me escuta lá em casa”. Tive uma conversa bem profunda com ela, falei sobre situações que eu havia passado,

enquanto ela me contava sobre as delas, o que mostrou que a única coisa que ela precisava era realmente ser ouvida, pois logo após a nossa conversa ela estava super bem, brincando com as colegas.

Tentei também escutar as preferências deles durante as aulas e fazer combinados, para que tudo ficasse bom tanto para mim, quanto para eles. Em algumas aulas, nós decidíamos que eles fariam a atividade certinha, sem ficarem se dispersando e em seguida da avaliação, eles teriam um tempo livre para escolher e executar uma brincadeira, dessa forma eu conseguia dar a minha aula e eles saiam muito satisfeitos, pois sempre chegavam perguntando: “tia, hoje vai ter o tempo livre?”

Como dito no começo, a ideia de utilizar a abordagem crítico emancipatória, era trabalhar com a autonomia e o protagonismo dos estudantes, para isso no início de cada aula, tínhamos uma roda de conversa com a explicação da atividade e a interação dos alunos sobre ela, com falas como: “eu já fiz isso, tia”, a minha mãe pratica”, “eu sempre quis fazer”, “eu já vi na tv”. Sempre que o aluno relatava que já havia feito, eu solicitava que ele explicasse aos outros como fazia, fazendo com que eles se sentissem protagonistas.

No momento das avaliações diárias no caderno, alguns adoravam fazer e faziam além do que era pedido, já outros, só queriam fazer logo para poder ir brincar. A ideia do caderno era que os alunos do 2º ano, fizessem desenhos (coração, carinha triste ou carinha feliz) e os do 4º e 5º ano, escrevessem uma palavra referente a aula (chata, legal, divertida, não gostei, gostei, entre outros), mas como dito, alguns sempre queriam fazer algo a mais, como escrever o nome e desenhar arco-íris.

Lembro que no último dia de aula, a primeira aluna a escrever sua avaliação, ficou ao meu lado vendo o que todo mundo estava fazendo. Parei para perguntar o motivo e ela me disse: “tia, hoje é sua última aula, ninguém pode escrever que ela foi chata”. Então retomei o processo que fiz lá no começo e expliquei: “vocês não estão me avaliando, mas sim à brincadeira, então quando escrevem que foi chata, isso me faz pensar no que eu posso mudar para que a próxima seja mais legal”. Mesmo assim ela não saiu do meu lado em nenhum momento e por sorte todas as avaliações daquela aula foram positivas, então não tive problema.

Não posso deixar de relatar as minhas trocas com o professor de educação física, alguns professores regentes de sala e alguns funcionários de serviços gerais da

escola. Todos me receberam super bem e embarcaram nas minhas ideias, sempre se mostravam bem disponíveis e elogiavam o meu trabalho, o que me dava muito mais ânimo para continuar.

A última e posso dizer, melhor aula que dei, foi uma corrida orientada com os segundos anos, para essa atividade, eu havia pensado em algo simples, dentro da escola mesmo, só para trabalhar a corrida, como esporte de marca, porém ao apresentar a ideia ao professor, ele se empolgou bastante e disse para que eu pensasse no fato de sair da escola com as crianças e assim aconteceu. Montei um mapa, dividi a turma em dois grupos, um que ficaria comigo e outro com o professor, escolhi espaços da escola para serem as estações que eles deveriam passar e coloquei em cada uma delas uma placa com a cor do time e um desenho que eles precisariam escrever o nome na prancheta que cada grupo teria. Ao final da brincadeira, todas as crianças estavam super felizes e pediam ao professor: “tio, você pode fazer essa aula com a gente outro dia?”

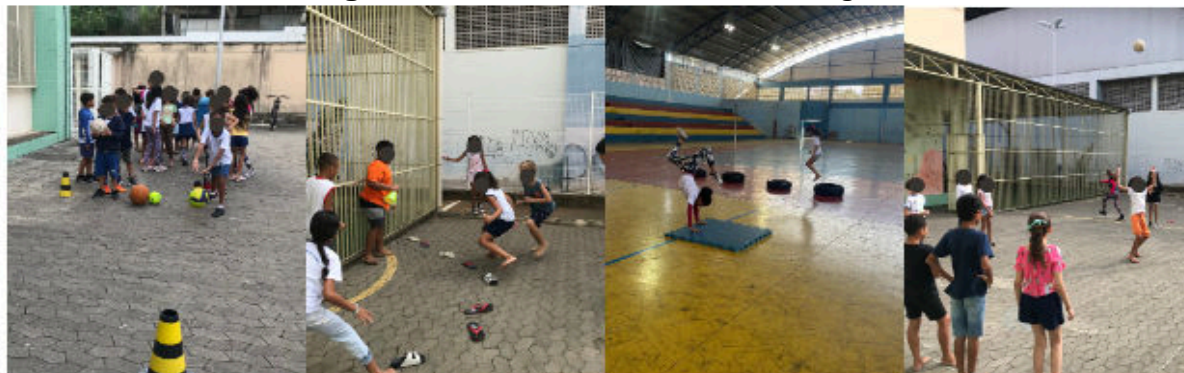
Além dessa aula, em praticamente todas as outras foi possível ver que as crianças estavam adquirindo novas práticas e conhecimentos, como um esporte que eles não conheciam, que era o caso da bocha, ou um que eles não praticavam, como vôlei, futsal, escalada, entre outros.

**Figura 2** — Corrida orientada com o 2º ano



Fonte: Acervo da autora (2023).



**Figura 3** — Atividades realizadas no estágio

Fonte: Acervo da autora (2023).

Nesse período entendi, mais do que havia entendido no estágio da educação infantil, que o planejamento é sim muito importante, mas nem sempre as aulas ocorrerão conforme o planejado, o bom professor precisa sempre ter uma “carta na manga”, para prosseguir com aula, mesmo que os alunos não tenham se mostrado muito favoráveis a prática.

Por fim, algo muito gratificante que eu pude vivenciar durante uma das aulas com o 5ºA, foi que após ministrar a dinâmica de progressão do pique bandeira ao futsal, escutei o relato de uma das alunas, que dizia “tia, agora eu gosto de futebol”, escutar aquilo foi simplesmente incrível, pois nessa aula eu consegui fazer com que todos participassem, sem nenhuma distinção e sinto que isso foi determinante para a nova percepção dela acerca do esporte.

### **Considerações Finais**

Dos desafios às potencialidades vivenciadas ao longo do processo, posso dizer com tranquilidade que todos foram superados, inclusive as expectativas criadas durante a construção da disciplina para o início do estágio. Esse período na escola foi regado de muitas trocas, sejam elas com os alunos, com o professor de educação física, com os funcionários da escola e com a professora orientadora.

Foi possível ver todo o conhecimento aprendido ao longo do curso se concretizar, houveram diversos diálogos com os textos lidos, nessa ou em outras disciplinas, como “Adaptação e Inclusão”, “Treinamento Esportivo e Competição Escolar”, “Oficina de Docência em Recreação”, “Conhecimento e Metodologia do Ensino

do Jogo”, dentre outras, que serviram de base para o planejamento e execução das aulas, nos prepararam e me ajudaram a lidar. Além disso temáticas transversais atravessaram diversas aulas e tudo isso foi sendo acrescentado ao meu processo formativo.

Tais práticas, desafios, conhecimentos adquiridos e experiências acumuladas, me trouxeram até aqui, me incentivando a ter um olhar cada vez mais cuidadoso e criterioso, a aumentar o meu repertório de práticas, a me desafiar em novos conteúdos, para que os estudantes possam ter acesso a coisas que muitas vezes nunca ouviram falar e a me torna a cada dia uma melhor discente e docente.

## Referências

BOLONHINI, S. Z.; PAES, R. R. A proposta pedagógica do Teaching Game for Understanding: reflexões sobre a iniciação esportiva. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 12, n. 2, 2009. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/5694>. Acesso em: 29 jun. 2023.

KUNZ, E. **Transformação didático pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 1994. Disponível em: [http://www.educacaoofisica.seed.pr.gov.br/arquivos/File/relatos/transformacao\\_elenor\\_kunz.pdf](http://www.educacaoofisica.seed.pr.gov.br/arquivos/File/relatos/transformacao_elenor_kunz.pdf). Acesso em: 29 jun. 2023.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**. N. 19, jan/fev/mar/abr., 2002. p. 20-28.

MÜLLER, A. ; NEIRA, M. G. Avaliação e registro no currículo cultural da educação física. **Avaliação**, [s. l.], 2018. DOI <https://doi.org/10.18222/eae.v29i72.5030>. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/eae/article/view/5030>. Acesso em: 29 jun. 2023.

## **ESPORTES ADAPTADOS: EXPERIÊNCIAS NA DISCIPLINA DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA NAS SÉRIES INICIAIS**

Hevilyn Carvalho  
Iara Pereira Torezani Boschetti  
Lucas Maia  
Thálisson Paradela  
Wendalla Reis

### **Introdução**

A disciplina Educação Física no Ensino Fundamental I, nos oportunizou uma vivência enquanto docentes nas práticas pedagógicas. Por meio de práticas colaborativas com a escola e a universidade, ou seja, com a professora da disciplina, a professora regente, os alunos e os estagiários, construímos diversas experiências de formação docente.

A escola em que realizamos o processo de intervenção foi a EMEF Ceciliano Abel de Almeida, localizada na Grande Vitória, no bairro Itararé. Em relação à estrutura do local podemos considerar que é de excelente qualidade quando nos referimos às salas, o pátio, bem como o refeitório e banheiros. Mas os espaços e os materiais que são mais utilizados para o desenvolvimento das aulas de Educação Física são mais escassos. Com relação às aulas, foram ministradas treze aulas para trinta e dois alunos do 6º ano e do 7º ano, em dois meses de trabalho no primeiro semestre de 2023.

De acordo com as diretrizes da prefeitura de Vitória e a BNCC, o conteúdo de esportes está previsto para o ensino fundamental II, envolvendo aspectos históricos, sociais e culturais, através de gestos básicos, regras e compreensão tática, além de trazer uma abordagem do esporte enquanto fenômeno social, midiático e inclusivo. Trabalhar os esportes é fundamental para a formação integral dos sujeitos, pois além de proporcionar momentos prazerosos, contribui também para o desenvolvimento cognitivo, motor e social dos/as alunos/as. Tendo em vista o exposto, o conteúdo escolhido para trabalhar no ensino fundamental II foram os esportes adaptados, por meio de jogos e brincadeiras infantis voltados para a inclusão.

Durante a intervenção, estabelecemos como objetivo principal conhecer e desenvolver esportes adaptados e suas regras, valorizando os sentidos e as interações

com pessoas típicas e com deficiência visual, auditiva e física, com as modalidades de Vôlei adaptado, Goalball e Futebol de cinco, que são práticas que podem ser reaproveitadas e readaptadas no cotidiano da escola, de forma que possibilite a prática dessas atividades por prazer, para além das aulas de educação física.

### **Metodologia**

Este artigo é uma narrativa de formação, que se apoia nas informações do fascículo de estágio (Ventorim *et al.*, 2011). Durante o período de estágio, enxergamos-nos em uma posição privilegiada mediante à nossa atuação, mediando, refletindo e modificando o processo enquanto ele acontecia.

Segundo Ventorim *et al.* (2011), o processo de estágio conta com a articulação entre os saberes adquiridos no curso de formação, os saberes prévios do próprio docente e a realidade vivenciada na escola. Nesse sentido, buscamos proporcionar práticas que pudessem ser realizadas em diferentes momentos e espaços, com possibilidades de adaptação para além dos esportes institucionalizados.

A metodologia utilizada na intervenção com os alunos resgata a ideia de Larrosa, quando afirma que “a experiência é o que nos passa” (Larrosa, 2002, p. 21-22). Nesse sentido, quando pensamos em um plano de ação, nos questionamos que tipo de situações gostaríamos de vivenciar e proporcionar, de modo que trouxessem reflexões a todos os envolvidos direta ou indiretamente, no sentido de, realmente, tornar significativas as vivências realizadas nas aulas. Experimentar o *ser professor* parecia demandar muito mais do que a reprodução de práticas já conhecidas em aulas de educação física, mas revelou-se como uma oportunidade de observar uma nova forma de pensar o diferente dentro de uma instituição escolar.

Pensando neste desafio, na escolha da proposta teórico-metodológica a ser utilizada no período de intervenção, optamos pela abordagem crítico emancipatória, que visa o desenvolvimento da autonomia, reflexão crítica acerca da realidade em que vivem e o desenvolvimento da linguagem (Kunz, 1991). Nesse sentido, consideramos como ponto de partida, a ideia de levar os alunos a pensar em ações que pudessem incluir pessoas com diferentes tipos de deficiência, em brincadeiras e jogos que fossem prazerosos para ambos. O objetivo era levá-los a pensar sobre a deficiência distante do

olhar incapacitante, mas como uma oportunidade de explorar diferentes formas de praticar jogos, brincadeiras e, nesse caso, esportes já conhecidos.

Ainda nessa perspectiva, Ribeiro (2009) considera que a prática do esporte adaptado na escola promove avanços na área motora e nas demais áreas do desenvolvimento que a educação física escolar engloba, como a afetiva, a cognitiva e social. A prática dessa modalidade dos esportes adaptados possibilita a diminuição da exclusão, potencializa o convívio entre os alunos com e sem deficiência e garante o direito de todos participarem ativamente nas aulas de educação física.

Utilizamos, para a produção de dados, registros de imagem, realizados pelo grupo. Além disso, realizamos a observação das atividades, do comportamento e aprendizado da turma, que foi discutido em rodas de conversa ao final de cada aula, para compor um diário de campo, a ser posteriormente analisado para a produção deste artigo.

## **Práticas colaborativas com a escola**

*Quanto ao período de observação*, iniciamos resgatando a nossa posição de investigadores, nos deparamos com duas turmas participativas, mas que possuíam preferências muito específicas, voltadas para o futebol e o vôlei. Aproximá-los de outras práticas exigiu conversas e acordos em todos os encontros, deixando que eles desfrutassem de brincadeiras livres nos últimos minutos de aula, caso conseguíssemos concluir a atividade proposta; isso deixou de ser uma questão no meio do processo, quando eles perceberam que as práticas eram divertidas. Destacamos um episódio específico, no qual, ao final da aula de goalball, a turma pediu que deixássemos as estruturas do jogo montadas, pois eles gostariam de brincar no intervalo para o lanche.

Para além do desenvolvimento da possibilidade de socialização das crianças sem deficiência e pessoas com deficiência, o grupo buscava aprimorar a percepção do ambiente e espaço através de diferentes órgãos dos sentidos. Para isso, utilizamos vendas para cobrir os olhos, e provocamos atividades que explorassem a audição e o tato. Os alunos gostaram muito da experiência e, muito além dos esportes e jogos propostos, valorizaram a sensação diferente e momentânea de não enxergar ou

enxergar pouco, assim como as brincadeiras em dupla, que fortaleciam laços e noções de solidariedade.

No fim de cada aula, uma roda de conversa era feita e, seguindo os objetivos traçados pela abordagem escolhida, nós perguntávamos o que eles acharam e como seria brincar e/ou interagir com uma pessoa com a deficiência explorada na aula (cegueira/baixa visão nas aulas de goalball/futebol de cinco; deficiência física/motora na aula de vôlei sentado) e, a cada aula, os alunos mostravam-se mais confiantes e críticos em relação aos questionamentos realizados.

*Quanto ao período de intervenção e regência das aulas*, enxergamos a necessidade de dialogar antes das intervenções, com a professora de educação física do 6º e 7º ano, na tentativa de investigar melhor sobre as turmas. Durante o diálogo, a professora salientou que os alunos(as) tinham um grande interesse pelo futsal e a queimada e, sempre que possível, solicitavam a presença dessas práticas em sua aula. Em discussão com os estagiários, analisamos o interesse dos alunos como uma possibilidade de introduzir os esportes adaptados, começando pelo goalball, justamente por acreditar que o conteúdo seria intrinsecamente mais atrativo para os alunos, levando em consideração dois aspectos: é um esporte que se aproxima dos movimentos corporais das práticas que eles possuem interesse; e que as noções táticas do goalball se aproxima tanto do futsal quanto da queimada.

Com isso, foi realizado uma atividade de pesquisa acerca do conteúdo (goalball) para que os alunos pudessem fazer em casa e trazer na próxima aula para fomentar ainda mais a discussão. No dia seguinte, com os resultados trazidos pelos alunos, juntamente com os professores, mobilizamos e construímos coletivamente o conhecimento referente a modalidade. Em seguida, demos início às atividades práticas, utilizando como estratégia a abordagem de jogos e brincadeiras infantis para melhor assimilar o jogo do goalball propriamente dito, objetivando explorar as percepções táteis e auditivas que são importantes para a prática.

Iniciamos nossas atividades provocando situações em que os alunos(as) pudessem experienciar a sensação de estarem vendados, ao mesmo tempo que atribui um contato com a bola, conhecendo o seu peso, tamanho e barulho que possui devido a presença do guizo no seu interior. Denominamos essa atividade como “boliche adaptado”, onde os alunos(as) vendados, tinham que se posicionar corporalmente

através de uma demarcação no chão, no qual eles tinham que tatear para encontrá-la, contando também com a presença de um guia (um colega da turma). Após esse momento, recebia a bola através de um barulho feito pelo guia com a bola, e realizava um lançamento para acertar os pinos presentes a uma distância de 6 metros. Por fim, no último dia de intervenção, realizamos o esporte mais próximo do modelo institucionalizado, adaptando o pátio da escola em uma quadra de goalball, atribuindo também aos alunos noções táticas/organizacionais através de uma cartolina.

Ao final das intervenções, em nossas rodas de conversa final, trazíamos problematizações acerca do conteúdo que estava sendo trabalhado, tentando aproximá-lo da realidade dos alunos. Em uma de nossas intervenções foi levantado a seguinte questão:

*“A escola de vocês está preparada para receber alunos com deficiência visual?”  
(estagiário)*

*“Não, porque a escola não possui nenhuma marcação para que ele possa se guiar”  
(aluna)*

*“E o bairro de vocês, tem estrutura para receber essas pessoas?” (estagiário)*

*“Não, tem muitos buracos nas ruas e essas pessoas teriam dificuldade para andar”  
(aluno)*

Essas provocações estavam presentes em quase todas as aulas, com o intuito de desenvolver com os alunos uma criticidade diante da realidade.

**Figura 1** — Aula de goalball: roda de conversa e atividades de experimentação



**Fonte:** Acervo das autoras (2023).

**Figura 2** — Aula de goalball: “Boliche adaptado”



Fonte: Acervo das autoras (2023).

**Figura 3** — Aula de goalball: jogo “institucionalizado”



Fonte: Acervo das autoras (2023).

**Figura 4** — Goalball: cooperatividade e sensibilização desenvolvida ao longo das aulas



Fonte: Acervo das autoras (2023).



A segunda proposta que trouxemos para os alunos foi o vôlei adaptado, a turma recebeu muito bem a modalidade esportiva, nos surpreendemos bastante, pois se mostraram empolgados e dispostos a se envolverem. Na primeira aula conversamos sobre a modalidade, e o seguinte diálogo se sucedeu:

*“Vocês conhecem o vôlei sentado?” (estagiária)*

*“Tia, eu já joguei vôlei, mas nunca joguei sentado.” (aluno)*

*“E vocês sabem pra quem é esse esporte?” (estagiária)*

*“Ah! É para pessoas com deficiência” (aluno)*

Em seguida partimos para a prática propriamente dita, e o contato com o esporte foi realizado através de atividades de progressão com os movimentos básicos do vôlei (saque, manchete e passe). Colocamos todos sentados em uma roda e o professor responsável pela aula foi jogando a bola para que cada um realizasse os 3 movimentos básicos. Assim que todos os alunos realizaram, foi perguntado a eles se era muito difícil e diferente do vôlei que estavam acostumados a jogar.

*“Não, é difícil achei bem parecido com o que eu jogo” (aluna)*

*“A única diferença é que estamos sentados.” (aluno)*

Tentando dar protagonismo aos alunos, o professor perguntou se a turma queria se dividir entre eles, ou se o professor poderia realizar a divisão. A turma em conjunto decidiu que eles ficariam responsáveis pela divisão e decidiram que seriam meninas contra meninos. Sendo assim, cada time ficou de um lado da quadra externa da escola. Como era possível colocar a rede, utilizamos a linha do chão para demarcar a divisão. Dessa forma, começamos um mini jogo, onde os alunos sentados, realizaram os movimentos básicos do vôlei. No final, o professor novamente realizou a pergunta feita anteriormente:

*“O vôlei sentado, é difícil e diferente do jogo que vocês estão acostumados a jogar.” (estagiário)*

*“Tia, é bem parecido com o que a gente está acostumado a jogar, mas é muito difícil porque estamos sentados e não tem como correr atrás da bola!” (aluna)*

*“Nossa, muito difícil! A bola vem em uma direção próxima à gente, mas não dá pra chegar rápido para pegar a bola” (aluno)*

*“Tia, com você jogando a bola pra gente era mais fácil, porque você jogava exatamente na nossa direção, mas assim, com todo mundo, é muito difícil pegar a bola” (aluno)*

Passando para a atividade da semana seguinte, foi proposto para os alunos o volençol. Iniciamos a atividade pedindo para que os alunos se dividissem novamente, e dessa vez a divisão não foi mais de meninos contra meninas, e ao serem divididos pedimos para que ficassem em duplas e alguns trios para que não ficasse ninguém de fora, e cada dupla/trio pegasse um pedaço de tnt, o objetivo neste momento era que as duplas/trios pegasse a bola e lançasse para o time adversário. Conforme o decorrer do jogo, o professor ia adicionando novos desafios como: vender alguém, amarrar o braço de alguém. O professor somente acrescentava as regras e deixava para que os alunos decidissem quem seria o aluno que ficaria vendado ou com o braço mobilizado. A todo o momento os alunos questionavam:

*“Nossa, é impossível pegar essa bola” (aluna)*

*“Tia, eu vou pra um lado e ela vai pra outro” (aluna)*

Percebendo a dificuldade dos alunos, nos reunimos e conversamos sobre o que estava sendo difícil e sobre como poderíamos melhorar para que o jogo acontecesse. A maior reclamação foi com a dupla que tinha um vendado, pois cada um ia para um lado. Então o professor perguntou a eles:

*“Vocês estão se comunicando? Estão dizendo em qual direção a bola está?” (estagiário)*

*“Não, eu só vou correndo e puxo!” (aluno)*

Em seguida tentamos voltar ao jogo novamente tentando nos atentar na comunicação das duplas. Mas, devido ao pouco tempo de aula, tivemos que finalizar e como tínhamos pouco tempo e seguir o cronograma não voltamos a realizar o volençol. Dando continuidade a proposta de esportes adaptados finalizamos nossa passagem pelo 6º e 7º ano com o futebol de cinco, introduzir-lo foi um desafio extremo, pois achávamos que seria difícil conquistar a segurança da turma em conduzir a bola de olhos fechados e confiar em um colega para guiar a direção dos passos. Mas logo os alunos nos tranquilizaram:

*“Tia que legal, vamos poder correr também?” (aluna)*

*“Tia vai ser em dupla? Quais as regras?” (aluna)*

*“Massa demais tia! Nunca joguei bola com os olhos vendados.” (aluno)*

Inicialmente foi proposto uma “caminhada orientada” onde os alunos formaram duplas, um condutor e um conduzido vendado, com objetivo de percorrer o trajeto de obstáculos colocados em quadra. De início surgiram mais questionamentos sobre:

*“Tia, cadê o futsal?” (aluna)*

*“Tia você disse que a gente jogaria bola! Vai ser agora?” (aluno)*

Levando em consideração essas e outras falas após a explicação da atividade proposta, foi preciso retomar o controle da turma que se encontrava ansiosa e agitada nessa situação, para que assim a estagiária pudesse esclarecer as dúvidas e argumentar sobre o processo, visto que há necessidade de uma progressão de tarefas para alcançar os objetivos nas aulas. Dessa forma os alunos se sentiram encorajados e formaram duplas. Todos realizaram os trajetos, houve apoio dos colegas uns com os outros a todo momento:

*“Vem me dar a mão!” (aluna)*

*“Presta atenção nos meus comandos!” (aluno)*

*“Você não vai cair! Eu estou te segurando.” (aluno)*

*“A tia está aqui do lado te segurando também.” (aluna)*

**Figura 5** — Goalball: encorajamento das duplas



**Fonte:** Acervo dos autores (2023).

**Figura 6** — Goalball: ou sobre a confiança esportiva no outro



**Fonte:** Acervo dos autores (2023).

As turmas se sentiram desafiadas, mas ao mesmo tempo seguras e concluíram a atividade do dia. Na hora da avaliação em roda com os grupos ouvimos comentários como:

*“Tia deve ser muito difícil ser cego.” (aluno)*

*“É muito complicado falar pro amigo o que fazer sem se machucar.” (aluno)*

*“Tia precisa melhorar as ruas e os ônibus para as pessoas cegas.” (aluno)*

*“Foi legal confiar no colega.” (aluna)*

*Quanto às contribuições formativas vividas na disciplina Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental I, dizer sobre nossa experiência é falar um pouco de como nós crescemos e desenvolvemos nossa formação docente. Estar na escola e ter contato direto com os alunos fez com que colocássemos em prática tudo o que aprendemos na universidade até os dias atuais, é poder conhecer o novo e aprender com cada aluno e professor regente.*

Acompanhar a rotina na escola e poder planejar as aulas foi de extrema importância, pois através do planejamento foi possível diagnosticar as turmas e colocar em questão o que queríamos que os alunos aprendessem e como traçaríamos os caminhos para buscar a melhor forma de oportunizar experiências incríveis/diferentes para os mesmos, visto que uma boa experiência é fundamental para um melhor entendimento (Bondía, 2002).

Da mesma forma, utilizar todos os instrumentos e mecanismos orientados pela professora da disciplina para realizar uma avaliação formativa, dando visibilidade aos processos e produtos, ao trabalho pedagógico e às aprendizagens, foi de extrema

importância, pois foi através da avaliação que chegamos a conclusão de que nossos objetivos foram alcançados (Muller e Neira, 2018).

Nossas intervenções também enriqueceram positivamente a aprendizagem das crianças, trazendo novas experiências, uma vez que as mesmas puderam aprender um pouco mais sobre inclusão e experimentar esportes e sensações que nunca haviam vivenciado antes, como, por exemplo, estar vendado para jogar partidas de vôlei, futebol e goalball (nunca praticado por nenhum aluno). Foi perceptível o quão empolgados eles se encontravam em cada aula.

É importante salientar que a Educação Física apresenta-se como peça chave no processo inclusivo, pois suas aulas favorecem um ambiente seguro e lúdico para trabalhar as diferenças por meio dos seus conteúdos (Campos, et al, 2020), por isso além dos nossos objetivos em trazer a temática de esportes adaptados é preciso reconhecer a liberdade de ensinar que o saber brincando nos proporciona.

Para nós, estagiários, foram ampliados os conhecimentos e a segurança em trabalhar com esportes adaptados, bem como as possibilidades para lidar com uma turma grande, de forma a enriquecer nossa experiência profissional. Levando em consideração os alunos, percebemos entusiasmo e interesse nas propostas trazidas para as aulas, pois eram explorados de forma intensa alguns sentidos do corpo humano, tais como o tato e a audição, além da participação massiva da turma em uma atividade pouco explorada por todos. Levando em consideração, ainda, as conclusões e lições que os nossos alunos compartilharam, nós estagiários nos sentimos satisfeitos e com a sensação de dever cumprido.

## **Considerações Finais**

O Estágio Curricular Supervisionado foi fundamental para nosso crescimento profissional, pois foi possível colocar em prática conteúdos que aprendemos na teoria e a experiência durante o estágio garantiu vivências que expressam a realidade de um professor. A opção por abordar um conteúdo pouco conhecido também foi um bônus na nossa experiência, pois progredimos junto com a turma, produzindo e construindo o conhecimento com os alunos e com a professora.

Além disso, quanto ao conteúdo dos esportes adaptados, percebemos que através da prática com uma abordagem inclusiva, os alunos aprenderam a respeitar as

diferenças e, mais do que isso, desenvolver um olhar positivo para o que é diferente, além do desenvolvimento da solidariedade com seus pares, consigo e com os professores. Apesar de não ter nenhuma pessoa com deficiência na turma, foi notório o quanto os alunos passaram a olhar para as necessidades de seus colegas e a se preocupar em ajudar na realização das atividades durante as aulas.

Outro aspecto importante foi a participação massiva das turmas nas aulas. Tanto o 6º quanto o 7º ano possuem a característica pré existente de serem turmas participativas, mas percebemos um envolvimento muito maior no contato com as atividades novas, pois toda a turma se encontrava em uma posição de inexperiência e aprendizado progressivo. Não havia alunos-destaque em determinado esporte, pois era o primeiro contato de todos, o que parecia tornar a prática mais atrativa e menos intimidadora.

Este artigo consistiu em discutir, problematizar e produzir experiências de formação docente a partir das demandas da disciplina “Estágio Supervisionado da Educação Física no Ensino Fundamental I”. Considerou, ainda, o diálogo com as disciplinas de Pensamento Pedagógico da Educação e da Educação Física, Didática e Educação Física Adaptação e Inclusão. Também, a nossa participação no Seminário de Estágio Supervisionado, com apresentação por meio de Comunicação Oral desta experiência, bem como da escrita deste texto. Estes processos de planejamento, regência, avaliação, organização coletiva e escrita acadêmica contaram com a orientação da professora da disciplina de ECS.

Ao utilizar os esportes como recurso pedagógico, os professores podem tornar as aulas mais atrativas e dinâmicas, permitindo que as crianças assimilem melhor os conteúdos, além de ser uma [...] oportunidade de desenvolvimento, descoberta, de testar, inventar, exercitar, criar e recriar, aprender com facilidade, desenvolver sua curiosidade, a autoconfiança e a iniciativa (Silva, 2022). Além disso, os Esportes são uma forma de estimular a socialização, a criatividade e a autoestima das crianças, permitindo que elas desenvolvam habilidades socioemocionais importantes para a vida em sociedade.

Escolhemos este conteúdo, pois ele possibilitou contribuir com o processo de inclusão de alunos com deficiência nas escolas e nas aulas de educação física, sensibilizando também os/as alunos/as sem deficiência, permitindo que eles/elas

conheçam, reconheçam, interajam e respeitem a diversidade. Ainda nessa perspectiva, Ribeiro (2009) considera que a prática do esporte adaptado na escola promove avanços na área motora e nas demais áreas do desenvolvimento que a educação física escolar engloba, como a afetiva, a cognitiva e social. A prática dessas modalidades dos esportes adaptados possibilitou a diminuição da exclusão, potencializou o convívio entre os alunos com e sem deficiência e garantiu o direito de todos participarem ativamente nas aulas de educação física.

É importante destacar que a educação física se trata de um espaço onde há a possibilidade de trabalhar as diferenças corporais, oferecendo a oportunidade de resgatar, fortalecer e divulgar as potencialidades e habilidades dos alunos, preparando-os para atuarem em sociedade com seus olhares voltados também para a diversidade (Ferreira; Cataldi, 2014).

## Referências

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiências. **Revista Brasileira de Educação**. n.19, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física/Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Brasília, 2018.

KUNZ, E. **Transformação didático pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 1994.

MÜLLER, Arthur; NEIRA, Marcos Garcia. Avaliação e registro no currículo cultural da educação física. **Estudos em Avaliação Educacional**, v. 29, n. 72, p. 774-800, 2018.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA. Secretaria Municipal de Educação. **Diretrizes curriculares para o ensino fundamental**. Vitória, 2023.

VENTORIM, S. et al. **Estágio Supervisionado I**. Vitória: UFES, Núcleo de Educação Aberta e a Distância, 2011.

## GINÁSTICA PARA TODOS: NARRATIVAS DE FORMAÇÃO DOCENTE NA DISCIPLINA DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO FUNDAMENTAL I

Alice Gabrielli Buffe Buaiz  
Camila Maria Damião  
João Antônio Gatti  
Júlia Couceiro Passos  
Lizandra Nascimento Lima  
Lucas Rangel Mathias  
Lucas Teixeira Morais  
Pedro Henrique Monteiro Silva  
Radija Souza Silva  
Victor Souza Soares

### Introdução

No curso de Licenciatura Em Educação Física, do Centro de Educação Física e Desportos, da Universidade Federal do Espírito Santo (CEFD/UFES), o Estágio Curricular Supervisionado (ECS) faz parte da grade curricular obrigatória, sendo ofertada em disciplinas com 105 horas/aula. No sexto período, o segundo estágio no currículo dos estudantes, é com a disciplina Estágio Supervisionado da Educação Física no Ensino Fundamental I (Universidade Federal do Espírito Santo, 2014).

A disciplina de estágio supervisionado é uma oportunidade de desenvolver o que vem sendo adquirido quanto à aprendizagem, complementando a teoria com a prática, considerando tudo que foi aprendido durante os períodos anteriores da formação.

A disciplina Estágio Supervisionado assume um papel norteador/articulador dos cursos de formação de professores e apresenta-se como uma prática teórica que prepara para uma prática transformadora da atual sociedade, tendo a formação inicial como ponto de partida. Esse processo atinge não somente os acadêmicos, mas também os professores das escolas-campo, já que proporciona um processo de formação continuada por permitir a esses professores acesso a conhecimentos produzidos no meio acadêmico. Por sua vez, esse processo possibilita à universidade ações mais precisas por meio de intervenções pedagógicas pelas quais se conhecem os problemas concretos colocados pela realidade escolar (Venturim *et al*; 2011, p. 26).

Tendo em vista os aspectos apresentados no início da disciplina pela prof. Dr. Kezia Rodrigues Nunes, na primeira unidade da disciplina, elaboramos um memorial,



onde cada estudante teve a oportunidade de relatar e refletir sobre as memórias e experiências que tivemos durante a infância, que foi considerada para chegarmos a nossa temática. Com isso, relembramos sobre a importância de se oportunizar as experiências e memórias, resultando assim, em um dos focos das nossas aulas de educação física na disciplina de estágio supervisionado. Segundo Bondía (2002, p.21) “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”, sendo assim, decidimos desafiar-nos como docentes propondo uma abordagem diferente na nossa intervenção.

Na segunda unidade da disciplina, quando vamos para a escola, elaboramos um Plano de Unidade com base na observação das aulas da professora regente, sistematizando o conteúdo, os objetivos, a metodologia, a avaliação, e os resultados que gostaríamos de alcançar com nossas aulas. Também, desenvolvemos a regência e reelaboramos as estratégias com base na avaliação. Na terceira unidade da disciplina, sistematizamos as experiências de formação vividas com a escola, apresentando em formato de Comunicação Oral no Seminário de Estágio Supervisionado e em publicação por meio deste artigo.

A partir das experiências significativas registradas em nosso memorial, decidimos trabalhar com a Ginástica para todos (GPT), e desenvolver as práticas gímnicas, a fim de ampliar as percepções do corpo com as crianças. Com a experimentação dos movimentos de maneira individual e coletiva, onde poderiam desenvolver outras capacidades, tais como as competências de conviver e interagir, compreendendo a importância de si e do outro, bem como o respeito aos limites do seu próprio corpo e do próximo. Elementos tão importantes para a infância, especialmente no contexto pós-pandemia.

Nessa produção, colocamos como prioridade os seguintes objetivos: *conhecer e explorar a GPT e suas propriedades (equilibrar, saltar, realizar acrobacias, escalar, lançar e receber)*. Com isso, decidimos desenvolver a temática através de oficinas exploratórias, no intuito de apresentar diferentes formas de explorar, vivenciar e aprender vários aspectos da GPT a partir das famílias de execução (escalar, equilibrar, saltar, lançar e receber), e outras manifestações artísticas como dança, ritmo, acrobacias e com o auxílio de jogos e brincadeiras. Deste modo, conseguiríamos ampliar o repertório

motor dessas crianças e refinar algumas habilidades, possibilitando o desenvolvimento e aprendizagem de todos de forma inovadora e lúdica.

Neste contexto, esse artigo tem como objetivo narrar nossas experiências de formação docente vividas por meio desta disciplina de ECS. Experiências coletivas, em que buscamos tratar das contribuições desta intervenção para nossa formação e para os estudantes da escola-campo de estágio.

## **Metodologia**

Tomamos como base metodológica as narrativas autobiográficas de professores em formação que usufruíram de experiências formativas com a docência. Nesse processo de iniciação à docência, ao caminhar no sentido de considerar o professor como investigador e produtor de conhecimentos, outros elementos são ampliados e contribuem com o processo de constituição da autonomia profissional e da prática pedagógica investigativa dos professores em formação (Ventorim *et al.*, 2011).

## **Ginástica com a escola**

A escola designada para o Estágio Curricular Supervisionado foi a Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Ceciliano Abel de Almeida (CAA), localizada no bairro Itararé na cidade de Vitória - ES. A instituição de ensino atende a população dos bairros próximos que em sua maioria se encontram em vulnerabilidade social.

A estrutura dessa escola é conservada e oferece uma diversidade de espaços pedagógicos, tendo, sala bilíngue, sala de informática, auditório e etc. No que se refere aos locais para as aulas de educação física, conta com duas quadras sendo uma coberta e uma externa, um pátio externo e um parquinho. O local conta com acessibilidade, tendo acesso ao segundo andar com a opção de rampa ou escada.

Quanto aos materiais disponíveis para a utilização em nossas aulas, tínhamos à disposição poucos materiais, mas conseguimos nos adequar e utilizar o que tínhamos disponível, tais como, bambolês, cones, tatames, slackline, bolas, dentre outros. Tivemos como enfoque a exploração dos movimentos corporais, utilizando o corpo como principal foco de construção de movimentos, e não mais os materiais.

No que se refere ao planejamento, tivemos uma sequência didática totalizando 10 (dez) aulas, organizadas de acordo com o cronograma (quadro 1) em dois meses de trabalho no primeiro semestre de 2023. A partir disso, o número de aulas seguiu algumas divisões, onde levamos em consideração o período que ficamos na escola, dividimos por duplas, contendo a oficina que seria trabalhada naquela data. Dessa forma, essa foi a organização que fizemos, de forma geral, para trabalhar a aprendizagem do conteúdo.

Chegamos na escola com uma temática pré estabelecida a fim de apresentar uma proposta para a professora regente, onde desenvolvemos o nosso plano de ensino com base na temática da GPT. Utilizamos como referência a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), seguindo um planejamento de aulas de acordo com um cronograma feito por nós. Logo em seguida, tivemos as semanas de observação para considerar a infraestrutura da escola e as turmas que iríamos intervir. Assim, pudemos analisar o papel da professora regente, dos alunos, como se comportavam no decorrer das aulas e identificar os desafios e potencialidades que iríamos encontrar.

*Quanto ao período de observação das aulas*, notamos as particularidades do cotidiano escolar. Em relação ao que observamos nas aulas de Educação Física com as turmas do 1º ao 5º ano, notamos o quanto os alunos são bastante dedicados e envolvidos nas aulas ministradas pela professora regente de Educação Física. Durante esse período conseguimos identificar algumas particularidades de cada turma, tais como, alunos com espectro de autismo e um caso de obesidade infantil.

Vimos também o quanto eles estavam acostumados com os esportes coletivos. Logo ao chegarem na quadra, surgiam diálogos como: “Tia, posso pegar a bola de futsal?” ou “Tia, hoje será Basquete?”, notamos então, algo que já era um hábito para eles. Durante essa semana de observação já começamos a introduzir e acostumar os alunos com a ideia da temática. Realizamos um mapeamento das informações sobre o que eles já sabiam sobre a temática, indicando os aspectos gímnicos.

O conteúdo escolhido foi “As famílias da ginástica sob a perspectiva da Ginástica para todos (GPT)”, a qual foi decidido utilizar as oficinas de práticas corporais com o auxílio de jogos e brincadeiras para o desenvolvimento das aulas, trazendo elementos culturais e regionais. Segundo Branquinho (2021), Santiago (2021) e Franco (2021) e a Federação Internacional de Ginástica (FIG), a GPT é um domínio da ginástica

direcionada para o lazer, envolvendo práticas gímnicas, dança e jogos, de acordo com as preferências do país e da cultura de cada federação. Assim, acredita-se que é essencial o trabalho da ginástica na escola, sendo ela uma área com diversas possibilidades corporais e principalmente culturais.

Quanto a metodologia das aulas, que duravam 55 minutos cada, iniciamos com uma conversa exploratória, seguimos com as oficinas, e finalizávamos com um registro avaliativo dos estudantes no "Diário de emoções". Os estudantes registraram o que acharam da aula por meio de carimbos que refletiam o quanto eles gostaram. Também realizamos registros em desenhos das crianças e imagens (fotos e vídeos). Apresentamos, no Quadro 1, os conteúdos desenvolvidos durante a nossa intervenção com os estudantes. Além disso, consideramos, para este texto, a aula realizada na Ufes e o "Espetáculo da GPT" onde os alunos puderam expressar como se sentiram e o que aprenderam ao longo da intervenção, considerando o que vivenciaram durante as aulas de Educação Física.

**Quadro 1:** Cronograma de Ensino

AULAS	ATIVIDADE RELACIONADA AOS OBJETIVOS ESPECÍFICOS
01	Oficina de Piques como aula diagnóstica. Conhecer o que as crianças conhecem da ginástica com piques adaptados de acordo com a temática.
02	Aula conceitual/ historiada. Através de recursos midiáticos vamos apresentar as crianças na sala de vídeo como a ginástica está presente no cotidiano delas.
03	Oficina de Equilíbrio
04	Oficina de Escalar
05	Oficina de Saltos
06	Oficina de Lançar e Receber
07	Oficina de Acrobacias
08	Ritmo e Ginástica
09	Visita na sala de Ginástica da UFES
10	"Espetáculo da GPT"

**Fonte:** Elaborado pelos autores (2023).

Nossas intervenções envolveram um grupo de aproximadamente 90 alunos, onde foram contempladas as turmas do 1º ano A e B, 2º ano B, 4º ano A e 5º ano A. Ao todo foram 10 (dez) intervenções desenvolvidas nas quartas e sextas feiras. Quanto ao espaço físico, em acordo com a outra professora de educação física da escola, nas quartas-feiras, utilizamos a quadra coberta, e nas sextas-feiras, a primeira aula era desenvolvida no pátio externo, e as demais na quadra coberta. Quanto à organização dos estagiários para o desenvolvimento das aulas, por orientação da professora da disciplina, fizemos rodízio. Os estagiários tiveram oportunidade de ministrar até duas aulas, enquanto os demais ficavam de apoio, auxiliando com os materiais e as dúvidas específicas dos estudantes.

*Quanto ao período de desenvolvimento das aulas, durante a aula diagnóstica de piques relacionado a ginástica, tivemos a oportunidade de observar, na prática e de maneira intencional, o que os alunos já sabiam em relação a GPT. Optamos por tratar de forma lúdica, com jogos e brincadeiras para o primeiro contato dos envolvidos com a temática. Em seguida, com o objetivo de ampliar experiências corporais, demos continuidade a nossa intervenção aproximando os alunos do tema relacionado ao cotidiano. Em uma aula teórica, através da ferramenta dos slides, apresentamos para os estudantes fotos e vídeos para que pudessemos identificar, com eles, a ginástica no cotidiano, registrados nas Fotos 3 e 4. Além disso, abrangemos sobre a nossa proposta de forma visual, para que os alunos conseguissem se integrar na prática da GPT.*

**Figuras 3 e 4** — Registro da aula teórica



**Fonte:** Acervo dos autores (2023).

*Quanto à escolha da metodologia desenvolvimentista*, a intenção foi ampliar os aspectos do desenvolvimento motor, cognitivo e afetivo social dos estudantes. Contudo, é importante enfatizar que não é possível separar, na prática, o desenvolvimento motor do cognitivo e afetivo social do discente. Desse modo, a contribuição desta metodologia se dá por uma organização que valoriza a experiência corporal, os fundamentos da ginástica, sem negligenciar a contextualização social, histórica e cultural do conteúdo e dos estudantes.

Durante uma aula de Educação Física com abordagem Desenvolvimentista o professor deve proporcionar aos alunos atividades com movimentos diversificados, de acordo com a idade e nível de desenvolvimento (motor, físico, fisiológico) adequado para aquela faixa etária. A partir daí os processos de aprendizagem motora vão se realizar até que o aluno alcance a aprendizagem das Habilidades Motoras adequadas para aquela faixa etária (Costa, 2017, p. ).

“O saber das experiências amplia nossa compreensão a respeito de nossas trajetórias acadêmicas e de nossos processos de formação” (Nunes; Ventorim, 2014, p. 2). Sob relação da prática docente, queríamos adquirir novas experiências, ampliando a nossa compreensão no que se refere a experiências docentes que contribuíram no nosso processo de formação.

Relacionando com a BNCC, documento de caráter normativo que define vários conjuntos de temas para o progresso de aprendizagem essencial que todos alunos devem desenvolver ao longo de sua jornada na Educação Básica Brasileira, o tema *ginástica* é apresentado em quatro objetivos, sendo eles:

(EF12EF07) Experimentar, fruir e identificar diferentes elementos básicos da ginástica (equilíbrios, saltos, giros, rotações, acrobacias, com e sem materiais) e da ginástica geral, de forma individual e em pequenos grupos, adotando procedimentos de segurança.

(EF12EF08) Planejar e utilizar estratégias para a execução de diferentes elementos básicos da ginástica e da ginástica geral.

(EF12EF09) Participar da ginástica geral, identificando as potencialidades e os limites do corpo, e respeitando as diferenças individuais e de desempenho corporal.

(EF12EF10) Descrever, por meio de múltiplas linguagens (corporal, oral, escrita e audiovisual), as características dos elementos básicos da ginástica e da ginástica geral, identificando a presença desses elementos em distintas práticas corporais (Brasil, 2018, p. 229).

Nesse viés, o conteúdo da GPT definido pelo grupo vem articulando principalmente com a BNCC, buscando através da base, proporcionar formas

inovadoras para que os envolvidos se mantivessem interessados e motivados pelas práticas. Quanto as oficinas, proporcionaram às crianças o desenvolvimento da percepção de seu corpo a partir da experimentação dos movimentos da ginástica de maneira coletiva. Contribuíram para outros modos de conviver e interagir, compreendendo a importância de si, do outro e de nós. Consideramos que a temática da GPT era o primeiro contato de muitos, assim, tivemos o cuidado de elaborar as aulas de forma lúdica relacionando com o cotidiano dos envolvidos. Nas oficinas, também utilizamos os circuitos de atividades, como orientou a professora da disciplina de estágio. A intenção era ampliar o tempo das crianças com a experiência corporal e ampliar a nossa mediação pedagógica em pequenos grupos. Essa organização possibilitou apresentar e desenvolver os movimentos gímnicos, com foco nas famílias de execução presente na Ginástica.

**Figuras 5 e 6** — Oficina de Equilíbrio



Fonte: Acervo dos autores (2023).

**Figuras 7 e 8** — Oficina de Escalar



Fonte: Acervo dos autores (2023).

**Figuras 9 e 10** — Oficina de Saltar



Fonte: Acervo dos autores (2023).

**Figuras 11 e 12** — Oficina de Lançar e Receber



Fonte: Acervo dos autores (2023).

Figuras 13 e 14 — Oficina de Acrobacias



Fonte: Acervo dos autores (2023).

Figuras 15 e 16 — Oficina de Ritmo e Ginástica



Fonte: Acervo dos autores (2023).

Também fez parte da intervenção a experiência em outros espaços. Acompanhamos as turmas do 4º e 5º ano para uma visita pedagógica ao CEFD/UFES, onde organizamos juntamente com a equipe pedagógica da escola, a apresentação dos espaços com objetivo de abordar uma nova experiência com os envolvidos e possibilitar uma vivência da temática escolhida fora do ambiente escolar. Tivemos como trajeto a pista de atletismo, as quadras, o ginásio, academia e salas de dança, até chegar ao local das aulas. Optamos pela reserva da sala de lutas e de ginástica, aproximando assim, da nossa temática, onde, na sala de lutas tivemos como foco a prática de *cheerleading* finalizando com o espetáculo da GPT.

Figuras 17 e 18 — Visita Pedagógica na UFES



Fonte: Acervo dos autores (2023).

Figuras 19 e 20 — Visita Pedagógica na UFES



Fonte: Acervo dos autores (2023).



Na sala de ginástica, focamos em apresentar o máximo de vivência para as crianças de acordo com os materiais disponibilizados, enfatizando a relevância de levarmos os estudantes para conhecerem mais da prática. Mostramos aos alunos os espaços públicos, tanto do Centro de Educação Física, como o restante da Universidade. Após essa apresentação dos espaços, muitos dos alunos começaram a se deslumbrar pelo ambiente e perguntar para nós, se eles poderiam visitar o CEFD/UFES mais vezes.

*“Tia, a UFES é paga?”*

*“Tia, pode entrar na UFES sempre?”*

Essas foram narrativas muito significativas que mostram a importância da escolha de levá-los a conhecer e valorizar a Ufes. Esclarecemos para todos, que o ambiente no qual estavam era público, ou seja, que aquele ambiente também era deles, logo, aberto à comunidade, onde trouxemos o exemplo do funcionamento de projetos, oficinas, aulas abertas e o Sábado de Lazer. Conversamos além disso, que a Universidade é um local e uma oportunidade para fazer uma graduação de qualidade e de forma gratuita, assim, incentivando-os a continuarem focados nos estudos.

*Quanto à avaliação das nossas aulas*, inicialmente na produção do plano de ensino, nos fundamentamos em Müller e Neira (2018), onde dizem que, a partir da perspectiva cultural da educação física, é possível novos meios de avaliação que substituem as tradicionais de verificação. Nesse aspecto, em conjunto, decidimos produzir um registro avaliativo, um “Diário de emoções” (Foto 1 e 2) com a finalidade de saber a opinião de cada aluno após as aulas por meio de carimbos em formato de emojis. Esse registro buscou valorizar as opiniões dos alunos e suas percepções durante as aulas para registrar e reconhecer as significações atribuídas por eles às práticas.

Além desse meio, também contamos com ilustrações dos estudantes sobre a visita pedagógica na UFES. E, por fim, tivemos o “Espetáculo da GPT”, no qual os(as) estudantes criaram com o auxílio dos professores uma coreografia com os elementos da ginástica aprendidos durante as aulas de forma livre, para que tivessem o protagonismo em suas vivências e escolhas. Encerramos a nossa intervenção na escola com a criação e exposição de um mural (Foto 21), onde possibilitamos que outros

estudantes, funcionários e familiares pudessem acompanhar o processo do nosso trabalho, finalizando assim o nosso estágio.

**Figuras 21 e 22 — Diário de emoções**



**Fonte:** Acervo dos autores (2023).

**Figura 23 — Mural expositivo**



**Fonte:** Acervo dos autores (2023).

Quanto às experiências dos alunos, concluímos que eles conseguiram se aprimorar do conteúdo proposto de maneira unânime, deixando de lado o costume que construíram ao longo dos anos de ficarem apenas jogando bola livremente e, dessa forma, se permitiram explorar novos conhecimentos corporais. Em nossas aulas, buscamos sempre refletir com os alunos sobre o respeito do seu corpo e do próximo, tendo em vista que o sujeito está em foco nas aulas de ginástica. Como professores, entendemos como necessária essa intervenção por meio do diálogo de conscientização individual e coletiva, na intenção de alcançar a todos sobre a responsabilidade e cuidado com o seu corpo e o do próximo, respeitando as diferenças e empenhando-se na busca do trabalho em conjunto.

Nos fundamentamos em Larrosa, para que pudessemos chegar à escolha da metodologia que seria desenvolvida em nossa intervenção. Para Larrosa (2002, p. 22): “Uma sociedade constituída sob o signo da informação é uma sociedade na qual a experiência é impossível”, sabendo disso, houve-se a consideração e percepção do público que iríamos ter contato para desenvolver nossas aulas. Consideramos que os estudantes atualmente são marcados pela geração *Alpha*, conhecida como *a era digital*, o que significa que estamos cada vez mais propícios a ter mais contato com o mundo virtual, com a informação, e cada vez menos com o mundo real, a do contato e

socialização física. Sabendo da importância desse ponto, tivemos como prioridade fazer com que por meio das nossas aulas os estudantes tivessem o máximo de contato com diferentes formas de se movimentar, experimentar e vivenciar a prática da cultura corporal do movimento através da GPT.

*Quanto às reflexões formativas*, compreendemos a complexidade do processo de construção da identidade e dos saberes docentes. É uma rede conectada às contribuições da disciplina, às temáticas sociais, à docência. Tendo em vista o que vivenciamos na construção de memorial sobre as infâncias na disciplina de Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental I, levamos em consideração a importância que as experiências nessa etapa podem nos impulsionar a refletir quando crianças. A partir disso, a escolha da temática da nossa intervenção buscou proporcionar outras experiências positivamente marcantes na vida dos estudantes, através das aulas de Educação Física. Também, compreendemos a complexidade da docência em articulação aos documentos curriculares, às referências acadêmicas, aos contextos de vida dos estudantes e às nossas experiências escolares desde a infância.

## **Considerações Finais**

É notório que o Estágio Curricular Supervisionado da Educação Física no Ensino Fundamental I foi uma disciplina indispensável e muito proveitosa para a nossa formação. Todas as experiências vividas serão de grande valia para quando estivermos exercendo a profissão de forma plena. Os relatos de experiências deste artigo narram como se dão as contribuições da temática da GPT no processo de aprendizagem. Consequentemente, também relatamos o quanto através da experiência no estágio ampliamos nosso olhar sobre as contribuições dessa temática para a aprendizagem e o desenvolvimento dos estudantes.

No primeiro momento, muitas eram nossas dúvidas e receios acerca do nível de aceitação e apreciação das atividades pelos alunos, considerando que estaríamos aplicando uma prática pouco abordada nas escolas. Dessa forma, fizemos as atividades por meio lúdico e recreativo, tendo em vista o primeiro contato dos estudantes com a GPT, de acordo com os seus relatos sobre esse primeiro contato. Fomos surpreendidos positivamente pelo interesse dos alunos, tendo em vista que as turmas vinham sempre

com grandes expectativas, tornando as aulas mais alegres e proveitosas tanto para o corpo estudantil quanto para o grupo de estagiários.

Juntamente à contínua disposição por parte dos estudantes, fomos surpreendidos com uma turma com uma consciência corporal bem desenvolvida. Com isso, as aulas abriram um leque de possibilidades, não somente para nós como professores em formação, que podíamos trazer variadas atividades para trabalhar com os estudantes, mas também para os próprios alunos, que ganhavam muitas experiências corporais a partir das atividades propostas.

Por meios das intervenções foi possível, não somente aplicar as atividades voltadas a GPT, mas também refletir sobre as problematizações e confrontos ligados aos objetivos dessa proposta.

Dessa forma, trabalhar com a GPT dentro da escola significa fornecer ferramentas como a vivência, o conhecimento, o estudo, a compreensão, o confronto, a interpretação, a problematização, o compartilhamento e, enfim, a apreensão de inúmeras interpretações sobre ginástica que possibilitam a busca por novos significados e possibilidades de expressão gímnica (Branquinho, 2021, p. 2).

Durante as aulas práticas e teóricas haviam momentos em que eram abertas discussões e problematizações atuais como as questões de obesidade e gênero, envolvendo principalmente, pessoas que estavam presentes durante as aulas. No entanto, com o cuidado para que os alunos não se sentissem desconfortáveis ou desrespeitados, os professores sempre propuseram a discussão e o debate para que houvesse uma desconstrução quanto às temáticas que estavam sendo abordadas, sempre mostrando que a prática a qual estávamos realizando é “Uma atividade corporal que pode ser praticada por qualquer pessoa, desde a mais tenra idade até o mais idoso, de qualquer gênero, cor, raça, credo e capacidade física ou intelectual”(Branquinho, 2021, p. 1).

A escolha dessa temática foi de grande formação para o corpo de estagiários, dado o fato de que foi uma experiência inovadora tanto para os estudantes quanto para nós. Trazendo à luz uma reflexão sobre essa dimensão da ampliação de aprendizagem a docência “A palavra experiência contém inseparavelmente a dimensão de travessia e perigo” (Bondía, 2002 p. 25). A qual, a todo momento passamos no limiar entre o novo e “legal”, porém, também no difícil e “chato”. Todavia, chegamos a

conclusão que é a partir desses conhecimentos, aprendizagens e vivências que nos aproximamos cada vez mais da prática docente, percebemos assim, que é através dessas experiências que podemos ampliar nossa visão, os repertórios e aprendizagens quanto docentes.

A formação constitui-se por auto-formação, onde o formador forma-se a si próprio através de uma reflexão sobre os seus percursos pessoais e profissionais; hetero-formação, em que o formador forma-se na relação com os outros, numa aprendizagem conjunta; e eco-formação, no qual o formador se forma através das coisas: dos saberes, das técnicas, e da sua compreensão crítica (Nóvoa, 2004, p. 16).

Tal formação foi possível porque não estivemos sozinhos. Houve colaboração dos sujeitos da universidade e da escola, professores, estagiários, estudantes. Através da cooperação de todos os estagiários, tanto com o empenho para transformar algo desconhecido em familiar para os estudantes, quanto para a organização e planejamento de planos, painéis e materiais dentro do espaço escolar. A articulação do planejamento com estratégias de organização do grupo mostrou que *“O saber das experiências amplia nossa compreensão a respeito de nossas trajetórias acadêmicas e de nossos processos de formação”* (Nunes; Ventorim, 2014, p. 2)

Consideramos que em todo o tempo de realização do estágio criou-se uma relação de troca com os alunos, assim como, por parte do corpo pedagógico da escola. Deste modo, reconhecemos a experiência do Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental I como sendo primordial e somativa para a construção de conhecimentos para cada um de nós, docentes em formação.

## Referências

BRANQUINHO, Gustavo Padovan; SANTIAGO, Karolina Silva; FRANCO, Neil. GINÁSTICA PARA TODOS (GPT) NO CONTEXTO ESCOLAR: UM ESTADO DA ARTE. **Educação em Foco**, Juiz de Fora, MG, v. 26, ed. 26031, p. 1-20, 2021. Disponível em: Acesso em: 10 Junho de 2023.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 08 de Junho de 2023.

CARBINATTO, Bruno. **O que é a geração Alpha?**. VC S/A, 2022. Disponível em: <<https://vocesa.abril.com.br/coluna/guru/o-que-e-a-geracao-alpha/>>. Acesso em: 24, junho de 2023.

COSTA, Marcio. **Abordagem Pedagógica Educação Física Desenvolvimentista**. Dicas educação física, 2017. Disponível em: <https://www.dicaseducacaofisica.info/abordagem-pedagogica-educacao-fisica-desenvolvimentista>. Acesso em 10 de outubro de 2023.

GOIÂNIA, Prefeitura municipal de Goiânia. Educação. **A História da Ginástica e sua Evolução**. Disponível em: . Acesso em: 7 de Junho de 2023.

MÜLLER, A.; NEIRA, M. G. Avaliação e registro no currículo cultural da Educação Física. **Estudos em Avaliação Educacional**, São Paulo, v. 29, n. 72, p. 774–800, 2021. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/eae/article/view/5030>. Acesso em: 20 dez. 2023.

PÔSTER. VI Congresso Internacional das Licenciaturas Cointer – PPVDL 2019. A ABORDAGEM DESENVOLVIMENTISTA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR. <https://cointer.institutoidv.org/inscricao/pdvl/uploads/5360.pdf>>. Acesso em: 09 de Junho de 2023.

RABELO, Fernanda. Ginástica para Todos (GPT). UNITAU – Universidade de Taubaté.

REINHOLZ, Bruna. ESTÁGIO SUPERVISIONADO E FORMAÇÃO DOCENTE: EXPERIÊNCIAS COM PROFESSORES/AS DE EDUCAÇÃO FÍSICA/UFES. UFES – Universidade Federal do Espírito Santo. Disponível em: [https://cefd.ufes.br/sites/cefd.ufes.br/files/field/anexo/bruna\\_reinholz\\_-\\_estagio\\_supervisionado\\_e\\_formacao\\_docente\\_experiencias\\_com\\_professoras\\_de\\_educacao\\_fisicaufes.pdf](https://cefd.ufes.br/sites/cefd.ufes.br/files/field/anexo/bruna_reinholz_-_estagio_supervisionado_e_formacao_docente_experiencias_com_professoras_de_educacao_fisicaufes.pdf). Acesso em: 10 de Junho de 2023.

RODRIGUES, Kezia; VENTORIM, Silvana. Narrativas de formação docente: experiências no estágio supervisionado em Educação Física. **Contrapontos**. Disponível em: <

<http://educa.fcc.org.br/pdf/ctp/v17n3/1984-7114-ctp-17-03-00460.pdf>>. Acesso em: 10 de Junho de 2023.

SANTOS, I. L. **A tematização e a problematização no currículo cultural de educação física**. 2016. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, São Paulo, 2016. Disponível em: Acesso em: 9 de Junho de 2023.

SANTOS, Thyago de Souza; NOBRE, Juliana Pontes; NIQUINI, Claudia Mara; LOPES, Priscila. A Ginástica Para Todos nas aulas de educação física: um estudo de caso. **Conexões, Educação Física, Esporte e Saúde**, Campinas, SP, p. 450-467, out/dez 2018.

# **XI SEMINÁRIO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA:**

**PARA ALÉM DA VIOLÊNCIA ÀS ESCOLAS**

## **Comunicação Oral**

**Práticas pedagógicas de Educação Física no ensino médio**



## EXPERIÊNCIAS DE ENSINO DO ATLETISMO NO ENSINO MÉDIO: MEDIAÇÕES PEDAGÓGICAS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Athila Rangel Barreto Soave  
Belize Emanuelle Pereira da Silva  
Cesar Romão de Oliveira  
Daniella de Souza Falcão  
Felipe Alves Valadares  
Julia Mofati Azevedo  
Lucas Salomão Vieira  
Luciana Maria Gonçalves Suzano  
Mariana Ferraz Simões  
Paola Leal Hott  
Pierla Izabele da Conceição Vitória

### Introdução

O estágio supervisionado é um espaço de aprendizagem e construção da identidade profissional que proporciona aos estudantes uma aproximação à realidade da profissão (Pimenta e Lima, 2008), configurando um movimento de articulação entre teoria e prática, entre fazer e pensar e repensar a Educação Física como ato contínuo de educador-aprendiz por meio de um ambiente seguro onde a atuação docente é intermediada. Essa relação favorece a formação, pesquisa e ensino, motivando os estagiários a pensar sua constituição docente e as possibilidades para a Educação Física escolar (Ventorim et al., 2011).

As disciplinas de estágio supervisionado estão previstas na matriz curricular dos cursos de licenciatura, por esse motivo são de caráter obrigatório, sendo necessário que todos os futuros professores passem por eles em algum momento de sua formação.

O conceito de formação identifica diferentes realidades, ainda que de alguma forma, todas estejam ligadas ao campo da educação. Segundo Josso,

A formação se apresenta com um processo contínuo de auto-organização do ser vivo em constante interação com um meio ambiente. Por que as trocas com o meio ameaçam um equilíbrio interno, o organismo, enquanto ser psicossomático, trabalha por um reequilíbrio (Josso, 2010, p.44).

Essa concepção de formação não abrange apenas o indivíduo como ser biológico, mas o corpo como um todo, considerando suas dimensões psicológicas e sociais. Nesse sentido, a formação pode ser encarada como um processo de individualização pelo qual o sujeito passa e manifesta sua individualidade a partir de um coletivo cultural e biológico.

Neste contexto, além de cumprir uma exigência acadêmica, essa experiência proporciona crescimento pessoal e profissional. O processo ressalta a importância de relacionar a experiência prática com os saberes apropriados durante o curso de graduação, contribuindo para desenvolvimento de profissionais com autonomia docente. Para Caparroz e Bracht (2007, p.37),

Ao nos referirmos à autonomia docente entendemos que tal está relacionada com uma perspectiva na qual os professores devem buscar construir e conquistar sua competência didático-pedagógica para desenvolver sua prática pedagógica na complexa trama de relações que engendra o cotidiano escolar.

Experiência também é um termo que precisa ser conceituado para compreender de maneira mais clara os efeitos do campo de estágio obrigatório nos cursos de licenciatura. Para Bondía (2002, p. 21), a experiência é “[...] o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca”. Nesse contexto, o autor também destaca a distinção entre experiência e informação. Segundo ele,

[...] informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma anti experiência. Por isso a ênfase contemporânea na informação, em estar informados, e toda a retórica destinada a constituir-nos como sujeitos informantes e informados; a informação não faz outra coisa que cancelar nossas possibilidades de experiência (Bondía, 2002 p. 21).

Nesse sentido, a experiência oferecida pelo campo de estágio possui relevante importância para a trajetória acadêmica e profissional dos discentes. O diálogo entre teoria e prática, o planejamento, a ida a campo, as expectativas, frustrações e os sucessos vivenciados durante esse período consolidaram o desejo de ser professor e auxiliaram a ressignificação de sua identidade profissional.

Segundo Campos (2007, p. 24), dentro do curso de formação, os estágios supervisionados proporcionam um momento de reflexão, promovendo “[...]”

aproximação do aluno, futuro professor, com a realidade de atuação, levando a refletir acerca dos momentos vivenciados – a refletir tanto na ação (vivência do estágio) quanto sobre a ação (momento depois do estágio, quando se repensa a prática de ensino vivenciada e é possível prever novas possibilidades)”. O presente trabalho tem como objetivo apresentar as experiências que aconteceram no estágio supervisionado na Escola de Ensino Médio Arnulpho Mattos através das narrativas construídas pelos discentes da disciplina de Estágio Supervisionado em Ensino Médio do curso de Educação Física do Centro de Educação Física e Desportos (CEFD) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) no primeiro semestre do ano de 2023.

A Escola Estadual de Ensino Médio Arnulpho Mattos, é uma escola pública e técnica em Vitória/ES, no bairro República que iniciou em 1977. Oferece cursos técnicos e ensino médio na modalidade presencial. Sendo assim, as vagas são disputadas e valorizadas.

Os cursos oferecidos são: Técnico em Administração; Técnico em Automação Industrial; Técnico em Eletrotécnica; Técnico em Mecânica; Técnico em Segurança do Trabalho e Técnico em Sistemas.

Os diferentes cursos oferecem características singulares de cada turma. Percebemos a predominância de gênero nas mesmas e isso também é visto na atuação profissional. Os estagiários Paola, César e Felipe atuaram na turma de segurança do trabalho, com a característica majoritariamente do público feminino. As estagiárias Pierla e Mariana atuaram na turma de automação industrial, com a característica majoritariamente do público masculino. As estagiárias Belize e Júlia atuaram na turma de mecânica, com a característica majoritariamente do público masculino. Os estagiários Athila e Salomão atuaram na turma de eletrotécnica, com a característica majoritariamente do público masculino. Por fim, as estagiárias Luciana e Daniella atuaram na turma de sistemas e, diferente de todas, a turma era equilibrada entre o público masculino e feminino.

## **Práticas Desenvolvidas**

Sobre o atletismo, pode-se dizer que é uma forma de expressão humana que combina força, velocidade, resistência e habilidades técnicas, encapsulando a essência

do espírito competitivo. Com uma história rica e antiga, o atletismo engloba uma ampla gama de provas, desde corridas de velocidade e saltos até lançamentos e provas de resistência. É um esporte que transcende fronteiras culturais e geográficas, unindo pessoas de todas as origens em competições emocionantes e em eventos globais de prestígio, como os Jogos Olímpicos.

O atletismo é um testemunho do poder do corpo humano e da capacidade de superar limites, incentivando a disciplina, a dedicação e o trabalho árduo para alcançar conquistas extraordinárias.

O atletismo desempenha um papel fundamental na educação física escolar e no ensino médio, oferecendo aos estudantes uma oportunidade valiosa de desenvolver suas habilidades e promover um estilo de vida saudável. Nas escolas, as aulas de atletismo proporcionam aos alunos uma base sólida em corrida, saltos, arremessos e lançamentos, ao mesmo tempo em que promovem a importância do trabalho em equipe, do respeito mútuo e da cooperação. Além disso, as competições atléticas estimulam o espírito de competição saudável e a solidariedade entre os estudantes.

Sobre isso, Oliveira (2006) observa que o atletismo contribui para o crescimento corporal, facilitando a aprendizagem motora para se conseguir um bom desempenho individual ou em grupo, além de vivenciar e aprender sobre um esporte que pode levar os alunos a eventos importantes. Durante o processo de aprendizagem, o atletismo prepara para desafios táticos a cada novo gesto que aprendem e vivenciam. Nesse sentido, é importante o professor modificar a atividade, alterando as regras e os equipamentos utilizados, sempre criando um ambiente desafiador que leve os alunos a desenvolver habilidades e agilidade na tomada de decisão e resolução de problemas em diferentes situações alternativas.

No ensino médio, o atletismo desempenha um papel ainda mais relevante, com a possibilidade de se trabalhar com um sistema de competição saudável entre os alunos. Essas competições oferecem aos alunos a oportunidade de aprimorar suas habilidades, estabelecer metas pessoais e experienciar a emoção da vitória e a superação de desafios. O atletismo na escola e no ensino médio desempenha um papel vital na formação física, mental e social dos estudantes, proporcionando-lhes uma base sólida para uma vida ativa e saudável, por meio da apropriação de seus fundamentos, da sua história e dos seus elementos culturais e sociais.

Sendo assim, em nosso estágio no ensino médio, pode-se dizer que o planejamento das práticas foi desenvolvido a partir do atletismo. Por questões de organização, após discussões, foi decidido que o planejamento das aulas seriam em conjunto, de forma a definir as modalidades e conteúdos do atletismo que seriam trabalhados e a ordem pedagógica a ser seguida. Os estagiários, após a divisão das duplas/trio, tiveram a liberdade de planejar sua aula, porém seguindo a ordem que foi definida anteriormente em conjunto. As modalidades escolhidas foram: introdução as prova de pista com atividades de corridas; provas de campo, com delimitação primeiramente para os saltos, com o salto a distância e o salto triplo; provas de campo, com o arremesso de peso, lançamento de disco e de dardo; além disso houve também a corrida de revezamento e aulas que focaram na prática do atletismo inclusivo. Dito isso, ao final os alunos seriam levados para uma aula na pista de atletismo da UFES, ao qual iriam ter a possibilidade de experimentar todas as modalidades a eles apresentadas nas aulas que ocorreram na escola.

Dessa forma, este projeto teve como objetivo conhecer sobre a temática do atletismo na educação física escolar, por meio de práticas que possibilitam uma maior aproximação com o esporte propriamente dito. Além disso, pode-se trazer que as aulas em sua maioria foram práticas, articulando alguns conceitos de atletismo e conversas no final de cada aula para a apropriação dos conhecimentos adquiridos e vivenciados nessas práticas. Dessa forma, foi possível se trabalhar com essas modalidades do atletismo, voltado para uma aproximação real do esporte.

**Figura 1**— Conversa inicial com os alunos



**Fonte:** Acervo dos estagiários (2023).

**Figura 2** — Introdução à corrida

Fonte: Acervo dos estagiários (2023).

### **Pertencimento à escola e consolidação da identidade docente**

A experiência em Estágio Supervisionado no Ensino Médio retrata muitas nuances do professor em formação, especialmente, o pertencimento ao espaço escolar e a identidade docente do estudante em formação inicial.

Adentrar a um espaço novo, já ocupado, seja ele qual for, requer muita responsabilidade e respeito pelas pessoas que ali estão inseridas exercendo suas funções cotidianamente. Na escola não é diferente, ao entrarmos no campo de nosso estágio, fomos preparados e amparados por diálogos sólidos e agradáveis com todas as pessoas que fizeram parte do processo de formação.

Nóvoa (1992) traz a ideia do professor como centro do processo de aprendizagem, e, além disso, a necessidade de interação entre os espaços profissionais e as dimensões pessoais que geram a apropriação da sua profissão em suas histórias de vida.

A identidade profissional, atrelada a história de vida de cada pessoa presente nesse estudo revela a subjetividade e riqueza do processo de formação. No que tange à

identidade do professor no campo de atuação, isso reverbera em aulas, ela vai e vem, avança e recua (Dominicé, 1986) de acordo com as suas necessidades vigentes.

Nesse contexto, nossa experiência proporcionou o movimento gradativo de pertencimento à escola e às turmas participantes do estágio, mediante o acolhimento por parte da equipe pedagógica, da professora supervisora e dos estudantes. O planejamento sistemático também influenciou nessa perspectiva de pertencimento, envolvimento, co-responsabilidade, autonomia e liberdade para construir nossos projetos de ensino do Atletismo com base em relação respeitosa e prazerosas. O olhar para a constituição da identidade docente dos estagiários, especialmente tendo como referência o trabalho com jovens no ensino médio, desafio por nós apontando para esse momento do curso de licenciatura.

## **A importância do planejamento nas aulas de Educação Física**

A Educação Física, como disciplina no currículo escolar, desempenha um papel fundamental no desenvolvimento integral dos alunos. Além de promover o conhecimento de várias práticas corporais, essa disciplina proporciona a vivência de valores como o respeito, a cooperação e a autonomia. No entanto, para que esses objetivos sejam alcançados de forma efetiva, é necessário um planejamento adequado das aulas. Nesse contexto, ao longo do Estágio Supervisionado no Ensino Médio vimos o quanto é importante o planejamento para as aulas.

Segundo Assamai e Duarte (2017), o planejamento consiste em uma etapa essencial para o sucesso de qualquer prática pedagógica, e na Educação Física não é diferente. Ao planejar, o professor tem a oportunidade de organizar de forma coerente e significativa as aulas, considerando os objetivos educacionais que precisam ser atendidos na especificidade de cada aula, as características individuais dos alunos, as condições estruturais da escola e os recursos disponíveis.

No estágio supervisionado o processo de planejar nos permitiu estabelecer objetivos claros e adequados ao nível de aprendizagem dos alunos. Esses objetivos foram relacionados à aquisição de habilidades motoras, à compreensão dos conceitos teóricos, à promoção de atitudes saudáveis (alongamentos) e inclusivas (paraolimpíadas).

Nós utilizamos de um plano de unidade, que previa uma sequência didática, em torno de 10 aulas, a partir do Atletismo, dando prioridade ao decorrer das aulas fazer com que os alunos vivenciassem algumas modalidades presentes no mesmo, como as corridas, saltos, arremessos e lançamentos, dando ênfase ao desenvolvimento dos fundamentos técnicos básicos e assim como noções de regras.

Finck (2011) enfatiza que à medida que o estudante tem acesso ao conhecimento e vivência de várias modalidades esportivas, também terá maiores possibilidades de escolha, a fim de poder praticá-las no seu tempo livre como atividade esportiva de lazer, adquirindo benefícios que contribuirão para uma melhora de sua qualidade de vida.

Portanto, durante o processo de planejamento, trabalhamos com os seguintes momentos: a seleção das atividades, criação de cronogramas, identificação e confecção de materiais, estudos sobre o atletismo, etc. A partir disso, notamos a necessidade de que uma aula bem planejada traz benefícios indispensáveis para a organização, para a eficiência e foco nos objetivos, proporcionando aos alunos uma experiência de aprendizagem mais rica e significativa.

Por outro lado, tivemos alguns desafios na implementação do planejamento, especialmente o tempo de desenvolvimento de cada conteúdo do atletismo, os recursos de materiais limitados, os espaços físicos poucos apropriados para a prática dessa modalidade, ainda assim, buscamos trabalhar com a produção de materiais a partir de confecções para que pudéssemos aproximar ao máximo da realidade do atletismo. Assim, como, sentimos uma frustração significativa ao tentar concluir a última aula planejada, que foi não conseguir alcançar o objetivo previsto no planejamento de levar os estudantes a pista de atletismo da UFES, que hoje é uma referência em espaço físico apropriado para o atletismo, além disso, os alunos teriam oportunidade de viver a experiência que é o contexto da Universidade Federal, que fica até próximo à escola.

A não ida, esse fato se deu em função de que no dia previsto e planejado, houve um ato de fechamento dos portões no contexto de manifestações em relação a universidade, o que impediu o acesso. Então essa situação nos deixou um pouco com uma ideia e perspectiva de que não completamos nosso último objetivo, o que faz com que seja fundamental reavaliar sempre como que esses aspectos, a frustração, a dificuldade do uso de materiais e dos espaços, exige estratégias de lidar, de buscar



sempre alternativas para que as atividades sejam mais adequadas possíveis e adaptadas à realidade da escola de modo que o planejamento tenha um possível desenvolvimento coerente com aquilo que foi planejado e desejado como o projeto pedagógico da escola.

Além disso, o planejamento permite ao professor antecipar possíveis dificuldades e desafios que os alunos podem enfrentar durante as aulas. Dessa forma, é possível prever estratégias de intervenção e adaptação para atender às necessidades individuais de cada aluno. Outra questão relevante ressaltada por Assamai e Duarte (2017) é a importância do planejamento para a otimização do tempo de aulas. Ao definirmos previamente aulas e atividades, evitamos futuras frustrações e garantimos uma sequência lógica e progressiva de ensino, assim, contribuindo para uma gestão eficiente do tempo disponível e para a maximização das oportunidades de aprendizagem.

É fundamental enfatizar ainda que o planejamento deve ser flexível e passível de ajustes, considerando que a dinâmica das aulas pode exigir improvisações, como ocorreu em alguns momentos nas nossas aulas, por exemplo em uma com o conteúdo de arremesso, onde o disco foi improvisado com pratinhos de atividades físicas, (Figura 3 e 4). É importante que o professor esteja aberto ao diálogo com os alunos, ouvindo suas expectativas e necessidades, e que tenha a capacidade de tomar decisões e modificar o plano inicial, quando necessário.

Em suma, o planejamento das aulas de Educação Física é uma etapa primordial para o desenvolvimento de um ensino de qualidade. Podemos compreender a importância de um planejamento bem elaborado para o alcance dos objetivos educacionais, a otimização do tempo, uma boa organização de forma coerente e significativa das aulas, entre outros diversos benefícios. Através desse processo, o professor tem a oportunidade de oferecer experiências de aprendizagem enriquecedoras e entusiasmadas para a formação integral dos estudantes e para o fortalecimento da disciplina de Educação Física no contexto escolar.

**Figura 3 — O aluno e a técnica do arremesso**



Fonte: Acervo dos estagiários (2023).

**Figura 4 — O aluno, e a técnica do arremesso**



Fonte: Acervo dos estagiários (2023).

## Participação dos alunos

Um dos grandes desafios impostos para nós no início do estágio foi a falta da possibilidade de aulas diagnósticas, inicialmente tivemos que planejar a primeira aula a ser dada sem muitas informações importantes a respeito das turmas, como quantidade de alunos, se havia predominância de gênero, saber qual era o grau de envolvimento

dos alunos nas aulas de educação física, além de não conhecer características das relações e comportamento individual entre aluno, e alunos e professores. Ainda contávamos com o empecilho da falta de materiais disponíveis para as aulas de atletismo planejadas, tendo que recorrer a criatividade e cooperação entre os grupos para a criação de materiais alternativos e socialização do mesmo.

Ademais, com o passar das aulas aplicadas, podemos observar como era difícil planejar atividades que motivassem e envolvessem os alunos de forma que sua atenção fosse focada naquele momento da prática. Por fim, um dos meios criados para solucionar essa e também as outras dificuldades citadas foi, principalmente, a troca de ideias possibilitada pela interação e observação dos grupos e da professora responsável durante as aulas aplicadas. A percepção de quem estava observando as aulas possibilitou um processo de reflexão que apontou possibilidades diferentes de aproveitamento dos conteúdos passados nas aulas.

Por fim, é válido ressaltar que os alunos mostraram muito respeito pelos estagiários, se envolveram nas aulas propostas, além de apresentarem sugestões para as atividades, mostrando que estavam entendendo o que era proposto e buscando formas de aperfeiçoar seu aprendizado. É notório que essa experiência mostrou para nós, professores em formação, que os alunos conseguiram atingir os objetivos propostos apesar de todos os desafios.

### **Ensino de técnica ou não ensino da técnica?**

Segundo o dicionário Oxford Language (2017), a técnica refere-se a “maneira de tratar detalhes ou de usar os movimentos do corpo”. Nas aulas de Educação Física escolar, ao se falar sobre o ensino da técnica, haja vista a denotação acima do que vem a ser a técnica, podemos entender como a educação dada aos estudantes sobre os movimentos que seus corpos são capazes de executar, sejam estes movimentos aparentados no contexto de um jogo, no contexto de uma brincadeira, em um contexto esportivo, sejam em outros contextos que frequentemente aparecem nas aulas de Educação Física.

Através da realização de movimentos específicos, que atuam como respostas para situações problemas que surgem no decorrer das práticas nas aulas de Educação

Física, têm-se um aprimoramento do movimento, onde o mesmo deixa de ser apenas um movimento e torna-se um gesto técnico propositalmente executado pelo aluno, o qual possui um objetivo específico ao ser realizado, diante do contexto da prática em que se encontra inserido.

Para a execução de tal movimento, faz-se necessário o treinamento e a experiencição da técnica, pois sem isto os estudantes muitas das vezes não conseguirão progredir dentro do conteúdo que se foi proposto para as aulas, além de que, os mesmos estudantes em sua maioria não terão oportunidades de treinarem e experienciarem o ensino e a aplicação da técnica em outros espaços, físicos e temporais, do seu dia-a-dia para além das aulas de Educação Física.

Não obstante, o desempenho de um aluno ou ao menos a não demonstração mínima de determinado movimento, conhecimento sobre o uso da técnica, pode ser um indicador utilizado para avaliar o que foi aprendido (ou não) pelos alunos ao longo da(s) aula(s).

Ao direcionar-se o olhar pedagógico por uma ótica na qual a técnica pode ser um indicador avaliativo de aprendizado, suscitam-se diversas perguntas, tais como: “Até qual limite a técnica deve ser ensinada nas aulas?”; “Qual é o limite para avaliação da técnica nas aulas?”; “A técnica realmente deve ser ensinada nas aulas de Educação Física escolar?”.

Buscando-se respostas concretas e concisas para essas perguntas, os alunos em formação do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), que realizaram a disciplina de Estágio Supervisionado no Ensino Médio, se propuseram a ministrar os conteúdos de suas aulas junto às turmas de ensino médio das quais foram encarregados, aplicando o uso e o ensino da técnica, dando a resposta “sim” para o questionamento sobre o ensino ou não da técnica nas aulas de Educação Física escolar.

Os alunos do ensino médio não somente precisam ter o contato com a técnica em suas aulas, eles têm esse direito! Afinal, é um direito garantido via documentos institucionais que regulamentam a grade curricular nacional, ao mesmo tempo que, o ensino e o aprendizado das técnicas corporais cabem especialmente às aulas de Educação Física, devido a estes saberes serem próprios, provenientes e proeminentes da disciplina de Educação Física.

Todavia, a resposta para o questionamento de até qual limite a técnica deve ser ensinada foi dada de forma simples, porém, muito profícua pelos estudantes universitários no decorrer das aulas ministradas. Em suma, foi de consenso que a técnica a ser ensinada não deveria ser uma técnica que apresenta como mensuração de seus limites a excelência e a perfeição, muito menos que em seu ensino ela devesse ser repetida incontáveis vezes. Ou seja, o limite para o ensino da técnica não se aproxima dos limites estabelecidos para ensino que objetiva o alto rendimento ou a alta performance.

Em sentido oposto, a técnica deve ser ensinada de forma paulatina, considerando as características de aprendizado dos estudantes no instante em que ela está sendo ensinada. Assim como, seu ensino deve levar em consideração os conhecimentos que o estudante já tem adquirido até aquele momento e até onde suas capacidades permitem desenvolver novos conhecimentos a partir da técnica.

De modo a resumir, foi propiciado aos estudantes durante as aulas de estágio o ensino da técnica das provas de pista e de campo da modalidade Atletismo, pelo qual puderam aprender e conhecer sobre os movimentos específicos e próprios de cada conteúdo proposto para cada aula. Contudo, a técnica não foi o foco central de ensino ou predominou enfaticamente. Além disso, não foi exigido dos alunos o rigor técnico e eles puderam atribuir seus próprios traços, suas pessoalidades e subjetividades na execução da técnica e na conseqüente experimentação dos conteúdos de cada aula.

Quanto ao questionamento sobre até qual limite a técnica deve ser avaliada, os docentes em formação, de forma empírica por meio de sua atuação, puderam comprovar que os limites são subjetivos e devem ser considerados a partir dos objetivos centrais pretendidos pelo professor de Educação Física.

Como os objetivos centrais das práticas pedagógicas na disciplina de Estágio eram os de proporcionar a transferência e a construção de conhecimentos de modo a propiciar um processo de ensino e aprendizagem integral dos estudantes do ensino médio, para cada estudante foi buscado um limite do uso da técnica dentro do que o mesmo era capaz de produzir via tentativa e estímulo. Estes últimos, os dois parâmetros comuns e obrigatórios para todos os estudantes.

Como resultados finais processuais, obteve-se uma participação praticamente total dos estudantes, em cada aula e em cada turma (mesmo nas turmas onde o

histórico de participação dos estudantes anterior à chegada dos docentes em formação não era tão alta). Para além da participação, os professores em formação avaliaram os desempenhos e os aprendizados dos estudantes qualificados em níveis bons ou excelentes, de maneira geral e em cada turma, alcançando-se o cumprimento dos objetivos propostos.

Por fim, os próprios estudantes qualificaram seus desempenhos e seus aprendizados e não coincidentemente, suas autoavaliações foram extremamente semelhantes e próximas as avaliações feitas pelos estudantes universitários. A frase que mais se repetiu foi, “eu me diverti e aprendi muito, fiz até coisas que nem sabia que conseguia fazer”, comprovando que a técnica pode e deve ser ensinada, sendo ferramenta essencial nas aulas de Educação Física.

Porém, ressalta-se que o fenômeno supracitado só é passível de ocorrência quando o professor de Educação Física tem o discernimento de ministrar em sua prática o ensino de técnica e não somente da técnica.

Na avaliação, pode-se dizer que devido ao tempo curto, não houve viabilidade de avaliar o processo através de algum instrumento metodológico. Apesar disso, é válido destacar que a avaliação dos alunos no estágio se deu de uma forma processual, no qual se utilizou de dinâmicas dialógicas e o registros de imagens e vídeos. Sendo assim, ao final de cada aula eram feitas rodas de conversa com os alunos acerca dos conteúdos trabalhados, além dos registros fotográficos que eram responsabilidade das outras duplas/trio presentes registrar os momentos. Em grupo e no final de cada aula dada, a professora se juntava com os estagiários para uma conversa acerca da aula, feedbacks, opiniões sobre o conteúdo que foi dado. Os estagiários responsáveis pela aula também estavam a todo momento observando os alunos e os ajudando com dúvidas, questionamentos, suas dificuldades em alguns movimentos e como executá-los da forma adequada, possibilitando também este diálogo.

De modo geral, podemos inferir que o ensino do Atletismo gerou muitos desafios e experiências muito formativas para os estudantes e estagiários.

## **Considerações Finais**

A EEEM Arnulpho Mattos foi uma excelente escola preceptora, juntamente com a professora Tatiane estivemos imersos no ensino médio capixaba com a particularidade

do ensino técnico. De modo geral a escola, especificamente a equipe pedagógica se mostrou comprometida com as atividades do estágio na de contribuir com a formação de professores.

As cinco turmas onde lecionamos têm perfil variado, muito em função dos cursos técnicos que estão vinculados (Técnico em Automação Industrial, Técnico em Eletrotécnica, Técnico em Mecânica, Técnico em Segurança do Trabalho, Técnico em Sistemas.) A partir da reforma do novo ensino médio, os alunos tiveram sua carga horária na disciplina de Educação Física reduzida, entretanto isso culminou num aproveitamento e interesse ainda maior por parte dos alunos.

Considerando os quatro estágios que nós acadêmicos de Educação Física temos, este último se mostrou o mais desafiador. Esse fato se deve à idade dos alunos ser próxima com a idade dos professores, acrescido da dificuldade existente em capturar a atenção dos adolescentes em meio a tecnologia e redes sociais. Procuramos em nossas aulas ensinar os diversos elementos que envolvem o atletismo, além da técnica, buscamos trabalhar os conteúdos históricos, as adaptações existentes para as pessoas com deficiência, os principais atletas e modalidades caracterizando um ensino global, crítico e transformador da realidade.

O estágio no ensino médio nos motivou e ampliou nossos horizontes, pois atuar em uma escola referência nos motiva e incentiva. Entendemos a importância de uma comunidade escolar engajada e das transformações sociais que elas provocam. Com a professora Tatiana foi possível aprender questões didáticas que as aulas na Universidade não contemplaram, o estágio tem um saber único e diferenciado. Deixamos registrado nosso agradecimento à professora Silvana, à equipe da escola EEEM Arnulpho Mattos, à professora preceptora Tatiane e aos demais colegas de estágio.

## Referências

ASSAMAI, Maria; DUARTE, Laura. **Didática**. 1. ed. Vitória: Secretaria de Educação a distância - UFES, 2017. 110p.

BONDÍA, J. L. (2002). Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira De Educação**. v. 19, p. 20–28, 2002.

CAMPOS, M. Z. **A prática nos cursos de licenciatura: reestruturação curricular da formação inicial**. In: Tese (Doutorado em Currículo, Formação de Professores) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC). São Paulo, 2007.

CAPARROZ, F. E. BRACHT, V. O tempo e o lugar de uma didática da Educação Física. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**. Campinas, v. 28, n. 2, p. 21-37, 2007.

DOMINICÉ, Pierre. "La formation continue est aussi un règlement de compte avec sa scolarité". **Éducation et Recherche**, 3/86, 1986, pp. 63-72.

FINCK, Silvia Cristina Madrid. **A educação física e o esporte na escola. Cotidiano, saberes e formação**. Curitiba: Ibpex, 2011.

JOSSO, M. C. Experiência e vida e formação. 2<sup>o</sup> Ed. revista e ampl. Natal, EDUFRN; São Paulo, **Paulus**, 2010. (Coleção Pesquisa (auto)biográfica ∞ Educação. Clássicos das Histórias de Vida).

MEURER ST, Schaefer RJ, Miotti IML. Atletismo na escola: uma possibilidade de ensino. **Efdeportes**, 2008; 13(120). Disponível em: <http://www.efdeportes.com>. Acesso em: 21 out. 2023.

OLIVEIRA, MCM. **Atletismo escolar: uma proposta de ensino infantil**. Rio de Janeiro: Editora Sprint, 2006.

NÓVOA, António. Os professores e a sua formação. Lisboa: **Publicações Dom Quixote**, 1992. 192 p.

PIMENTA, S. G; LIMA, M. S. L. **Estágio e Docência**. 3<sup>a</sup> ed. São Paulo: Cortez, 2008.



## EXPERIÊNCIAS DE ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO: INTEGRAÇÃO ENTRE O PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA E O ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Iago Barreto  
Luan Oliveira e Souza Villa  
Núbia dos Santos Alves

### Introdução

O presente artigo envolve a descrição das experiências vivenciadas na docência pelo programa de Residência Pedagógica no Instituto Federal do Espírito Santo (IFES) articulada com a proposta do Estágio Curricular Supervisionado da Educação Física no Ensino Médio buscando compartilhar e compreender aspectos semelhantes e distintos de escolas que dispõem de cursos técnicos.

Compreendemos que a Educação Física nos anos finais do Ensino Médio exerce grande influência na formação e construção do indivíduo, assim, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) estabelece que:

[...] à percepção das marcas identitárias e à desconstrução de preconceitos e estereótipos nelas presentes; e, também, à reflexão crítica a respeito das relações práticas corporais, mídia e consumo, como também quanto a padrões de beleza, exercício, desempenho físico e saúde (Brasil, 2018).

Por isso, nossa abordagem prioriza atividades que envolvam as práticas físicas e cognitivas dialogando sobre temas transversais que perpassam o conteúdo e estão presentes na sociedade sempre respeitando as características dessa faixa etária (Maldonado, 2020). Para auxiliar, utilizamos a Base do Currículo Comum Nacional (BNCC) (Brasil, 2018) e Freire (2001) para orientar nossa prática docente envolvendo jogo, brincadeira e ludicidade na Educação Física.

O Campus de Vitória se localiza no bairro Jucutuquara, apesar de ser considerado periférico, tem uma boa localização por estar em umas das principais vias de fluxo urbano como a avenida Vitória. São oferecidos 16 cursos técnicos, sete graduações, três especializações e cinco mestrados, tendo mais de 4 mil alunos. A infraestrutura conta com apoio de quatro quadras cobertas de tamanhos diferentes, sala de dança,

academia, piscina, pista de atletismo, campo de futebol, salas de aula com capacidade de até 40 alunos com suporte para o uso de mídia e biblioteca geral.

É importante ressaltar, que a instituição dispõe de espaços físicos e materiais com qualidade e variedade, proporcionando adequadas condições de ensino-aprendizagem. O ponto negativo é a relação de autonomia dos(as) alunos(as) acerca da presença nas aulas, pois são os(as) alunos(as) que mudam de ambiente para assistirem às aulas. Tendo em vista que o campus é extenso e nem todos os espaços são utilizados, eles(as) aproveitam para se ausentar da aula mesmo estando no instituto.

## **Relato de Experiência**

### *Turma de Meio Ambiente*

A turma é composta por 20 alunos(as) do curso de meio ambiente do IFES, sendo majoritariamente meninas. São alunos(as) com pouca consciência corporal que somados ao fato de uso das raquetes gerava bastante dificuldade nas práticas provocando frustração, visto que o jogo não acontecia de maneira corrida. Entretanto, são alunos(as) muito aplicados(as) no quesito teórico e com bastante capricho e atenção aos trabalhos solicitados pelos docentes. O tênis, prática escolhida por nós residentes, junto com os/as estudantes, foi desenvolvida ao longo do trimestre, sempre com o auxílio do professor regente. A escolha desse esporte se deu por conta do difícil acesso ao mesmo, por ser considerado um esporte elitista, e por conta da pouca, ou quase nula, familiaridade dos/as alunos/as com o mesmo. Sendo assim, achamos de suma importância proporcionar uma vivência prática, e também teórica, de tudo aquilo que atravessa o tênis, proporcionando assim uma nova experiência corpórea aos/às estudantes.

Durante o processo da prática docente, tivemos certas dificuldades no que tange o relacionamento com os/as alunos/as, principalmente por conta da mudança de estágios do ensino fundamental I e II, para o ensino médio, naquilo que diz respeito a mudança drástica de comportamento da fase infantil para a pré-adolescência/adolescência. Por mais que os/as discentes tenham sido bem receptivos, visualizamos uma certa resistência à prática, e sobretudo a desvalorização da disciplina de Educação Física pelos/as alunos/as. Tivemos alguns problemas no que

diz respeito à organização com a aula anterior a de Educação Física, pois a professora, durante algumas vezes, liberava os/as alunos/as mais tarde, de forma a atrasar a aula. Isso despertou um sentimento de impotência e indignação, principalmente por percebermos a desvalorização da Educação Física na escola.

As aulas eram planejadas em conjunto com o professor regente, em reuniões que aconteciam periodicamente, mas durante o processo, nós também planejávamos a aula seguinte levando em consideração o desenvolvimento da aula anterior, colocando como ponto importante as percepções, frustrações, evolução, e indagações levantadas pelos/as alunos/as durante as aulas, pois sempre aconteciam breves conversas acerca da prática durante as aulas.

Todas e todos foram participativas/os, mas isso aconteceu por conta de uma construção baseada naquilo que tange o método de ensino-aprendizagem, levando em consideração o desenvolvimento das aulas e do ensino de forma horizontalizada. No começo do trimestre algumas pessoas faltavam às aulas, e isso se deu por conta de dois principais motivos, a não valorização das aulas de Educação Física por parte dos/as alunos/as, e pela liberdade que o IFES oferece aos alunos, que por serem bem novos, ainda não conseguem administrar bem o compromisso das aulas, com os momentos de lazer que a instituição, e seus espaços, conseguem oferecer.

As avaliações levaram em consideração temas transversais que emergiram durante o trimestre. Esta faixa etária é inserida nas temas transversais que são debatidas nas redes sociais. Articulando as experiências internalizadas por eles com as temáticas presentes no tênis, designamos quatro temas para confecção de folderes, sendo eles: questões de gênero e sexualidade no esporte, tênis para pessoas com deficiência, saúde no esporte de alto rendimento e como construir uma raquete sustentável. Os(as) alunos(as) tiveram que apresentar seus temas como parte avaliativa, enquanto os outros grupos formularam uma pergunta para agregar no debate sobre a temática, além do estímulo pela atribuição de nota para a confecção das perguntas.

### *Turma de Eletrotécnica*

A princípio, a turma se encontrava com 20 alunos do 1º ano do Ensino Médio do curso de Eletrotécnica inscritos na disciplina que acontecia às quartas e sextas feiras. No entanto, com a junção da turma denominada internamente pela equipe docente

como G1 e G2, chegamos ao total de 40 alunos na metade do trimestre, que em sua maioria era composta por meninos. Considerando que, são alunos recém chegados ao ensino médio e oriundos de uma educação virtual com ensino remoto pelo fator pandêmico, muitos demonstraram ter dificuldade com o seu repertório de movimento corporal referente ao esperado pela faixa etária dos estudantes.

No entanto, existiram muitos perfis de liderança, que em primeiro momento não se mostravam, mas foram aparecendo com a lógica da metodologia abordada, e conseqüentemente, colaborando com o sucesso do planejamento.

Este grupo de 40 alunos foi considerado agitado no bom sentido, motivados por tamanha ansiedade de estar em uma atividade que envolva experiências de movimento corporal, todavia, para um primeiro contato deles com um professor e residentes do IFES, é compreendido como uma experiência inédita para todos os envolvidos.

A escolha do conteúdo desenvolvido surgiu a partir da aula diagnóstica, onde a proposta por parte das professoras em formação, fosse que os mesmos sugerissem esportes na perspectiva não tradicional, de preferência algo que de fato provocasse a curiosidade do novo. Como foram muitas sugestões, para ser uma escolha democrática houve uma votação para assim determinar que o Futevôlei seria o conteúdo do trimestre.

Para estruturar os procedimentos metodológicos, foi utilizado o modelo de educação esportiva, o “Sport Education”, na intenção de que os estudantes possam se apropriar do esporte e perceber todas as possibilidades que este pode oferecer, desde praticante até espectador passando por diversas funções (Ginciene, 2017).

Sendo assim, para aplicação do conteúdo de Futevôlei com auxílio desse modelo foi determinado como objetivo geral formar-se cidadão tendo em mente conceitos como sustentabilidade, direitos humanos, a pesquisa e o mundo do trabalho como princípios para uma formação ética. Garantir a participação da comunidade escolar e local na construção de conhecimento gerando identificação entre elas e articulando teoria e prática para que esta contribua para melhora da sociabilidade, saúde e cooperação.

O planejamento faz parte da rotina de todo docente, acreditando ser a parte crucial que diferencia a prática pela prática e uma docência fundamentada pela práxis. Apesar de serem duas professoras em formação, com identidades próprias e formas de

lidar com seu saber docente diferentes, foi um momento tranquilo, de troca e de aprendizado entre nós residentes (estagiárias) e o preceptor.

É importante salientar que, a forma escolhida para se trabalhar no trimestre pensando nas práticas não tradicionais se assemelha com a identidade do nosso preceptor. Compreender o momento da construção da nossa identidade, separando da identidade do preceptor foi fundamental para se respeitar os processos, entendendo as ausências de repertório docente que ajudam o professor com o fruir da docência.

O cronograma foi determinado no início do trimestre, seguindo a linha de raciocínio de uma sequência didática adaptada ao *Sport Education*. Já as aulas foram planejadas a cada duas semanas, sempre produzindo as próximas quatro aulas e reajustado de acordo com as especificidades da turma que foram aparecendo durante as aulas.

Foram seis características principais do esporte institucionalizado integradas pelo modelo: a época esportiva, a afiliação, a competição formal, o registro estatístico, a festividade e os eventos culminantes.

No modelo os alunos trabalharam em pequenos grupos que permaneceram até o fim da época esportiva, para que fosse desenvolvido o sentimento de pertencimento, onde todos os integrantes do grupo conseguiram desempenhar funções diferentes com certa rotatividade, como por exemplo jogadores, jornalistas, árbitros, etc. (Mesquita *et al.*, 2014). Influenciados pela metodologia implementada o perfil dos alunos era de participação com qualidade das atividades planejadas e propostas, o que colaborou com uma relação de afeto, respeito e diálogo durante o processo e um encerramento proveitoso.

A avaliação ocorreu de forma processual por meio de registros como imagens e fotografias elaboradas em sala de aula (quadra), a construção da logo, cor, princípios e valores do time que representa cada equipe. No momento das vivências, foram observados os aspectos como disciplina, compartilhamento das experiências, a valorização do coletivo, o empenho com o grupo, concentração explorados e percebidos pelos estudantes.

No encerramento de cada aula, era proposto que os alunos refletirem e dialogarem em suas respectivas equipes sobre os educativos propostos e registros realizados, citando que mais chamou atenção durante as atividades e das dificuldades

encontradas, com intuito de elencar uma mídia adequada e publicizar semanalmente publicando essa experiência em uma rede social.

Outro ponto de avaliação foi o torneio de Futevôlei totalmente criado pelos alunos, da súmula as regras, dos integrantes das equipes ao staff que era composto de árbitros e assistente de arbitragem.

Destaco que o evento foi um grande sucesso para todos os envolvidos. Encerramos distribuindo as medalhas de participação como forma de agradecimento pelo empenho durante o trimestre, sabendo que sem eles nos desafiando como professoras em formação, no bom sentido da palavra, nada disso seria possível e muito menos seria tão enriquecedor como de fato se culminou.

## Considerações Finais

A experiência de docência no IFES está nos possibilitando estabelecer conexões entre teoria e prática, pois é um instituto modelo no quesito escola com cursos técnicos. É possível compreender parte desse sucesso pela forma como são distribuídas as turmas entre os(as) docentes que ministram apenas uma turma por dia e consequentemente tem mais tempo para planejar juntamente com a disponibilidade de espaços e materiais. Foi necessário compreender as expectativas dos(as) alunos(as), do preceptor, as rotinas e os espaços para que nós como professores(as) em formação pudessemos sanar as dúvidas e dificuldades existentes na formação inicial.

Em suma, está sendo uma oportunidade imensurável de ampliação da formação docente. Em todas as aulas buscamos promover conteúdos, conceitos e práticas diferentes das convencionais, visando relacionar criticamente com questões sociais presentes na sociedade. O retorno que recebemos das turmas trabalhadas estimula a importância na inovação dos conhecimentos, dos debates promovidos com temas transversais e sobretudo na formação de cidadãos críticos.

## Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

GINCIENE, G.; MATTHIESEN, S. Q. O MODELO DO SPORT EDUCATION NO ENSINO DO ATLETISMO NA ESCOLA. **Movimento**, [S. l.], v. 23, n. 2, p. 729–742, 2017

MALDONADO, Daniel Texeira. **Professoras e professoras de educação física progressistas do mundo, uni-vos!** Curitiba, PR: CRV, 2020

MESQUITA, I. M. R. et al.. Modelo de educação esportiva: da aprendizagem à aplicação. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 25, n. 1, p. 01-14, jan. 2014.

# **XI SEMINÁRIO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA:**

**PARA ALÉM DA VIOLÊNCIA ÀS ESCOLAS**

## **Memoriais de Formação Docente**



## **MEMORIAIS DE FORMAÇÃO DOCENTE: NARRATIVAS DOS ESTUDANTES DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFES (2023)**

Profa. Dra. Kezia Rodrigues Nunes

Esta sessão expressa o investimento em incentivar os estudantes a realizarem uma escrita de si, com pertencimento quanto a temas, cenários e conteúdos que atravessam sua constituição. A orientação da escrita faz composição com alguns textos que possam motivar a pensar as práticas escolares, os currículos da educação física (Nascimento et al, 2011; Muller; Neira, 2018) e os saberes da experiência (Larrosa, 2002).

Trata-se de uma atividade pensada ao início de uma das disciplinas de Estágio Curricular Supervisionado (ECS), a saber, a disciplina Estágio Supervisionado na Educação Física no Ensino Fundamental 1, como dispositivo para uma apresentação com base no nosso referencial teórico, que são os currículos como redes de conhecimentos, experiências e afecções (Nunes; Ferrazo, 2018).

Por meio desta apresentação, fazemos conexão com cenas as memórias de infância, das crianças que fomos, dos saberes da educação física, das referências atuais (documentos, orientações, artigos científicos), da formação acadêmica no curso, e do nosso compromisso em contribuir profissionalmente com nossa prática com uma formação de qualidade, socialmente referenciada, com impacto contra as desigualdades para as crianças no cenário atual.

Na disciplina, a intenção da atividade é contribuir para que os estudantes possam produzir narrativas, artigos, planos e demais atividades articuladas às suas histórias, que são únicas e singulares! Assim, a seleção para publicação nos Anais dos trabalhos produzidos no ano 2023 busca compartilhar parte das cenas das quadras, escolas, parques, pátios, quintais e ruas. Com os cenários vividos nas escolas e famílias, os desafios e conquistas registrados que compõe a vida das crianças que fomos, buscamos mover o pensamento dos leitores. Juntos, vamos mapeando com essas histórias os desafios atuais. Juntos, também vamos produzindo estratégias na coletividade docente, por meio de interações colaborativas interinstitucionais, para transformar a educação atual, com novas abordagens e perspectivas.

## SAIR DA BOLHA

Alice Gabrielli Buffe Buaiz

**Foto:** Colégio Nacional, 2ª série do Ensino Fundamental (2010).



**Fonte:** Acervo da autora.

O texto mostrou o conceito de experiência como estar disponível ao novo, ao desconhecido, a estar disposto à transformações e aprendizados. De parar, sentir e filtrar o que está nos agregando e atravessando de verdade e não ficar apático e inerte as coisas que acontecem à nossa volta.

Depois de assistir a uma aula ou a uma conferência, depois de ter lido um livro ou uma informação, depois de ter feito uma viagem ou de ter visitado uma escola, podemos dizer que sabemos coisas que antes não sabíamos, que temos mais informação sobre alguma coisa; mas, ao mesmo tempo, podemos dizer também que nada nos aconteceu, que nada nos tocou, que com tudo o que aprendemos nada nos sucedeu ou nos aconteceu (Larrosa, 2002, p. 22).

Acredito que tudo que acontece conosco, seja um acontecimento simples do dia dia ou um momento mais singular, pode ser levado com uma experiência com inúmeros aprendizados, porém depende de como você se comporta, de como está sua mente, como você recebe e analisa as informações e situações vividas.

A experiência que mais me marcou como estudante durante todo o percurso da minha educação básica, que aconteceu em 9 escolas ao todo, foi o 1 ano do Ensino Médio, na escola Irmã Maria Horta, em 2017, foi um ano que me marcou muito e passei por várias transformações.

Por mais que a escola se localize em um bairro nobre, os alunos eram bem pluralizados em questão de gênero, sexualidade, raça e condição econômica. Estar ali no meio e conviver com toda essa diversidade (cujo eu não tinha vivido nas outras escolas) me fez sair da bolha, me fez conhecer outras realidades bem diferentes das quais achava que estavam muito longe de mim.

O movimento estudantil estava bem forte naquela época, também por conta das recentes ocupações, e com isso várias problemáticas sociais\educacionais eram trazidas pelos alunos para discutirem dentro da escola. Presenciar e participar de toda essa movimentação estudantil foi de verdade uma experiência, me transformou, me fez parar para sentir, repensar e desconstruir muitos conceitos e preconceitos, enxergar além da minha realidade e me permitir encontrar o novo, o desconhecido e de estar disponível para aprender.

Para concluir, o texto fez-me lembrar de sempre incentivar os alunos a se desafiarem, a se expor ao novo, de não deixarem de vivenciar situações por uma opinião\ informação já fabricada e só passada de pessoa para pessoa. E não somente ensinar isso aos alunos, mas também para eu mesma, como professora, que o trabalho não quer dizer experiência, por isso é muito importante sempre se policiar para não entrar no piloto automático, por mais difícil que seja, para sempre me manter aberta, disponível, vulnerável e exposta a novas experiências.

## Referências

LARROSA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ. [online]**. 2002, n. 19, p. 20-28.

## FUTEBOL: DO PROIBIDO AO PERTENCIMENTO

Camila Maria Damião

**Foto:** Ensino Fundamental II (2013).



**Foto:** Ensino Superior (2019).



**Fonte:** Acervo da autora.

Como aponta Larrosa (2002, p. 24) o sujeito da experiência é aquele que tem como característica o gesto da receptividade e abertura para com o que acontece ao seu redor, e para além disso, deixa que se produza modificação a partir daquilo. Trata-se de uma disponibilidade atenta, a fim de produzir sua práxis na relação com a vida humana (Larrosa, 2002).

Ao nos deixarmos levar, como reforça Larrosa (2002, p. 22-23), por essa onda de informações, opiniões, estímulos e agitação que a sociedade moderna caminha, acreditamos que ao sabermos sobre algo, somos detentores do conhecimento daquilo, sem que seja aberto espaço para a real exposição ao acontecimento. No mundo em que vivemos é necessário que nos atentemos para que não sejamos mais um dos sujeitos suporte que a vida cotidiana nos leva a ser por conta da produção e ação exigida nela, de forma cada vez mais acelerada.

A pretensão é falar aqui de dois pontos de vista: Do reconhecimento de alguém que se permitiu esse lugar de abertura e possibilitou uma experiência a outro, e deste outro, que teve a oportunidade de experimentar algo que foi pensado por esse alguém.

Pois bem, nas séries iniciais do meu ensino fundamental, eu estudava em uma escola que não possuía uma estrutura totalmente adequada para as práticas de educação física. Sempre éramos levados a uma “pracinha” próxima a escola, com uma

área gramada e sombreada, na qual fazíamos nossos tradicionais jogos de queimada. Me recordo, mas não em total detalhes, de que em algum momento das minhas três primeiras séries chegou um novo professor de educação física.

O professor era um querido por todos, e em pouco tempo se tornou ainda mais adorado por criar um campeonato de futebol dentro da escola. Ele mesmo construiu duas traves de madeira e colocou no espaço que era até proibido de ser utilizado por nós alunos, foi organizador, juiz, técnico e até mesmo um dos próprios jogadores. Lembro de ter sido estimulada por ele a participar de um desses jogos, onde ele ficava próximo a mim na tentativa de me proteger dos alunos maiores e por também ser menina, e até tocar a bola pra mim para eu fazer gol. Foi um momento muito importante, em que fui inserida num espaço quase que proibido para mim e me oportunizou ter o contato com o futebol que eu tanto gostava mas não “podia” praticar, além de me fazer visualizar que este é um território em que posso sim me colocar, participar e me fazer presente, independente do meu gênero.

Entendo a atitude deste professor como alguém que teve disponibilidade para perceber algo, de ter atenção, e assim, pudesse fazer com que ele possibilitasse experimentação a alguém e a si próprio, pois até mesmo eu, do ponto de vista de uma professora de educação física em formação, visualizo esse momento dele como algo a alcançar em minha trajetória. Em ser o sujeito que vai ceder ao lugar da escuta, e agir de alguma forma, para que eu possa proporcionar que alguém seja tocado de alguma maneira, e que como resultado disso, tenha o afeto vindo dos alunos.

## Referências

LARROSA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ. [online]**. 2002, n. 19, p. 20-28.

## DETESTÁVEL FUTEBOL CLUBE

Gabrielle de Araújo Argolo



**Fonte:** Acervo da autora.

Ao analisar toda a minha trajetória de vida até os dias de hoje, percebi que os acontecimentos aos quais me invadiram estavam ligados ao conceito de experiência, abordado no texto de Larrosa. Dessa forma, entendo que agora, sendo adulta, muitos acontecimentos passam despercebidos pela falta de tempo e excesso de trabalho, o qual acabam não se caracterizando como uma experiência e sim, algo que apenas aconteceu e passou.

Segundo Larrosa (2002), *“A experiência não é um caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem “pré-ver” nem “pré-dizer”*. Assim, experiência é estar sempre aberto a novas coisas e que de alguma forma irá te atingir, seja positivamente ou negativamente. Digo “novas coisas” não no sentido de coisas que acabaram de surgir na sociedade, mas sim coisas novas para o sujeito da experiência, visto que a experiência é algo individual e cada sujeito encara um mesmo acontecimento de formas distintas.

Nessa perspectiva, gostaria de narrar uma experiência minha como estudante da 3º série (atual 4º ano) do ensino fundamental I. Preciso iniciar essa narração antes dos 9 anos, dado que eu odiava futebol e sempre que ligava a televisão e estava

passando futebol, ficava muito frustrada e triste, porque claro, como toda criança (ou quase toda), queria assistir desenho.

Dessa forma, voltando à terceira série, o ano era 2010 e era ano de copa do mundo. A professora Creuza, que por sinal não era a professora de educação física, desenvolveu um projeto com a turma sobre a copa do mundo. Então, ela trouxe diversas atividades sobre a copa como por exemplo onde era sediada, como funcionava e quais países iriam participar, etc.

Acredito que a maioria das pessoas devem lembrar de atividades realizadas na escola durante o ano de copa do mundo, porém, apesar disso sempre ser feito de 4 em 4 anos, dessa vez foi diferente para mim, diferente no sentido de que realmente me abri para o projeto e pude conhecer o desconhecido que era o mundo do futebol, que até então só tinha formado na minha cabeça a ideia de que era uns homens correndo atrás de uma bola. A partir disso, me apaixonei pelo futebol e até hoje assisto qualquer jogo de futebol que estiver passando na televisão.

Assim, o futebol, para mim, era algo desconhecido, mas que eu tinha uma opinião formada que acabava por me fechar e como o autor cita no texto a experiência se torna rara quando há excesso de opinião, visto que o sujeito crítico se fecha ao novo e ao desconhecido. Portanto, pensando na minha atuação profissional acredito que, não só os alunos, mas também como professora devo me abrir ao desconhecido, ao novo, e junto com os alunos sempre parar para refletir, analisar e escutar a todos sobre os acontecimentos das aulas, o que foi transmitido da professora para eles e deles para a professora, transformando as aulas em experiências.

## Referências

LARROSA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ. [online]**. 2002, n. 19, p. 20-28.

## REFLEXÃO NO SAUDOSISMO

Jose Henrique Repke Novelli



Fonte: Acervo do autor.

O texto “Notas sobre a experiência e o saber da experiência”, o autor tenta explorar através de algumas palavras, o que poderia ser a “definição” de experiência, de uma maneira bem interessante e talvez inicialmente, um pouco confusa, porém, ao decorrer do texto, vai ficando um pouco mais clara essa visão.

Logo no começo do texto, podemos perceber o destaque de três importantes pilares apresentados pelo autor, são eles: a informação, a opinião e a falta de tempo. Inicialmente, a primeira coisa clara é que a experiência deve ser separada de informação, o saber de experiência é diferente do saber das coisas, saber coisas, aprender coisas novas, não significar ter experiência naquilo. O segundo tópico, a opinião, acaba prejudicando a experiência, “a obsessão pela opinião também anula a experiência”. E por último, a falta de tempo, que é maléfica à experiência devido o cotidiano extremamente corrido e apressado que nos encontramos cada vez mais como sociedade.

Ao ler o texto, de certa forma foi uma experiência, digamos que muito nostálgica e que me fez refletir, de uma certa maneira, referente ao meu passado como estudante. As informações, opiniões e o tempo, estavam integralmente ligados o tempo todo, porém, nunca havia refletido sobre isso.

Todas as informações que eram introduzidas na escola, na maioria das vezes simplesmente por obrigação, de forma monótona, acabou me levando a seguinte



conclusão: percebi que a maior parte da minha vida como estudante, foi levada por informações nas quais eram depositadas e tratadas como uma obrigação, na qual deveriam ser “resolvidas” com um propósito maior, como alcançar uma nota, realizar um trabalho, em fim, algo do tipo.

Minhas melhores recordações da infância são referentes a escola, principalmente no fundamental 1, onde tive a experiência de ter aula com minha própria tia, então de certa forma sempre estava conectado com a escola, sendo durante a semana na escola, ou no final de semana com a família, onde minha própria professora estava presente com minha família. Infelizmente, hoje em dia não tenho mais contato com nenhum amigo que fiz nessa época, e só me restam lembranças de todas as brincadeiras na hora do recreio, os pics, futebol, todos os brinquedos que levávamos na sexta-feira.

A falta de tempo também foi algo no qual refleti bastante. Particularmente sinto bastante saudades do tempo da escola, tudo era mais fácil e muito leve, as obrigações não tinham o peso e responsabilidade que tem hoje, e não passavam de simples deveres de casa, trabalhos estudantis que hoje em dia parecem literalmente brincadeira de criança perto do que tenho que realizar, e mesmo assim, era algo no qual vivia reclamando para realizar, mal sabia o que estava me esperando.

De certa forma, pretendo aproveitar e vivenciar o máximo de possíveis experiências durante todo o meu futuro atuando como professor. Sem pressa, sem informações insignificantes e acumuladas. Espero conseguir boas experiências como futuro profissional da educação, podendo estar presente na vida dos meus futuros alunos, assim como alguns professores me marcaram, e quem sabe, daqui a alguns anos, ao fazer uma reflexão futura, possa concluir que estou no caminho certo, acumulando cada vez mais experiências positivas.

## Referências

LARROSA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ. [online]**. 2002, n. 19, p. 20-28.

## UMA RELEITURA DA VIDA A PARTIR DE EXPERIÊNCIAS E POTENCIAIS TRANSFORMAÇÕES, E REFLEXÕES FUTURAS

Sheison Moreira Santos



Fonte: Acervo do autor.

É experiência aquilo que “nos passa”, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação (Larrosa, 2002, p. 25-26)

Ao iniciar o texto norteado com a citação de Larrosa, já se pode perceber o quanto essencial é o poder do diálogo e a necessidade de se envolver numa reflexão crítica com o outro para se construir uma compreensão mais profunda da experiência.

O autor aborda a relação entre a experiência individual e coletiva, pois ele argumenta que as experiências individuais são moldadas por fatores sociais, políticos e culturais muito amplos. E ele nos desafia a pensar cuidadosamente na formação dos nossos discentes, pois a experiência é fundamental para a compreensão do conhecimento humano, pois é por meio dela que o ser humano tem contato com o mundo e entende como ele funciona. Essas relações só irão nos transformar se para isso nos mantivermos abertos às diversidades de experiências cotidianas.

Falar desse processo de construção e da minha aprendizagem traz à tona diversos tipos de sentimentos em relação a minha vida, isso porque, é impossível falar da minha formação sem mostrar a relevância dessas constantes trocas de experiências com os diversos profissionais que debruçaram seu olhar sobre o meu crescimento pessoal, e ainda, sem desprezar os conhecimentos que carregava comigo. Tudo isso foi fundamental para a minha inserção no mercado de trabalho e na formação do meu caráter.

Sabemos que nem tudo são “flores”, e também no meu processo formativo não foi diferente. Tive diversos professores bons e também aqueles aos quais marcaram como aquilo que não queria ser, por exemplo na Educação Física, que no meu tempo ensinavam apenas o “quarteto fantástico”, não que fosse ruim, porque aprendi esses esportes com bola, mas não foi o ideal. Várias influências marcaram o meu processo de formação, ao citar como “espelho”, remonto a ideia daqueles que contribuíram para a pessoa que hoje sou, ou que me considero, preparada para a vida.

Muitos professores tanto do ensino fundamental quanto do médio, me mostraram e me incentivaram em várias escolhas e uma delas foi quando me formei em Letras na própria UFES. Tive um professor do cursinho pré-vestibular que foi uma inspiração para mim. Pela sua aula, pude enxergar uma área linda de atuação a qual me encantei apenas por ver ele lecionar, e pasmem, despertou em mim a paixão pela disciplina. Sua forma de ensinar era contagiante e me fez querer também passar conhecimentos daquela forma. Confesso que foi ao assistir uma aula desse professor que 4 anos mais tarde fiz uma monografia baseada em uma aula expositiva de um livro que ele passou para gente no cursinho pré-vestibular.

Convivi com diversos professores bons também na Universidade, professores esses que faziam com que o aluno quisesse aprender mais e buscar mais conhecimentos para pesquisa. Foi um mundo de novos saberes.

Na minha trajetória, hoje, à beira dos 45 anos, já vivi e visitei diversos universos e adquiri muita experiência por meio desses profissionais e colegas de sala. Lecionei durante alguns anos na Educação de Jovens e Adultos e pude transformar a vida de várias pessoas. Acredito eu que para melhor, pois, na minha sala de aula a proposta sempre foi manter uma sala participativa e comunicativa. Tentei oferecer um espaço colaborativo e um aprendizado horizontalizado. Aparentemente foi de grande valia, pois hoje, encontro com ex-alunos, que enaltecem a forma como receberam da minha parte esse modelo de educação diferenciado.

Mas por que a Educação Física? Como disse LARROSA: “ A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca.” Reflexo disso, quando jovem praticante da arte marcial Tae Kwon Do, por volta de 1988, tive um Mestre que considero um excelente professor e aprendi muito por meio dessa arte marcial. A experiência me foi passada, a arte aconteceu de forma marcante na minha caminhada e me tocou

profundamente pela forma como foi ensinada, tanto que até hoje pratico. Ali nasceu a minha paixão pelo esporte, pelo ensino e pela Educação Física. No entanto, tive uma pausa, onde diversas escolhas tiveram que ser feitas, e agora um pouco mais estabilizado, retomo meus estudos em busca de um sonho de infância, porém com perspectivas boas no ensino futuro, onde várias atividades físicas terão vez.

## Referências

LARROSA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ. [online]**. 2002, n. 19, p. 20-28.

## MEMORIAL DA INFÂNCIA ESCOLAR

Danniel Choas Bernardo dos Santos



Fonte: imagens retiradas do Google.

A experiência, na minha percepção, seria algo que acontece diversas vezes sem nosso controle, que por sua vez nos impacta e proporciona um aprendizado sobre alguma coisa ou sobre nós mesmos, esse processo de ganhar a experiência faz com que formemos nossa personalidade, nossas vontades e o que somos. Tudo o que passamos e absorvemos ao longo da vida, nos transforma e a diferença dos momentos faz com que esse processo de se formar seja único de cada um. Portanto, quando Larrosa fala “O saber de experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana.

De fato, a experiência é uma espécie de mediação entre ambos.”(Larrosa, 2002, p.19), interpreto que a experiência seria um conjunto de diversos conhecimentos que adquirimos e interpretamos ao decorrer do tempo que vivemos até nosso fim, cada qual de sua maneira e particularidade, permitindo que nossas vivências se tornem um

direcionador do nosso crescimento, não necessariamente só físico, mas também moral e mental.

Minha passagem pelo fundamental foi turbulenta, não era uma criança muito sociável, então na maioria das aulas eu me afastava dos grupos e pegava meu livro e ficava lendo, estudando ou escrevendo histórias, além dos livros com uma história, o meu preferido era o de biologia, então quando lembro desse período não tenho tanto a falar, minha descrição nesse período seria, uma criança quieta que não tenta socializar preferindo ler e estudar a interagir com os outros.

Quando lembro das aulas de educação física vem sentimentos muito negativos, já que me impactaram bastante, a forma em que era dirigida trouxe momentos que foram de certa forma traumáticos para mim. Nessas aulas comumente havia a exclusão por parte dos alunos mais habilidosos e até mesmo a agressão, essas sofridas por diversas vezes por mim, e a falta de intervenção do professor responsável formaram uma imagem ruim da educação física, onde por diversas vezes preferi me negar a participar a vivenciar essas cenas.

No período do fundamental, principalmente as séries iniciais fizeram que minha opinião quanto a disciplina fosse de repulsa, porém olhar os defeitos me permitiu ver o que eu desgostava, o que eu acreditava que deveria ser diferente, mesmo que neste momento não tivesse o pensamento de seguir essa área.

Essa imagem contrária só foi quebrada e com isso criando o desejo de atuar na área quando iniciei o Ensino Médio, onde eu tive aulas que eu considerei boas e que permitiam minha participação, essa discrepância hoje me traz uma concepção melhor sobre o campo em que atuarei, esse processo de viver momentos ruins e bons onde permitiu que eu estivesse dos dois lados da disciplina acredito que seja a melhor experiência que me permite evoluir como profissional.

## Referências

LARROSA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ. [online]**. 2002, n. 19, p. 20-28.

## EXPERIÊNCIAS PARA RECORDAR

Débora Favarato Pereira



Fonte: Acervo da autora.

Segundo Larrosa Bondia “A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma anti experiência”. Conhecimento não se ganha apenas através de informação, mas também através da experiência. A experiência é subjetiva e singular, é aquilo que uma pessoa viveu, se envolveu, ou seja, é o que nos acontece e não o que acontece. Um acontecimento pode ser comum, mas cada um terá uma experiência própria.

No Fundamental 1, tive boas experiências com a Educação Física. Meu professor sempre fazia atividades para todos participarem. Me lembro da forma como me envolvia nas aulas, me divertia e só aquele momento ali importava, era tudo vivenciado de maneira intensa e única. Uma memória que ficou marcada foi o dia que o professor realizou uma competição com duas turmas do 4 ano, era a atividade que eu mais gostava, a queimada, nosso grupo venceu e foi uma felicidade enorme pra gente. Após a leitura de Larrosa percebi em como parei para sentir o momento naquela época, me aconteceu e não apenas aconteceu.

Além disso, refleti sobre como atualmente estamos em constante movimento e não paramos para sentir o momento. Observando o aprendizado após a leitura do texto e tudo que absorvi de experiência ao longo do fundamental 1, percebi que meu desejo como futura professora é promover o mesmo para meus alunos, experiências únicas, que os façam envolver, vivenciar de verdade para que seja um momento que “nos aconteceu” e não “o que aconteceu”, assim, levando para toda a vida.

## Referências

LARROSA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ. [online]**. 2002, n. 19, p. 20-28.



## MEMORIAL DA INFÂNCIA

João Vitor Silva Neves

O texto “Notas sobre experiência e o saber de experiência” trouxe a definição da palavra e de seu conceito de forma a refletir sobre como a experiência é algo singular e particular de cada indivíduo e como se difere de informação. Larrosa trás que o significado de experiência é o que nos passa, o que nos toca, o que nos acontece, ou seja, o acontecimento que ao passar por nós nos forma e nos transforma quando paramos para refletir, para pensar, olhar atentamente, aprender e ter paciência. Sendo assim a experiência é sobre o significado, o impacto e como recebemos o acontecimento. Segundo Larrossa (2002, p. 27):

Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna.

É nítido quando o autor trás nessa passagem que a experiência é algo pessoal e individual, já que por termos uma construção de valores vindos de cada família e cultura nossas percepções da realidade acabam por seguir muitas vezes caminhos diferentes, logo sendo impossível a mesma experiência.

Minhas experiências como estudante no ensino fundamental 1 apesar de serem boas em sua grande maioria estavam rotineiramente acompanhadas do racismo. Devido ao contexto de estudar em uma escola particular de um bairro de classe média alta sendo um dos poucos alunos negros em toda a escola fez com que minha passagem pelo fundamental, principalmente do quinto ano em diante, fosse atravessada pelo racismo, não aquele racismo violento mas sim desfarçado de piadas e brincadeiras.

Por ser muito novo e viver naquela bolha eu normalizava, apesar de não entender, as piadas envolvendo meu cabelo e a cor da minha pele.

Entendendo melhor hoje sobre a experiência, percebo que os acontecimentos da época foram ter significados para mim anos depois após refletir sobre e analisar como as coisas aconteciam e porque aconteciam. Ainda que, tendo a mesma qualidade de

ensino, nossas experiências foram totalmente diferentes. Essa experiência fez parte da minha construção como indivíduo, já que por passar por isso na pele desenvolvi um olhar mais atento sobre questões raciais.

É necessário que nós enquanto professores tenhamos um olhar mais focado em que tipo de experiência podemos fornecer aos nossos alunos. A Educação Física possui um papel de privilégio por ser uma matéria querida pelos alunos, logo acontecimentos durante as aulas possuem grande chances de serem impactantes na vida deles. Por isso é extrema importância conhecer e entender suas realidades, desenvolver as aulas tendo os alunos como alvos levando em conta suas especificidades.

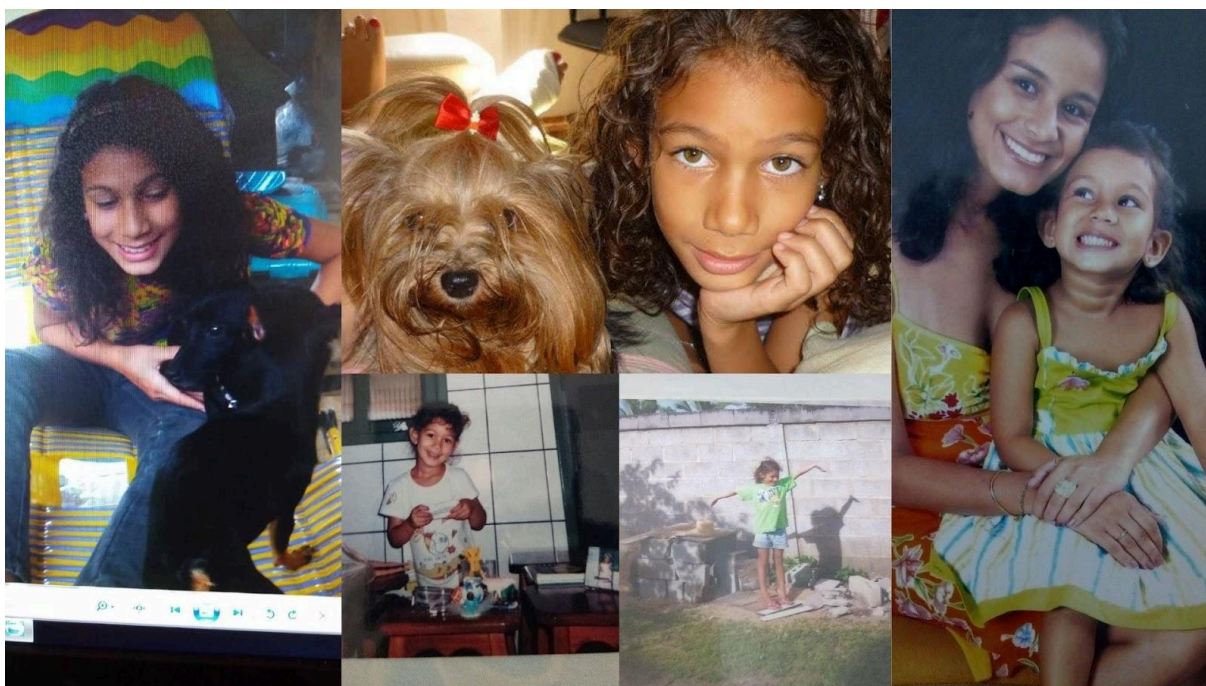
Durante a escola não me recordo de um professor que tenha tentado alguma conscientização a fim de acabar com piadas e brincadeira de cunho racista. Hoje enquanto professor em formação entendo a importância do meu papel além do ensino da matéria, o papel na formação de indivíduos.

## Referências

LARROSA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ. [online]**. 2002, n. 19, p. 20-28.

## O SABER DA EXPERIÊNCIA E AS MEMÓRIAS DA INFÂNCIA

Julia Lima Barth



Fonte: Acervo da autora.

Larrosa (2002), em seu texto “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”, conceitua a experiência e o saber da experiência, como o sentido que damos àquilo que nos acontece. Visto isso, a experiência é algo singular e único, que só pode ser vivido por nós e mais ninguém.

Hoje já não pensamos no que fazemos, naquilo que experienciamos e que nos atravessa, porque somos bombardeados a todo momento com informações e, assim, não temos tempo para simplesmente refletir. E ao pensar na nossa infância e nos momentos que passamos na escola, não é diferente.

Ao chegar na licenciatura em Educação Física, fui convidada a pensar, por algumas vezes, nas minhas experiências enquanto estudante. E foi um exercício bastante complicado de início, por nunca realmente ter refletido e pensado sobre o tempo que passei na escola.

Nessa tarefa de relembrar momentos da infância, lembro do quanto eu brincava e me divertia na escola e fora dela. Nas séries iniciais, no contraturno, a escola realizava vários passeios, esses que me permitiram acessar lugares diferentes do que eu estava

acostumada, como clubes, cinemas, teatros, parques, entre outros espaços. Foi uma experiência marcante para mim porque tive o primeiro contato com esportes como a natação, e também com o mundo da arte.

Alguns desses pequenos momentos carrego comigo até hoje, como uma adulta apaixonada por filmes e séries, e que nunca parou de brincar. E a escola foi porta de entrada para que eu pudesse pensar uma carreira profissional e também para reconhecer onde eu podia chegar.

Assim, visto os relatos e o conceito de experiência, creio que este é o papel que o professor deve exercer, proporcionar conhecimento e, principalmente, experiências dos mais diversos tipos aos seus alunos, e espero ser esse tipo docente.

## Referências

LARROSA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ. [online]**. 2002, n. 19, p. 20-28.

## MEMORIAL DAS EXPERIÊNCIAS NO ENSINO FUNDAMENTAL

Patrick Henrique Fernando de Souza



Fonte: Acervo do autor.

O texto Notas sobre a experiência e o saber de experiência, o autor Jorge Larrosa nos traz uma conceituação da experiência, sendo essa: “A experiência é a passagem da existência, a passagem de um ser que não tem essência ou razão ou fundamento, mas que simplesmente “existe” de uma forma sempre singular, finita, imanente, contingente.”

Sendo assim, o que nós iremos relatar/retratar sobre a experiência irá depender daquilo que absorvemos, seja maléfico, seja benéfico, cada ser possui uma experiência diferente sobre o que viveu. Sugere que nossa experiência seja marcada pela singularidade e finitude, sem uma natureza essencial predefinida. Ao exemplo duas pessoas que vivem juntas, as experiências serão diferentes, estamos tratando de diferentes pontos de vista, o mesmo pensamento sobre vivências se tratando do excesso de informação, será narrada de forma dessemelhante.

No Ensino Fundamental as experiências que tive além das aulas de Educação física, são as saídas pedagógicas e os momentos de lazer que sempre havia antes das férias de julho e ao final do terceiro trimestre. A escola onde estudei foram doze anos, dessa forma não tinha um ciclo de amizade diferente, acarretava em vivências muitas

das vezes repetitivas já que eu quase não saía de casa à não ser para ir aos treinos de futebol.

Ao dizer das saídas, me recordo da vez em que fomos para Santa Teresa e visitamos sítios de famílias locais, onde nos foi apresentado sua cultura Italiana, de cultivo a fim de mostrar como fazem para viver com as vendas por lá. Quanto aos momentos de lazer, na escola onde cresci “Escola Múltipla” todo ano havia o “Múltipla Park”, onde os alunos brincavam durante a manhã ou a tarde toda, era a oportunidade que nós (as crianças do ensino fundamental) tínhamos para poder brincar, visto que a escola sempre foi muito rigorosa quanto à estudos.

Na Educação Física, não havia conteúdo em sala, todas as aulas eram nos espaços destinados para tais atividades, seja na quadra, seja no campo sintético, seja na piscina, nossas vivências eram as de brincadeiras como, pique bandeira, pique litro, queimada/dodgeball, ou até mesmo os jogos, futsal, handball, basquete, em toda a minha experiência escolar, tive apenas uma aula de Educação Física, sendo em sala.

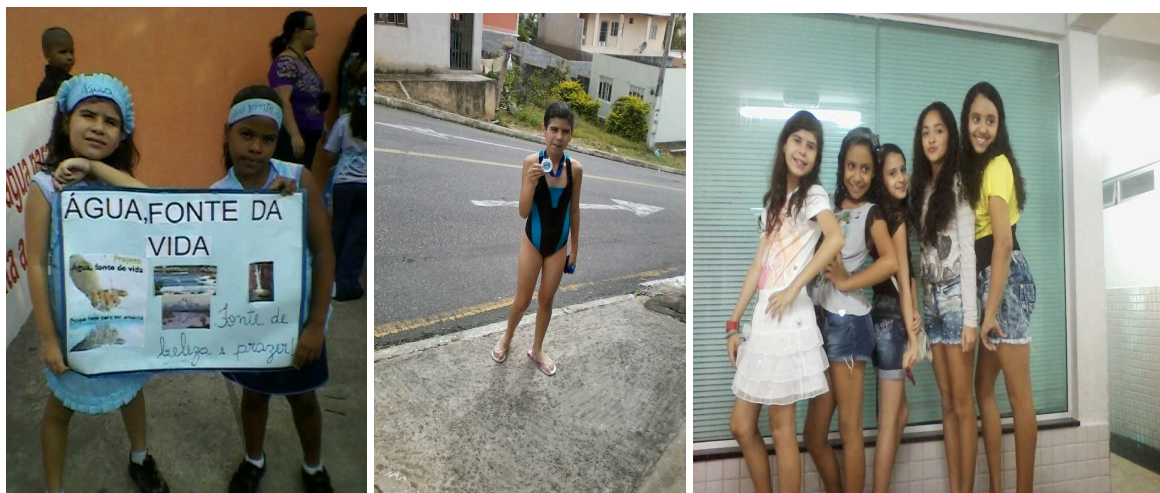
No âmbito profissional espero poder apresentar aos meus alunos aquilo que não tive no ensino fundamental, já que minhas experiências de aula eram sempre as mesmas brincadeiras/jogos. Que minhas aulas de educação física sejam marcantes na vida dos alunos, a fim de mostrar aos alunos aquilo que não tive, poder mostrar a eles, que a educação física é além do rola bola.

## Referências

LARROSA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ. [online]**. 2002, n. 19, p. 20-28.

## OPORTUNIZANDO EXPERIÊNCIAS

Thaissa da Silva Poton



Fonte: Acervo da autora.

A experiência é algo individual que acontece conosco, para isso é preciso expor-se pois não é algo que podemos ter controle ou adiantar o resultado. A experiência tem alguns "inimigos", o excesso de informação, pois o sujeito passa maior parte do seu tempo buscando estar informado e acaba não tendo experiência; o excesso de opinião, pois ele tem uma opinião "pessoal e crítica" de toda informação que ele tem e quase sempre tem de haver um posicionamento a favor ou contra; a falta de tempo, pois as coisas estão passando cada vez mais rápido e também não favorecem a criação de memórias por serem momentos que trazem excitação e logo são substituídos por outro momento também excitante; e o excesso de trabalho. Como Larrosa cita em seu texto:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

Tendo em vista o conceito de experiência, é possível perceber que o período da vida que mais temos experiências é a infância, ou o período que ainda estamos na educação básica, principalmente no ensino fundamental, tomando referência das minhas memórias, era um período onde não havia uma busca incessante pela informação, opiniões, principalmente críticas, e muito menos a falta de tempo. Apesar de todas as obrigações, o meu mundo era vivido de forma mais calma, tudo passava devagar como um vídeo que foi gravado em câmera lenta, ou até mesmo aquela obra da prefeitura que nunca passa/termina.

Lembro que no Ensino Fundamental me eram oferecidas muitas atividades e eu fazia questão de participar de todas, principalmente as que tinham relação com a educação física, lembro também que antes do início das aulas eu e meus amigos e amigas tínhamos o costume de brincar no pátio de piques ou brincadeiras que experimentamos na rua ou na educação física, os meninos normalmente improvisavam um futebol usando uma garrafa pet como bola e as meninas algum pique que poderia ser até um “meninas pegam meninos”, apesar de já termos uma ideia prévia dos esportes, foi nessa época que ele nos foi apresentado e apesar de gostar tudo que era oferecidos nas aulas de educação física, foi aí que comecei a me apaixonar pelo futsal.

Refletindo sobre o conceito de experiência e minhas memórias, o Ensino fundamental é onde eu preciso oportunizar experiências aos meus alunos, dar a eles a oportunidade de experimentar as práticas corporais, tanto o esporte, como as lutas, as danças, as ginásticas, os jogos e as brincadeiras, as práticas de aventura ou as práticas alternativas, é o momento onde pode ser apresentado a eles formas de se expressar, se movimentar ou até mesmo se divertir.

### Referências

LARROSA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ. [online]**. 2002, n. 19, p. 20-28.



## UMA REFLEXÃO ATRAVÉS DA LEITURA DO TEXTO E UMA BUSCA NAS MINHAS LEMBRANÇAS

Thalita Amanda Alcantara Correa



Fonte: Acervo da autora.

Acredito que a experiência é adquirida dia após dia, construída através da opinião que auxiliará o indivíduo em sua prática ou até mesmo na teoria, é ela que está relacionada com o ser que somos e nos tornaremos, está envolvida com o que pensamos e falamos, vai muito além de só argumentar. As nossas ações são guiadas através dos conhecimentos que temos e esses conhecimentos foram adquiridos através de outras pessoas, por curiosidade ou até mesmo na tentativa e erro, aprendendo com as nossas ações cotidianas.

A experiência também é um ensinamento prático e é transferido para outras gerações e acaba se tornando um ensinamento teórico. Segundo Larrosa (2002, p.21), "A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece [...]".

Quando se trata da minha experiência como aluna durante o ensino fundamental 1, frequentei uma única escola pública, logo após sair da escola particular no começo do ano que me ensinou não somente conteúdos didáticos necessários, como também aprendi um pouco sobre sociedade, conviver com outros indivíduos que não fossem exclusivamente da minha família a todo tempo. Isso contribuiu para que eu

entendesse melhor que existiam outros costumes, novas formas de convivência e outras maneiras de agir. Nessa escola não tive muitas experiências com a educação física por que sua estrutura não era muito grande, as aulas então eram resumidas a prática de futebol ou queimada e nem sempre eu participava delas por não ter interesse, muito por conta talvez da forma como foi passada.

Apesar dessas situações com as aulas de educação física, minha experiência como estudante de modo geral foi boa, consegui obter os conhecimentos que julgo necessários e bem significativos para realização da minha formação futuramente. Conhecimentos esses que somados às práticas já feitas e que ainda serão feitas, irão se consolidar na experiência necessária para atuar como futura professora. Acho válido apontar que a experiência de estudante, independentemente de qual etapa da educação, irá me acompanhar na experiência profissional que também está ligada à opinião que é construída através do ensinamento que recebemos.

De acordo com o que foi desenvolvido e pensado com a leitura do texto, a experiência é um ponto chave para se atentar. Por isso, trazer essa problemática para a aula nos faz refletir nesses momentos importantes em que estamos desenvolvendo tanto atividades e conteúdos para os alunos, quanto para nós mesmos. É importante estar atento às necessidades de cada grupo/turma, a fim de trazer uma experiência adequada para cada um. Seu desenvolvimento é benéfico pois tende a trazer nos alunos melhores desempenhos, tanto escolar como familiar.

Além disso, a professora que quero me tornar faz parte da união de todos os professores com os quais eu convivi e aprendi, eu quero estar determinada a fazer a diferença na vida de meus alunos, pois acredito que um bom professor faz parte, não somente do ensino pedagógico, como também da vida. Um bom professor sabe como lidar com seus alunos e como auxiliá-los, usando sua influência e experiência para acrescentar na vida de seus alunos.

## Referências

LARROSA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ. [online]**. 2002, n. 19, p. 20-28.

## MEMÓRIA SOBRE AS ETAPAS EDUCATIVAS DA INFÂNCIA E A IMPORTÂNCIA DA EXPERIMENTAÇÃO DO ESTÁGIO ESCOLAR

Victor Huggo Moraes da Conceição



Fonte: Acervo do autor.

Durante a formação educacional, existem várias etapas que o aluno percorre para conseguir a tão almejada aprovação e diploma, uma dessas etapas é o estágio obrigatório que segundo a lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008, define o estágio como o ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que no caso do curso de Licenciatura em Educação Física, esse ambiente de trabalho ocorre nas instituições de ensino da educação básica, e a lei ainda continua ao afirmar que essa experimentação visa à preparação para o trabalho produtivo do estudante.

A concretização deste ato se dá por meio da educação transmitida através das experiências que o aluno vivencia, conforme enfatizado por Jorge Larrosa Bondía. Sob a perspectiva da experiência, o que assume destaque não são as posturas de colocação, oposição, imposição ou proposição, mas sim a exposição. Esta exposição, ou ex-posição, é a forma pela qual compartilhamos vivências (Bondía, 2001, p.26). Esta abordagem realça a relevância da incorporação da corporeidade, que seria posição interpessoal um sujeito para outro sujeito, que contribui no processo de ensino-aprendizagem, tanto para o aluno que está aprendendo os fundamentos do basquete, quanto para o professor-aluno que está aprendendo a como ensinar na prática os fundamentos do basquete.

Desse modo, recordo das vivências que tive no ensino fundamental que na escola que estudava proporcionava vários passeios acadêmicos e visitas técnicas por

diversos pontos turísticos e culturais da cidade, o que possibilitou adquirir bastante conhecimento que trago em minha memória até hoje, pois sempre me promovia felicidade em saber que nós alunos tínhamos uma aula diferenciada através de novas experiências.

Consoante ainda ao estágio da vida escolar, venho destacar as primeiras atividades que a professora de Educação Física do meu fundamental dois na época passou sobre o basquete, e a partir dessa primeira experiência com o esporte em como influenciou eu meu grupo de amigos se interessar pela modalidade, ao ponto de fazer nós participarmos do meu primeiro, e único, torneio escolar que aconteceu no Sesc Pompeio, na cidade de São Paulo - SP, onde segundo (Bondía, 2001, p.27) a experiência e o saber que dela deriva são o que nos permite apropriar-nos de nossa própria vida, então tais experiências que meu corpo cultural viveu no decorrer do ensino fundamental ajudaram na escolha da graduação e a moldar meu sujeito de hoje.

E ao final dessa retrospectiva tenho a esperar que esta trajetória enriqueça inegavelmente minha formação acadêmica, para que futuramente, como professor, ao passar a etapa de experimentação e entrar plenamente no ensino, buscarei proporcionar atividades que não apenas resultem em aprendizado, mas também estimulem o interesse dos alunos em aplicar esses conhecimentos vivenciados para além dos muros escolares.

## Referências

BRASIL. **Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008.** MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. Cartilha esclarecedora sobre a lei do estágio: lei 11.788/2008. Brasília, 2008.

LARROSA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ. [online].** 2002, n. 19, p. 20-28.

## MEMORIAL DO ENSINO FUNDAMENTAL

Yuri Phelipe de Pina



Fonte: Acervo do autor.

Jorge Larrosa enfatiza a importância da "experiência" na educação. Ele acredita que a educação não consiste apenas em transmitir informações, mas em interagir com o mundo por meio de experiências vividas. Para ele, as experiências não são eventos isolados, mas sim processos contínuos que moldam a nossa compreensão do mundo e de nós mesmos. Conforme o texto que traz o ponto de vista de Larrosa (2002), "A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece".

A perspectiva de Larrosa pode ser compreendida através de sua visão que enfatiza o papel da interpretação e da experiência na formação da nossa compreensão do mundo. Larrosa enfatiza a importância da experiência vivida na educação e na compreensão. Ele sugere que as nossas experiências estão inerentemente ligadas aos nossos contextos culturais e que as nossas interpretações dessas experiências são moldadas pela linguagem, símbolos e significados da nossa cultura.

Entretanto, trazendo meu contexto de experiência em relação ao meu ensino fundamental 1, me recordo que logo nas séries iniciais, em relação às aulas de educação física eu tinha um professor que ele simplesmente era rola bola, ele não estava envolvido ativamente nas atividades e não demonstrava um comprometimento sério com o ensino. No entanto, mesmo que essa lembrança não seja uma lembrança positiva, ela pode ser transformada em uma oportunidade de reflexão e aprendizado

para minha atuação como futuro professor de Educação Física. Sendo capaz de me lembrar de como me sentia quando o professor não estava engajado nas aulas. Podendo usar essa memória para me conectar com meus futuros alunos. Entendo que minhas ações e atitudes podem ter um impacto profundo nos estudantes e que terei a chance de fazer a diferença na vida deles.

Contudo, pensando na minha atuação futura, devemos valorizar nossas experiências, pois elas são essenciais para nossa atuação profissional. Pois cada pessoa traz consigo uma bagagem única de conhecimentos, habilidades e perspectivas. Ao interagirmos com colegas ou alunos é importante estarmos abertos para compreender suas perspectivas e experiências individuais, o que pode enriquecer na colaboração e na tomada de decisões para uma aula. Pois como professores nessa área, não estaremos apenas ensinando habilidades físicas e esportivas, mas também promovendo valores essenciais como trabalho em equipe, disciplina, respeito pelo corpo e bem-estar geral.

## Referências

LARROSA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ. [online]**. 2002, n. 19, p. 20-28.

## NÃO SEI SE TENHO OU SOU UMA EXPERIÊNCIA

Zibia Da Silva Amaro



Foto: Acervo da autora.

Procurei neste memorial transcrever aquelas experiências pelas quais eu passei, ocasionando-me marcas e que de algum modo me tocaram, estabelecendo um diálogo com as reflexões de Jorge Larrosa. A escola onde cursei todo meu ensino fundamental foi a EMEF Martin Lutero, situada no bairro de Flexal 2, Cariacica, ES.

Viver é se constituir de experiências, lembrar o ensino fundamental é trazer à tona inúmeros sentimentos, é reviver momentos, aspirar ao certo, ficar feliz, se emocionar ou apenas sentir saudades. Escrevo em algumas linhas o que não pode ser quantificado ou sentido através da leitura, diz pouco para quem lê, carrega um significado profundo para aquele que vivenciou, definindo-se como um verdadeiro “saber de experiência”.

No início da atividade, por vezes escrevi e descartei os textos, busquei a memória ideal para compartilhar com a turma, até que me dei conta dos medos, traumas e desafios, que por mim foram enfrentados e que mesmo de modo específico, produziram experiências incríveis. Tudo que me tocou não se limita apenas aos momentos felizes, muitos acontecimentos, considerados ruins, permearam essa fase da minha escolarização. Fui vítima de bullying, de diferentes formas devido à minha aparência, comportamento, fui excluída de atividades, especialmente nas aulas de

Educação Física. Aliás, posso afirmar que eu não tive “aula” de Educação Física no Ensino Fundamental. Os meninos vistos como mais habilidosos, ocupavam o espaço das aulas, de acordo com seus interesses, o professor por sua vez, não intervia e permitia que esse fato se repetisse ao longo de todos esses anos que se passaram.

Nesses momentos, eu não tinha plena consciência de quão determinantes esses fatores podem ser na vida de uma criança, hoje percebo o impacto que isso me trouxe no meu relacionamento com os esportes, qualidade de vida, interação com o outro. Um momento marcante da minha formação foi quando percebi que, em determinados contextos, os alunos podem agir em reflexo da atuação do professor. Durante o ensino fundamental, por exemplo, meu professor de Educação Física não se preocupava com a participação dos alunos, nem se esforçava em elaborar aulas que envolvessem todos. Como consequência, a turma reagiu da mesma forma, rompendo a ponte entre o ensino e aprendizagem.

As aulas dele para o grupo “menos habilidoso”, em termos de técnicas do jogo, sobretudo do futebol, eram apenas momentos de conversa, jogos de cartas e tabuleiros, e eu por diversas vezes buscava refúgio na biblioteca, imersa nos livros, era pelo apreço aos livros, para encontrar um lugar tranquilo, ficar longe dos constrangimentos.

Agora, como aluna/professora, passo a refletir: quais são os limites da Educação Física? Acredito que a Educação Física não tem barreiras, os limites só existem se nós os criamos. A Educação Física tem o potencial de abranger tudo, desde que não nos restringimos a apresentar seus conteúdos de forma engessada e que acreditemos na capacidade do sujeito em processo de aprendizagem.

Os desafios presentes no ambiente escolar são diversos e dialogam com as práticas pedagógicas. A escola é um ambiente que abrange uma ampla diversidade e nem sempre consegue lidar com todas as complexidades presentes. Diante disso penso em uma educação para a vida, uma atuação de constante atualização, despertando em meus alunos a curiosidade e o interesse pelo conteúdo trabalhado, dialogando com o cotidiano e as experiências dos mesmos.

## Referências

LARROSA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ. [online]**. 2002, n. 19, p. 20-28.



## MEMÓRIAS DA INFÂNCIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIAS A PARTIR DE LEMBRANÇAS NA MINHA COMUNIDADE

Lizandra Nascimento Lima



**Fonte:** Acervo da autora.

Entendendo que cada um tem seus próprios relatos e sua própria história, compreendemos que uma das coisas que temos em comum são as memórias. Essas que carregamos conosco pelo resto de nossas vidas, sendo marcadas por momentos importantes, ocasiões essas, que estão cada vez mais raras na sociedade atual. O século atual é marcado pela era digital, conhecidos como geração Alpha, com tendências cada vez mais propícias ao contato com o mundo virtual e cada vez menos com o mundo real. Para Larrosa (2002, p. 22): “Uma sociedade constituída sob o signo da informação é uma sociedade na qual a experiência é impossível”. Assim, enfatizando uma preocupação acerca do excesso ao acesso à informação, desaproximando as pessoas das experiências, do contato.

As melhores lembranças da minha infância são marcadas por experiências que tive brincando na rua da minha casa, foi nesse local que construí boa parte das melhores experiências. Me lembro que havia um “pé de manga” ao lado da minha casa, onde eu e minhas amigas nos encontrávamos todos os dias depois da escola, onde

colhíamos as frutas, e as devorava ali mesmo. Não posso deixar de contar dos episódios de pique esconde que tínhamos à noite, quando estávamos em período de férias, era comum juntar todas as crianças da rua e brincar a noite toda, e o legal era brincar apenas uma vez, porque? A graça era percorrer todas as redondezas da nossa comunidade, se tornava impossível de encontrar os colegas, e quando finalmente chegava a hora de “bater”, ouvia os gritos de mamãe me chamando para entrar porque já estava tarde; assim fazíamos todas as noites das férias de verão durante anos e anos.

Percebo que tive muitas oportunidades de criar memórias no local onde morava, mas sem desconsiderar a escola, onde sempre me chamou atenção durante as aulas de educação física quando reuníamos a turma e todos “brincavam de vôlei”. Com essa e diversas outras experiências infantis, que me moldaram e são reflexo do meu eu hoje, que pretendo proporcionar aos meus futuros alunos, no sentido que eles possam ter em suas aulas, vivências que promovam os atravessar, tocar e marcar como consta no conceito de experiência segundo Larrosa (2000).

Ao finalizar, entendendo o real significado da experiência, além de levar para o pessoal, foi necessário levantar questionamentos sobre como isso pode impactar na minha construção de experiências aos meus alunos. No texto diz que “A palavra experiência contém inseparavelmente a dimensão de travessia e perigo” (Larrosa, 2002, p. 25); seguindo essa menção, foi possível refletir sobre as aulas de educação física e como posso trazer novas possibilidades de experiências. Ao interpretar essa citação percebo a necessidade de conhecer e vivenciar e inovar, com novas pessoas e locais, assim, no que se refere ao perigo, eu pretendo me colocar em “perigo” sempre tentando inovar e surpreender nos planejamentos, e no que se refere aos alunos, o “perigo” será relacionado a experimentação de novas vivências, podendo através disso, contribuir com a criação de novas experiências.

#### **Referências:**

LARROSA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ. [online]**. 2002, n. 19, p. 20-28.

CARBINATTO, Bruno. **O que é a geração Alpha?**. VC S/A, 2022. Disponível em: <https://vocesa.abril.com.br/coluna/guru/o-que-e-a-geracao-alpha>. Acesso em: 25 mar. 2023.



